

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

CAIO ALEXANDRE DINIZ SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES DE ESPARTA: GUERRA, EDUCAÇÃO, CULTURA E
SOCIEDADE**

SÃO LUÍS

2018

CAIO ALEXANDRE DINIZ SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES DE ESPARTA: GUERRA, EDUCAÇÃO, CULTURA E
SOCIEDADE**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Livia Bomfim Vieira.

SÃO LUÍS

2018

Silva, Caio Alexandre Diniz.

As representações de Esparta: guerra, educação, cultura e sociedade. /
Caio Alexandre Diniz Silva. – São Luís, 2018.

117 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do
Maranhão, 2018.

Orientador: Prof. Dr^a. Ana Lúvia Bomfim Vieira

CAIO ALEXANDRE DINIZ SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES DE ESPARTA: GUERRA, EDUCAÇÃO, CULTURA E
SOCIEDADE**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Livia Bomfim Vieira.

Aprovada em: 27/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a). Dra. Ana Livia Bomfim Vieira (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão

Prof. (a). Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Examinador 1)

Universidade Estadual do Maranhão

Prof. (a). Dra. Monica Piccolo Almeida (Examinador 2)

Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos, minha avó e a minha namorada. A toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Meu muito obrigado a todos!

AGRADECIMENTOS

Durante toda a graduação, todos os dias tive de enfrentar várias batalhas, estas só puderam ser superadas graças ao apoio que tive de várias pessoas até aqui. Com isso, pude perceber a necessidade de ter pessoas que acreditem em você sempre ao seu lado. Aqui posso agradecer a presença de cada um de vocês em minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus, pelos objetivos alcançados. Aos meus familiares por todo o suporte que me foi dado para que aqui chegasse. Agradeço a minha namorada *Ana Luiza*, por sempre ter me incentivado a superar barreiras e alcançar meus objetivos, se hoje encerro este ciclo, devo boa parte disso a você.

Agradeço a universidade, a direção do curso e a todos os funcionários desta instituição, que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada. Agradeço ao corpo docente na figura dos professores *Fábio Henrique, Adriana Zierer, Henrique Borralho, Monica Piccolo, Yuri Costa, Milena Galdez e Helidacy Corrêa* pelo suporte teórico, fundamental para minha formação durante este período, especialmente à minha orientadora *Ana Livia*, que, desde o primeiro período, tem me ajudado no processo de formação acadêmica, e servindo como um modelo a ser seguido em minha vida profissional e pessoal. Agradeço profundamente pelos conselhos e orientações sempre enriquecedoras, que sempre me faziam perceber que estava trilhando o caminho certo.

Meus sinceros agradecimentos a *Matheus Muniz, Pedro Rodrigo, Lucas Bastos, Allyson Bruno, Rosivaldo Brito, Matheus Dias, William Braga, Reylton Rafael, Clodomir Junior, Thais Coutinho, Rayssa Maria, Lianne Sodré, Kalyne Trindade, Ingrid Silva, Raynara Macau, Katyre Rosa, Évelyn Alencar, Gabriel Silva, Alexia Thalessa, Thayane Sousa, Geysa Muniz, Tereza Raquel, Nayara Nunes, Déborah Santos, João Pedro, Vanessa Marques, Alan Carvalho, Denilson Costa, Rafael Nunes, Rodrigo Castro, Rafael Ramos, Sarah Layse e Mariana Torres*, pelo constante incentivo e amizade compartilhada. E meu agradecimento mais que especial a *Gabriele Carvalho*, uma grande amiga que a História me deu e que levarei comigo para sempre onde quer que eu vá.

Não posso esquecer do meio maior incentivador e mestre, *Professor Sampaio*, que acreditou em mim e decidiu investir durante o Ensino Médio para que eu estivesse aqui. Meu muito obrigado!

“Foi perguntado a um velho espartano porque motivo Esparta, ao contrário das demais cidades gregas, não tinha muros. Ele respondeu que os muros de Esparta eram os seus homens.”

(TIRTEU)

RESUMO

O presente trabalho intitulado “As Representações de Esparta: Guerra, Educação, Cultura e Sociedade” visa estabelecer uma análise sobre as interações culturais entre as sociedades antigas, sobretudo a grega, a fim de compreender a forma que estas se representavam e representavam o outro. Enquanto Atenas neste período era caracterizada por ser uma *pólis* considerada bastante urbanizada, Esparta era detentora de características consideradas arcaicas, já que sua cultura tinha base nos valores rurais, sua base econômica era a agricultura, não prezavam muito pelo comércio e detinha um sistema legislativo extremamente rígido voltado para a defesa da *pólis* por meio da formação dos cidadãos/guerreiros – os *hóplitas*, fazendo assim com que Esparta fosse uma *pólis* voltada à educação guerreira. A partir dessa identidade coletiva como uma *pólis* guerreira, busco construir um *corpus* imagético a fim de identificar a forma com que Esparta se representava na tentativa de perceber padrões de continuidade ou ruptura nas representações de guerra e guerreiro no mundo grego.

Palavras-Chave: Antiguidade. Esparta. Representação.

ABSTRACT

The present work entitled "The Representations of Sparta: War, Education, Culture and Society" aims to establish an analysis of the cultural interactions between the ancient societies, especially the Greek, in order to understand the way in which they represented and represented the other. While Athens in this period was characterized as a polis considered to be highly urbanized, Sparta possessed characteristics considered archaic, since its culture was based on the rural values, its economic base was agriculture, they did not value much by the trade and it had an extremely legislative system rigid defense of the polis by means of the formation of citizens / warriors - the hóplitas, thus making that Sparta was a polis directed to the warrior education. From this collective identity as a warlike polis, I seek to construct an imaginary corpus in order to identify the way in which Sparta was represented in the attempt to perceive patterns of continuity or rupture in the representations of war and warrior in the Greek world.

Keywords: Antique. Sparta. Representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A SOCIEDADE ESPARTANA	13
1.1 Uma breve contextualização da educação no mundo grego	13
1.2 A Política educacional de Aristóteles e a Lacedemônia	19
1.3 A República de Platão e os lacedemônios	23
1.4 Xenofonte e a Constituição dos Lacedemônios	31
2. REPRESENTAÇÕES DE ESPARTA NOS DOCUMENTOS	43
2.1 Discussões teóricas sobre a Representação Social	44
2.2 A Representação de Esparta no discurso de Xenofonte	50
2.3 A problemática da Representação espartana nos Livros Didáticos	63
3. ICONOGRAFIA E A SOCIEDADE ESPARTANA	72
3.1 A produção de vasos na Lacônia	72
3.2 A discussão metodológica em torno da análise de imagens	85
3.3 A análise iconográfica espartana	98
4. CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa estabelecer uma discussão sobre “*As Representações de Esparta: Guerra, Educação, Cultura e Sociedade*”. Para isso, tem como objetivo através de análises das fontes escritas sobre a sociedade espartana, compreender um pouco do funcionamento desta e a forma como lidavam com a questão da guerra em seu cotidiano.

No primeiro capítulo é feita uma abordagem teórica sobre a sociedade em questão, a fim de identificar nas fontes escritas, o que era de fato “ser espartano” para aquela sociedade. É feita uma análise das obras de Aristóteles¹, Platão² e Xenofonte³, onde estes versam sobre as estruturas da sociedade espartana em seus discursos. Algo em comum no discurso dos autores é que todos eles falam sobre a educação na sociedade espartana, esta era usada na transmissão de valores e condutas que os cidadãos de Esparta deveriam ter.

Entretanto, antes de mergulhar nos discursos sobre as questões da educação espartana na visão dos filósofos mencionados acima, faz-se necessária uma abordagem sobre a educação grega nesse período para melhor compreender a diferença do sistema educacional de Esparta. Para isso, é feita então uma breve contextualização sobre a educação no mundo grego que recebeu influência de civilizações próximas na elaboração do seu sistema educacional, dentre elas, destaca-se a influência dos egípcios.

Os gregos entendiam que a educação era extremamente importante na formação de seus cidadãos. Estes eram submetidos a transmissão do conhecimento por meio da oralidade e também de forma hereditária, logo, há um importante papel familiar no processo educacional dos cidadãos. Um fator diferencial na educação dos gregos frente aos demais povos é que estes não queriam apenas ensinar seus cidadãos a dominar a escrita e a leitura, por meio da educação, transmitiam os valores culturais fundamentais para a manutenção de suas *pólis*⁴.

¹ Aristóteles (Ἀριστοτέλης) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande. Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia.

² Platão (Πλάτων) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

³ Xenofonte (Ξενοφῶν) foi soldado, mercenário e discípulo de Sócrates. Ele foi autor de inúmeros tratados práticos sobre assuntos que vão desde equitação a tributação, ficou conhecido pelos seus escritos sobre a história do seu próprio tempo e pelos seus discursos de Sócrates.

⁴ A pólis - plural: póleis - era o modelo das antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico, vindo a perder importância a partir do domínio romano.

O sistema educacional de Esparta se diferenciava bastante do sistema educacional de Atenas, isso devido ao fato de que as *póleis* em questão, tinham organizações sociais bem diferentes, enquanto uma voltava a sua educação para a formação de guerreiros, outra visava a formação de indivíduos bem instruídos intelectualmente a fim de prepará-los para lidar com questões políticas que diziam respeito a *pólis* que pertenciam.

Na visão de Aristóteles, uma cidade com um bom sistema educacional gera bons governantes e cidadãos, logo, deve haver uma preocupação especial com a educação da sociedade, pois através deste é que os indivíduos são moldados. Defende também que, para que a população desfrute de uma boa educação, seu legislador deve ser submetido a uma educação diferenciada e também ter sido governado por outros. (ARISTÓTELES, *Política*)

Aristóteles ressalta o êxito do sistema educacional espartano na transmissão dos valores de sua sociedade, entretanto, considera uma brutalidade expor suas crianças a violência, defendendo sobretudo que isso poderia acarretar em traumas e problemas físicos na vida adulta e ressaltava a importância do cuidado com a saúde por parte de seus cidadãos por meio da prática de exercícios físicos sem exageros e atividades intelectuais como a política e a filosofia.

Platão compreendia a rigidez do sistema educacional de Esparta e o fato deste ser preocupado com a formação de cidadãos guerreiros pelo fato de Esparta ser uma *pólis* militarista e voltada a questões sobre a guerra. Ressalta também a importância de os espartanos destinarem uma educação as mulheres, equiparada a educação na qual os homens eram submetidos, algo que não acontecia em Atenas, por exemplo, onde a mulher era vista de forma completamente diferente. Acreditava-se que submetendo as mulheres ao treinamento militar, além de gerar crianças mais fortes, poderiam também proteger a cidade em caso de rebelião. (PLATÃO, *A República*)

Ao propor a criação de uma *Cidade Ideal*, muito da política educacional proposta por Platão já era vigente na sociedade espartana, como por exemplo, o acesso das mulheres à educação, a responsabilidade governamental do governo em garantir uma educação de qualidade a todos seus cidadãos e diversas outras coisas. Isso é também reforçado por Plutarco⁵ ao observar que, um dos pontos em comum entre a *Cidade Ideal* de Platão, e a constituição de Esparta se dava pelo uso da poesia e cantos na educação de seus cidadãos da *pólis* para a transmissão de valores.

⁵ Plutarco (Πλούταρχος) foi um historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo, conhecido principalmente por suas obras *Vidas Paralelas* e *Morália*.

Xenofonte ao comparar os sistemas educacionais de Esparta e Atenas, explica que a *Agôgê*⁶, seria a *Paidéia*⁷ ateniense, aplicada nos moldes da sociedade espartana. A diferença entre essas é que a *Agôgê* era uma prática educacional institucionalizada pela *pólis* de Esparta, um ponto em comum é que ambas buscavam, por meio da formação dos cidadãos, construir e alcançar um tipo de “*Homem Ideal*” de acordo com a necessidade individual de cada uma das *póleis*. O termo “*Agôgê*” foi usado para distinguir a política educacional de Esparta de divergir de todo e qualquer tipo de *Paidéia* implementada no *Mundo Grego* antes ou depois do *Período Clássico*. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*)

No segundo capítulo, são analisadas as representações de Esparta nas fontes escritas, o documento escolhido para análise da representação espartana é a obra de Xenofonte “*A Constituição dos Lacedemônios*”, produzida pelo filósofo na tentativa de construir uma imagem da sociedade espartana. Antes de analisar a obra, é feita uma discussão teórica sobre a *Representação Social*, fundamental para tratar das relações sociais a fim de melhor compreender as relações culturais e sociais de determinado grupo.

Sobre a representação de Esparta presente no discurso de Xenofonte, a análise de sua obra nos leva a pensar e discutir sobre “*Quem eram os espartanos?*”. Visto que os escritos dos próprios espartanos sobre eles mesmos não chegaram ao nosso século, a obra de Xenofonte, mesmo este não sendo um ateniense, nos possibilita ver uma Esparta de forma mais ampla, por mais que faltem detalhes sobre suas instituições, a obra do filósofo nos dá uma pré-noção da forma em que a sociedade era composta.

Este destaca que era possível reconhecer os espartanos em qualquer espaço da *Hélade*⁸ devido a forma como seus corpos eram definidos, fruto da formação genética destes indivíduos. Além dessa, haviam diferenças culturais e biológicas, também apontadas pelo autor em sua obra. O discurso de Xenofonte nos faz perceber que a política implantada na *pólis* de Esparta teve papel crucial no mantimento da tradição por meio da educação, que era a principal responsável pela transmissão dos valores aos cidadãos.

⁶ *Agôgê* (ἀγωγή) era o rigoroso regime obrigatório de educação e treinamento imposto a todos os cidadãos espartanos do sexo masculino, exceto aos filhos primogênitos das casas então reinantes, Euripôntida e Ágida.

⁷ *Paidéia* (παιδεία) é a denominação do sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga, que incluía temas como Ginástica, Gramática, Retórica, Música, Matemática, Geografia, História Natural e Filosofia, objetivando a formação de um cidadão perfeito e completo, capaz de liderar e ser liderado e desempenhar um papel positivo na sociedade.

⁸ Os antigos gregos autodenominavam-se helenos, e a seu território chamavam Hélade, nunca tendo chamado a si mesmos de gregos nem à sua civilização Grécia, pois ambas essas palavras são latinas, tendo sido atribuídas a eles pelos romanos.

As abordagens referentes ao conteúdo de História Antiga no livro didático, ainda são carregadas de concepções consideradas ultrapassadas e ainda possuem o velho teor canônico. A História Antiga ainda é vista como o estudo das sociedades antigas, organizadas em civilizações, que desembocaram na formação da Civilização Ocidental. A problemática em torno da representação espartana no livro didático, se dá pela dificuldade em encontrar materiais que trabalhem a história da sociedade espartana, isso faz com que poucas páginas sejam destinadas à da história espartana, onde é reforçado que as instituições de Esparta eram consideradas arcaicas e ressalta-se o militarismo exacerbado da *pólis*.

No terceiro e último capítulo, é feita uma abordagem sobre a iconografia em Esparta, onde é feita uma revisão historiográfica sobre a produção de vasos na Lacônia⁹, além disso, é levantada uma discussão sobre formas metodológicas da análise dos vasos lacônios e por fim, estabelece uma análise de três vasos produzidos na região da Lacedemônia descrevendo, com base na metodologia de Claude Bérard¹⁰ e Claude Calame¹¹, a cena retratada e elementos que a mesma carrega.

Existem apenas dois catálogos sobre os vasos lacônios figurados na Europa. Comparando a produção dos vasos lacônicos com os vasos áticos e coríntios, percebe-se que a produção e comércio de peças laconianas se dava em menor proporção. Isso é explicado pela localização geográfica das *póleis* que acabava por influenciar nas bases de seu sistema econômico. Esparta estava localizada em uma área agrária a 40 quilômetros da costa, logo, isso fez com que voltasse sua economia para a agricultura. Atenas e Corinto eram *póleis* geograficamente próximas ao mar, facilitando o intercâmbio marítimo e dominando o contato com o norte da Grécia e o golfo coríntio.

No que se refere à discussão metodológica sobre a análise das imagens nos vasos, por meio de uma análise aprofundada é possível constatar elementos nas representações com uma estreita relação com a mitologia, aristocracia e o cotidiano das *póleis*. Os gregos não faziam a distinção entre sobrenatural e natural, logo, representações acerca do cotidiano também continham elementos míticos, o que dificulta na leitura e interpretação das representações.

⁹ Lacônia ou Lacónia, também conhecida como Lacedemónia ou Lacedemônia, é uma unidade regional da Grécia, localizada na região do Peloponeso. Sua capital é a cidade histórica de Esparta.

¹⁰ Claude Bérard é especialista em iconografia, semiótica e análise de vasos gregos.

¹¹ Claude Calame é especialista em mitologia grega e possui a estrutura de narrativa mítica da perspectiva de um helenista treinado em semiótica e etnologia e filologia.

As imagens encontradas nos vasos lacônios são geralmente angulares e rígidas, e, em sua maioria, contêm frisos de animais, cenas do cotidiano, especialmente simpósios e muitos assuntos mitológicos. Daí a necessidade do uso das perspectivas de Claude Bérard e Claude Calame na interpretação dos signos figurativos ali representados. Aplicando a metodologia sugerida pelos autores, foram criadas pranchas descritivas das imagens selecionadas para a análise, a fim de colaborar para com uma leitura narrativa das imagens em questão.

1. A SOCIEDADE ESPARTANA

Neste capítulo, proponho uma abordagem teórica sobre a sociedade espartana, em especial, usando como base análises sobre importantes obras de três filósofos gregos: Aristóteles, Platão e Xenofonte. Em suas obras, os autores abordam, entre outras coisas, um pouco sobre a organização política, social e econômica de Esparta, estabelecendo um paralelo e elencando esses mesmos pontos em relação a sociedade de Atenas.

Com base nas análises estabelecidas das obras dos autores em questão, poderemos assim traçar uma espécie de perfil sobre o que significava “ser espartano” naquela sociedade. Isso com toda certeza nos levará a compreender melhor a questão da identidade na sociedade espartana, que será trabalhada no capítulo seguinte, quando tratarei da representação dos espartanos nos documentos escritos, já que estaremos tratando, em especial, da educação que, segundo os autores trabalhados, serviria como o principal pilar para a organização social e política das *póleis* de Atenas e Esparta.

1.1 Uma breve contextualização da educação no mundo grego

A Grécia sempre foi herdeira da cultura de outros impérios, egípcio e pérsico por exemplo, um exemplo disso é a forte influência do Egito na educação dos gregos e outros aspectos da sociedade grega.

Do Egito é que nos chegaram os testemunhos mais antigos e talvez mais ricos sobre todos os aspectos da civilização e, em particular, sobre a educação. Embora a pesquisa arqueológica a cada ano venha descobrindo provas de outras civilizações até mais antigas, ainda assim, para os povos que reconhecem sua origem histórica na antiguidade clássica greco-romana e nas posteriores manifestações cristãs que introduziram nela muitos elementos do Oriente Próximo, o Egito está no início da sua história. (MANACORDA, 2006, p. 9)

Para as *ciudades-Estado*¹² gregas, a educação era extremamente importante pois, acreditava-se que, por meio dela, era possível formar cidadãos. Todo o conhecimento era

¹² O termo cidade-Estado significa cidade independente, com governo próprio e autônomo, sendo comum, esta denominação, na antiguidade, principalmente na Grécia Antiga, tais como Tebas, Atenas e Esparta.

transmitido forma oral e também hereditária, dessa forma, a família exercia papel fundamental na educação dos filhos. Como as sociedades naquele período possuíam culturas peculiares, a educação de cada sociedade era pautada de acordo com as regras culturais da mesma, como explica Werner Jaeger¹³

Todo povo que atinge certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. (JAEGER 1994, p. 5)

A diferença entre a educação estabelecida pelos gregos da educação abordada pelos egípcios, mesopotâmicos, fenícios e hebreus, se dá no fato de que, nessas civilizações, o objetivo era a formação de um número restrito de pessoas que viessem a dominar a escrita, por exemplo, entretanto, sem uma reflexão cultural mais profunda, gerando assim indivíduos reprodutores de ordens de governantes e sacerdotes.

É sabido que o aperfeiçoamento, a assimilação e a praticidade das técnicas de transmissão da cultura antes e pós-escrita se deram muito antes da construção do *Mundo Grego*. Entretanto, é dele que surge as bases e fundamentações para a educação do Ocidente. Há bastante peculiaridades no desenvolvimento educativo adotado pelos gregos presentes no legado educacional do Oriente e do Ocidente. De acordo com Claudino Piletti¹⁴:

A que mais se destaca dentre muitas é “o primado da conservação, transmissão e reprodução das tradições culturais coletivas na parte oriental e a da valorização do desenvolvimento filosófico, liberal e individual na parte ocidental, pelo menos para 10% dos habitantes gregos, já que cerca de 90% deles eram escravos, sem terem direito à educação. (PILETTI, 2007)

Claudino Piletti também descreve que a formação do povo grego se divide em vários períodos: *Período Pré-Homérico (2500-1100 a.C.)* ou *heroico*, período onde se dá a formação do povo grego a partir da junção de várias tribos, prevalece então a crença mitológica; *Período Homérico (900-750 a.C.)*, tal período é abordado por Homero¹⁵ na *Ilíada* e *Odisseia*. A transmissão do legado cultural se dava por meio da oralidade sem abandonar a concepção

¹³ Filólogo alemão, cuja obra principal foi *Paidéia*, editada na Alemanha, pela primeira vez, em 1936, chegando ao Brasil somente em 1966.

¹⁴ Claudino Piletti graduou-se em Filosofia e Pedagogia. É doutor em Educação (USP), professor de História e Filosofia da Educação da Faculdade Paulista de Educação e Comunicação (Fapec) e professor aposentado da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). É autor de vários livros nas áreas de Educação e História.

¹⁵ Homero foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

mitológica a fim de justificar que os acontecimentos e a vida eram regidos pelo sobrenatural. A transmissão oral se dava por meio dos *cantadores ambulantes*, *aedos*¹⁶ e *rapsodos*¹⁷, que reproduziam sobre os mitos e valores culturais da sociedade em seus discursos.

A educação nesse período [...] compreende um duplo ideal de homem, ou seja, o homem de ação e o homem de sabedoria. Esse duplo ideal – sabedoria e poder de ação – tinha que ser atingido por todos os gregos livres. (PILETTI, 2007, p. 59)

O *Período Arcaico* (*século VII e VI a.C.*), além de ter sido marcado pela formação das *ciudades-Estado*, foi o período também da presença da escrita, moeda, lei, dos sofistas e da vida urbana na *pólis* grega. A *pólis* de Esparta, a partir deste período, voltava a formação de seus cidadãos, por meio da educação, exclusivamente para a preparação física militar visando à guerra. Não há ainda uma atenção voltada para a educação do homem em geral e para a compreensão humanística de mundo.

Em relação à instrução, eles recebiam apenas exatamente o que era absolutamente necessário. Todo o restante de sua educação tinha em vista torná-los sujeitos ao comando, suportar os trabalhos, lutar e conquistar. (PILETTI, 2007, p. 60)

Na sociedade espartana, as crianças que nasciam doentes ou com alguma deformidade, eram atiradas de um despenhadeiro ou, algumas vezes, eram adotadas por um *hilita*¹⁸. As crianças sadias, ao completarem sete anos de idade, eram tiradas de suas famílias e tinham a sua educação confiada ao Estado. Nesse processo, as meninas recebiam das mães instruções sobre as atividades domésticas. Ao completarem os doze anos, os meninos dedicavam-se às práticas esportivas, quando atingiam a maioridade, entre os 18 ou 19 anos, seus treinamentos visavam prepara-lo estritamente para a guerra. Ao completarem 30 anos, os homens conquistavam a cidadania (liberdade civil), porém só estavam liberados do serviço militar após completarem 60 anos de idade. Essa era a forma de educação espartana.

Enquanto isso, em Atenas, em especial no final do século VI a.C. e início do século V a.C., a ciência e a filosofia regem o sistema educacional da sociedade. Para os atenienses, a educação intelectual tinha a mesma relevância que a educação física, logo, objetivava a formação do homem pleno tanto corporalmente, formação essa vinculada à arte e à estética,

¹⁶ Um aedo (ἄοιδός) era, na Grécia antiga, um artista que cantava as epopeias acompanhando-se de um instrumento de música, o forminx.

¹⁷ Rapsodo (ραψωδός) é o nome dado a um artista popular ou cantor que, na antiga Grécia, ia de cidade em cidade recitando poemas (principalmente epopeias). E que é meramente um contador de histórias.

¹⁸ Os hilotas eram os servos da sociedade de Esparta. Diferentemente dos escravos, os hilotas eram propriedade do Estado, que administrava a produção econômica.

quanto intelectualmente. O objetivo era formar o homem em sua plenitude tanto corpórea quanto intelectual. E a formação corpórea estava vinculada à arte e à estética. Ao contrário do que era feito em Esparta, na sociedade ateniense, a criança aos sete anos de idade era confiada aos cuidados de um pedagogo, responsável pela sua educação. “*Os pedagogos eram escravos ou servos encarregados de levar e trazer as crianças às escolas*” (PILETTI, 2007, p. 61). Piletti destaca também que “*O menino ateniense frequentava dois tipos diferentes de escolas: a escola de música e a escola de ginástica ou palestra*” (PILETTI, 2007, p. 62).

A busca incessante dos atenienses na formação de um duplo ideal de homem, revestido de valores como a ação e a sabedoria, fez surgir a figura dos *sofistas*¹⁹ (450-400 a.C.). Por conta das constantes guerras contra os persas, os pedagogos deveriam, segundo as leis constitucionais de Clístenes²⁰, que conduziam a sociedade ateniense nesse período, comparecer aos campos de batalha em defesa da *pólis*, entretanto, era necessário que alguém cuidasse da educação e crescimento intelectual dos cidadãos atenienses. Tal necessidade fez com que novos mentores surgirem nesse período: *os sofistas*. Os *sofistas* eram considerados como mestres da retórica e da cultura, logo, aptos a exercer o papel intelectual grego dos pedagogos nos séculos V e IV a.C. Segundo Nicola Abbagnano²¹, estes ensinavam sobre:

1º O interesse filosófico concentra-se no homem e em seus problemas, o que os sofistas tiveram em comum com Sócrates. 2º O conhecimento reduz-se à opinião e o bem, à utilidade. Consequentemente, reconhece-se da relatividade da verdade e dos valores morais, que mudariam segundo o lugar e o tempo. 3º Erística: habilidade em refutar e sustentar ao mesmo tempo teses contraditórias. 4º Oposição entre natureza e lei; na natureza, prevalece o direito do mais forte. Nem todos os sofistas defendem essas teses: os grandes sofistas da época de Sócrates (Protágoras e Górgias) sustentaram principalmente as duas primeiras. As outras foram apanágio da segunda geração de sofistas. (ABBAGNANO, 1998, p. 918)

Os ensinamentos dos *sofistas*, para a sociedade ateniense, não cumpriram o seu propósito por conta da transmissão de uma educação fragmentada, segundo estes, de certos tópicos de retórica, dialética ou história, concentrando-se apenas em certos pontos. Além disso, as cobranças exigidas pelos sofistas por seus ensinamentos não foi algo bem visto pelos atenienses:

¹⁹ Os sofistas eram considerados mestres da retórica e da oratória, acreditavam que a verdade é múltipla, relativa e mutável. Protágoras foi um dos mais importantes sofistas.

²⁰ Clístenes foi um político grego antigo, que levou adiante a obra de Sólon e, como este último, é considerado um dos pais da democracia.

²¹ Nicola Abbagnano foi um grande e renomado filósofo italiano.

Ainda por cima, os sofistas exigiam pagamento de seus ensinamentos, elencavam a valorização individual, desprezavam a existência de ideias universais, não mantinham uma relação de integração com seus discentes e para eles a moralidade devia se fundamentar na razão e não nos costumes e tradições apregoadas em períodos anteriores (PILETTI, 2007).

Por conta disso, os atenienses continuaram na busca por um planejamento educacional que viesse atender suas expectativas. Nessa busca, surge a figura de Sócrates²² (470-399 a.C.), este defendia que, para que o homem ateniense alcançasse seus ideais, deveria antes de tudo, conhecer a si mesmo, logo, era necessária uma formação da consciência individual, dessa forma o homem finalmente compreenderia a finalidade da vida e da educação.

A educação não deve ser baseada em informações superficiais ou fragmentadas para ser usada em certas ocasiões, mas deve despertar na mente do ser sua capacidade de procurar compreender as coisas a partir da experiência individual de cada um. É a partir do fazer nascer as ideias da própria consciência do indivíduo que se alcança o conhecimento real. (PLATÃO, *Protágoras*, p. 58).

Platão relata o que Sócrates defendia como necessário: o nascimento (parto) das ideias. A partir disso, no final do século V a.C., a educação grega cria mecanismos que influenciariam de forma direta, principalmente para o lado do mundo ocidental.

No que se refere ao *Período Clássico (final do século V a.C. ao século IV d.C.)*, a partir desse momento são desenvolvidas leis e políticas públicas para a sociedade. A educação no período clássico é pautada na razão humana, dessa forma, o homem grego, nesse período, tinha liberdade de pensamento, crítica e reflexão, o que acabava por conduzi-lo a conhecer a si mesmo usando a racionalidade da vida. Nesse período também surgem grandes educadores, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles.

A educação do *Período Clássico* vem em contraponto a do período anterior, sobretudo em Atenas, deixando de priorizar a educação física do indivíduo e a arte da guerra e voltando-se a formação do indivíduo através da filosofia, letras, arte, educação física moral e estética, música, retórica, etc. Os atenienses compuseram seu currículo escolar considerando três partes como básicas: letras, música e ginástica com docentes especializados.

A elaboração da educação clássica transforma progressivamente a formação aristocrática. Acompanha a vulgarização da escrita alfabética e o aparecimento, devido à extensão das relações comerciais no Mediterrâneo, de novas classes sociais.

²² Sócrates (Σωκράτης) foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga.

Ao desporto e à música acrescentam-se os ensinamentos – leitura, escrita, retórica, filosofia – exigidos pelas novas necessidades. De simples técnica de conservação comunitária, a educação torna-se objetivo em si. O ensino da música (aprendizagem coral e instrumental) e da ginástica, sob autoridade do pódotribe que realiza a preparação para as competições atléticas dos jogos pan-helênicos, procura sempre a formação dos caracteres e dos cidadãos. Daí a importância pedagógica e cultural dos três locais de educação do corpo, o ginásio, a palestra, o estádio. O gramático ensina a leitura, a escrita e o cálculo. Ensino sumário, extenso, porém, a vários anos, quatro segundo Platão, devido à dificuldade dos textos sem pontuação e onde as palavras não são separadas, apela a uma disciplina rigorosa, à mecanização – salmodiavam-se as palavras, as sílabas, as composições de sílabas – e sobretudo à memória: recitação dos textos memorizados. (ARENILLA, 2001, p. 179-180).

Os atenienses, nesse período, conseguiram construir um sistema educacional que visava formar cidadãos voltados à política, dando origem assim a *Paidéia*, cujo o principal objetivo era formar um indivíduo íntegro para a vida coletiva. Ainda assim, os gregos acreditavam que a educação era um constante processo de construção que, quanto mais cedo o indivíduo tivesse acesso, melhor ele atuaria para nas questões políticas da cidade:

Todo o futuro do humanismo deve estar essencialmente orientado para o fato fundamental de toda a educação grega, a saber: que a humanidade, o ser do Homem se encontrava essencialmente vinculado nas características do Homem como ser político. (JAEGER 1994, p. 17)

Vale ressaltar que antes de se chegar a formação da *Paidéia*, percorreu-se um longo caminho até se chegar a um sistema educacional com as características acima, logo, a educação dos gregos se divide em dois momentos históricos, um antes e o outro proporcionado pela *Paidéia*. O primeiro momento sofreu grande influência de Homero e tinha como objetivo principal a formação de guerreiros, característica presente no sistema educacional espartano, segundo Moses Finley²³ “*Primeiramente, a ênfase recaía sobre o treinamento militar: o cidadão deve ser capaz de prestar serviço militar. Esse aspecto arcaico permaneceria sempre muito marcante em Esparta*” (FINLEY 1998, p. 212).

Durante o século VI a.C., em Atenas, começou a se construir as primeiras noções do que viria a ser a *Paidéia* grega que seria disseminada em todas as demais cidades gregas, com exceção de Esparta e Creta. Nesse sistema, as preocupações militares seriam colocadas em segundo plano, dando importância maior as atividades cívicas visando a formação do indivíduo

²³ Historiador americano radicado na Inglaterra, especialista na economia do mundo greco-romano.

voltado para as atividades intelectuais da *pólis* e com sua saúde corporal colocando em prática o ideal de corpo são mente são.

1.2 A Política educacional de Aristóteles e a Lacedemônia

Mediante análise da formação do princípio educacional grego, torna-se possível estabelecer uma espécie de comparação entre os sistemas educacionais das duas principais *cidades-Estado* gregas, Esparta e Atenas, a fim de perceber melhor, as visões de Aristóteles sobre a educação no mundo grego.

Falando um pouco sobre o autor a ser estudado, Aristóteles nasceu no ano de 384 a.C. em Estagira, cidade da Trácia fundada por colonos gregos no lugar onde hoje faz parte da atual Macedônia. Perdeu seu pai ainda jovem, o mesmo era um grande médico. Em 367 a.C., na cidade de Atenas, torna-se aluno um dos alunos mais destacados de Platão. Em 347 a.C., fundou uma escola retórica de grande reputação em Atenas, onde no mesmo ano, deixa a cidade para tornar-se embaixador do rei Filipe²⁴ da Macedônia. Casou-se com uma das sobrinhas de Hérnias, rei tirano de Atárnea, após isso, parte para a cidade de Mitilene onde permanece até 342 a.C. Nesse mesmo período, retorna à Macedônia para educar Alexandre²⁵, filho do rei Filipe, de 13 anos.

Em 335 a.C., quando Alexandre parte em conquista da Ásia, Aristóteles retorna a Atenas e abre uma escola perto do templo de Apolo Lício chamada de escola do Liceu. Com a morte de Alexandre em 323 a.C., é acusado de traição por parte de Demóstenes²⁶, que assume o trono da Macedônia no lugar de Alexandre, e se vê obrigado a fugir para Cálcis, na ilha de Eubéia, onde falece no ano de 322 a.C., deixando dois filhos, uma menina chamada Pítia e um menino, Nicômaco.

Os pensamentos filosóficos críticos de Aristóteles, buscavam refletir, na maioria das vezes, sobre o homem e a sua formação social. Tal pensamento era pautado, geralmente,

²⁴ Filipe II (ΦίλιπποςΒ) da Macedônia ou Macedónia foi rei da Macedônia de 359 a 336 a.C.

²⁵ Alexandre III (ἈλέξανδροςὉΜέγας) da Macedônia ou Macedónia, comumente conhecido como Alexandre, o Grande ou Alexandre Magno, foi rei do reino grego antigo da Macedônia e um membro da dinastia argéada.

²⁶ Demóstenes (Δημοσθένης) foi um preeminente orador e político grego de Atenas. Sua oratória constitui uma importante expressão da capacidade intelectual da Atenas antiga e providenciam um olhar sobre a política e a cultura da Grécia antiga durante o século IV a.C. Demóstenes aprendeu retórica estudando os discursos dos grandes oradores antigos.

no tipo de educação que aquele indivíduo receberia. Dessa forma, podia-se explicar a origem de suas virtudes, por exemplo.

Aristóteles, de forma teórica, fala sobre uma espécie de sistema educacional que, mesmo interpretado como similar ao de Platão, não há evidência alguma de que o sistema educacional proposto por Aristóteles seja uma ramificação do que foi proposto por Platão:

O ensino de Aristóteles afasta-se muito do idealismo místico de Platão. Atingir o fim supremo da vida não significa para ele, de modo algum, afastar-se da realidade. Pelo contrário, em virtude da imperfeição da natureza humana, a vida necessita de uma série de bens e entre estes se situa também a Educação, que cobrirá suas insuficiências e imperfeições. (HOURDAKIS, 1998, p. 147).

Segundo Aristóteles, o sucesso de uma cidade com bons governantes é pautado em um bom sistema educacional e em uma preocupação especial com o mesmo, já que, segundo o ele aponta, a partir do sistema educacional implantado é que são moldados os futuros governantes do Estado, entretanto, isso também requer um controle populacional pois, torna-se mais difícil ainda educar e governar uma cidade muito populosa:

Pode-se pensar em restringir a natalidade, e não a propriedade, de maneira a não ser permitido o nascimento de mais de umas tantas crianças; fixando o seu número, a atenção deve voltar-se para as probabilidades de algumas crianças nascidas vierem a morrer, e para os casos de casamentos estéreis. Negligenciar o assunto, como acontece em muitas cidades, resultará no aumento da pobreza entre os cidadãos, e a pobreza a revolta e o crime (ARISTÓTELES, *Política*, p. 48).

Aristóteles defende que a função do legislador é proporcionar aos cidadãos uma boa educação para que esta possa moldar as qualidades dos indivíduos daquela sociedade. Para isso, aquele governante precisa ter uma formação diferenciada e, em dado momento, ter sido governado por outro:

Já definimos as qualidades que os homens devem ter por natureza para serem mais facilmente guiados pelas mãos do legislador; o restante é obra da Educação, pois os homens aprendem algumas coisas pelo hábito e outras por ouvi-las dos mestres. (ARISTÓTELES, *Política*, p. 250-251).

Para Aristóteles, as questões militares da sociedade devem servir apenas para manter o bem-estar e trazer proteção aos demais cidadãos. O filósofo, nesse ponto, apresenta uma “deficiência” posta pelo legislador de Esparta que, por ser uma sociedade militar voltada à guerra, segundo ele, os cidadãos não sabem regozijar de momentos de paz, já que o legislador

não oferece grandes possibilidades aos seus cidadãos, chegando a compara-los como “escravos de guerra”.

O filósofo também coloca que, desde o casamento, os pais devem se preocupar com a educação que a criança será exposta, já que essa irá interferir de forma direta em sua formação enquanto cidadão. Aristóteles fala que pais muito jovens não passam muita segurança na formação de seus filhos, já pais muito idosos, não aproveitam muito tempo com seus filhos, logo, não poderão oferecer uma educação de qualidade a seus filhos.

É conveniente, portanto, que as mulheres se casem por volta dos dezoito anos de idade, e os homens aos trinta e sete ou pouco antes, pois assim haverá tempo bastante para que a união transcorra enquanto as duas partes estão com o corpo em pleno vigor e para que a cessação da capacidade procriadora ocorra numa época convenientemente coincidente. (ARISTÓTELES, *Política*, p. 260).

Aristóteles sugere que as mulheres, quando gestantes, continuem a se exercitar, assim como as mulheres espartanas. Sugere também que, assim como os espartanos fazem, caso a criança ao nascer apresente algum tipo de deficiência, devem ser rejeitados, conforme as leis que regem a cidade. Entretanto, caso a criança não apresente deficiência alguma ao nascer, está merecendo cuidados especiais, da alimentação à atividade física, conforme sua faixa etária:

É aconselhável usar no período inicial da vida estes métodos de cuidar das crianças ou outros equivalentes; no período seguinte a estes, até os cinco anos, não é aconselhável encaminhá-las a qualquer espécie de estudo ou a afazeres compulsórios, porque isto lhes perturba o crescimento, mas elas devem ser levadas a movimentar-se o bastante para evitar a indolência corporal; pode-se chegar a este resultado de várias maneiras, principalmente por meio de jogos infantis. (ARISTÓTELES, *Política*, p. 262).

Para Aristóteles, a educação deve ser de responsabilidade pública, dessa forma, o educando pertence ao estado, ressaltando assim o verdadeiro sentido de uma educação pública, diferente do modelo espartano, já que o cidadão seria integrante no processo de formação da cidadania. O filósofo entende que uma educação direcionada para um só fim, não legitima tal finalidade e não prepara o cidadão para os momentos de paz como no exemplo da militarmente preparada Esparta. Segundo Aristóteles:

Aqueles que impõem às crianças a prática de exercícios penosos e as deixam ignorantes em relação as outras partes indispensáveis da Educação na realidade fazem das crianças meros trabalhadores braçais, porque pretendem torná-los úteis à

sociedade em uma única tarefa, e mesmo para esta as preparam pior que os outros, como demonstraram nossos argumentos. (ARISTÓTELES, *Política*, p. 272).

Aristóteles ressalta que, em razão da maioria dos cidadãos que viviam em Esparta não serem espartanos, os espartanos viviam em um estado de sítio, pois, a qualquer momento poderia haver uma espécie de rebelião em razão dos *hilotas*, antigos donos das terras, viverem em Esparta como escravos. Segundo Aristóteles, isso justificaria o fato dos espartanos terem implantado tal sistema educacional para a formação de cidadãos pelo fato de que os espartanos necessitavam ser muito bons na guerra, independente de gênero.

Devido a sua população ser pequena em comparação com a população total de Esparta, todos os de origem dórica, homens e mulheres, deveriam ser treinados na arte da guerra, o que os fez um povo guerreiro. Algo a ser destacado na educação de Esparta, que não ocorria na educação de Atenas, é o fato das mulheres terem quase a mesma educação que os homens. (ARISTÓTELES, *Política*, p. 287).

Vale ressaltar que, o fato das mulheres espartanas também receberem treinamento de guerra, assim como os homens de Esparta, não significa dizer que havia uma maior tolerância e valorização da mulher pelos espartanos, o que havia de fato era uma necessidade pautada em dois fatores: 1º no fato de terem mulheres que soubessem lutar e que pudessem proteger a cidade no caso de uma rebelião, quando os homens estivessem em guerra fora da cidade e, 2º no fato deles acreditarem que as mulheres mais fortes gerariam bons soldados.

Aristóteles tece elogios a alguns aspectos do sistema educacional espartano, entretanto, acreditava que o fato de os lacedemônios²⁷ submeterem suas crianças à brutalidade poderia acarretar em traumas na vida adulta e problemas físicos, o que em sua visão, acabava por aproximar os cidadãos aos escravos pois, dependiam do corpo para realizar suas atividades. Aristóteles considerava que o cidadão deveria ter uma atenção maior com a sua saúde, valorizando exercícios físicos sem excesso e atividades intelectuais como a política e a filosofia.

Para Aristóteles, a educação trabalhada em Esparta possibilitava ao indivíduo a compreensão e incorporação dos valores sociais espartanos e suas especificidades. Os lacedemônios incorporaram uma noção de educação voltada a constituição de sua comunidade, por ser uma *pólis* de caráter militarista, o papel atribuído a educação era o de formar cidadãos guerreiros com uma forte identificação com a organização social da cidade. Esse sistema educacional ficou conhecido como “*Agôgé*”, uma espécie de adestramento cujo o objetivo era

²⁷ Habitante da Lacedemônia, Lacônia ou Esparta: os lacedemônios eram severos nos seus hábitos.

formar soldados, depois que este fosse dispensado do serviço militar, passaria então a se preocupar com as atividades políticas, por volta dos 30 anos. Vale ressaltar que a participação política nas assembleias não se dava por discussões profundas sobre as necessidades da cidade, nelas as decisões eram tomadas apenas através do sim ou do não, e as propostas eram definidas pelo conselho de anciãos.

O que hoje, para nós, se assemelha com um sistema político ditatorial, combatia o individualismo tão aclamado pelos atenienses e visível nas assembleias, onde os cidadãos iam com o objetivo de defender seus interesses e não o da cidade. Esparta buscava o interesse coletivo da pólis, logo, a educação era um mecanismo de combate aos interesses pessoais que definia as funções dos cidadãos onde todos tinham obrigações na cidade de pertencer à pátria. *“O fim do estado espartano era a Paideia, quer dizer, a estruturação da vida individual, baseada em princípios e sistematizada de acordo com normas absolutas”* (JAEGER, 1994, p. 114).

Mediante análise dos escritos, conclui-se que Aristóteles inclina-se sobre o modelo educacional ateniense, o que o faz o ter como referência:

Estabelecendo uma análise desses apontamentos, pode-se identificar que os discursos de Platão e Aristóteles são inclinados sobre o modelo de educação que a aristocracia ateniense, entre os séculos V e IV a.C., viria a colocar como referência, no qual, alguns dos valores espartanos poderiam ser ressaltados pelo aparente tradicionalismo de suas instituições político-sociais, onde seus principais aspectos eram em relação aos interesses dos segmentos sociais hegemônicos. (SILVA; VIERA, 2017, p. 106)

1.3 A República de Platão e os lacedemônios

Platão, grande filósofo grego da antiguidade, nasceu no ano de 427 a.C., na cidade de Atenas e era membro de família nobre. Seu nome era Arístocles, entretanto, recebeu o apelido de Platão por ter *“ombros largos”*. Por ser membro de uma família aristocrata²⁸, recebeu educação especial e era um excelente atleta, entretanto, por tradição familiar, dedicou-se a vida pública. Tornou-se discípulo de Sócrates, com quem muito aprendeu. A amizade selada com

²⁸ Membro da aristocracia; nobre, fidalgo.

Sócrates quase lhe custa a vida, desiludido com a política, voltou-se para a filosofia. Por perseguição teve de abandonar a cidade, para onde retornou 12 anos depois.

Nesse período, teve contato com os conhecimentos egípcios, chineses, hindus e judeus, onde transformou tudo isso em uma filosofia própria. Com 40 anos de idade abriu em Atenas uma escola filosófica chamada de “*Academia*”, pois lá reuniam-se mestres e discípulos nos jardins de um rico cidadão chamado Acádemo. Com o conhecimento adquirido ao longo dos anos, Platão então pode formular suas próprias teorias e aprofundar os ensinamentos de Sócrates. Uma das formas de tornar o seu mestre conhecido foi escrevendo vários diálogos colocando seu mestre como figura principal.

Baseou sua filosofia na vaidade das coisas e na importância das ideias, incluindo assim o que chamara de “*teoria das ideias*”, objetos imutáveis e eternos do pensamento, a fim de explicar a aquisição de conceitos, a possibilidade de conhecimento e o significado das palavras. Tornou-se conhecido também por sua “*teoria da anamnese*” (reminiscência), onde explica que muitos de nossos conhecimentos não são adquiridos através da experiência, mas são conhecidos pela alma na ocasião do nascimento, uma vez que a experiência serve apenas para ativar a memória.

Em sua obra “*República*”, Platão descreve o que viria a ser para ele paraíso na terra, construindo sua concepção de um “*Cidade Ideal*”. Na obra, Platão também descreve um tratado sobre teoria política, onde aponta tendências democráticas e totalitárias, e também defende o governo absoluto da sociedade por filósofos ou sábios, onde entraria em vigor o igualitarismo. Platão apenas não falou sobre a doutrina da fraternidade, entretanto, tentou praticá-la.

Quando Dionísio, rei de Siracusa, o convida para Sicília, Platão demonstra como um filósofo deveria governar, ao estranhar certas ideias de Platão, vendeu-o como escravo, onde por ajuda de alguns amigos, conseguiu a liberdade e retornou para Atenas onde lá faleceu, no ano de 347 a.C., aos 80 anos.

Em sua obra intitulada “*A República*”, ao propor uma *Cidade Ideal*, Platão coloca a educação como base essencial na formação dos cidadãos. Tal sistema de educação sugerido por Platão, se deu por meio de uma análise crítica da educação de seu tempo levando-o a pensar em uma ruptura desse sistema educacional e a implementação de outro, a fim de alcançar a *Cidade Ideal* platônica.

Segundo Werner Jaeger, o “*espírito*” de uma *pólis* entre os séculos V e IV a.C., era passado por meio da educação, um exemplo disso seria Atenas com sua filosofia e moralidade e Esparta com sua disciplina e educação militar (JAEGER, 1994, p. 107). Para compreender a essência desse dito “*espírito*”, faz-se necessário compreender como se deu o desenvolvimento de cada uma dessas *pólis*, em especial, por meio da educação, que era o principal instrumento de transmissão de valores. Vale lembrar que os gregos naquele período não se entendiam ainda enquanto gregos, também não existia a noção da Grécia como um Estado uno naquele período, o que existia era um conjunto de diferentes povos unidos por uma língua. Logo, a *Hélade* era um conjunto de *ciudades-Estado* independentes, com divergências socioculturais, mesmo que compartilhassem da religião politeísta e da língua.

Mesmo com os constantes conflitos sociais e políticos entre as *pólis*, em especial entre Atenas e Esparta, havia uma interação cultural, social e também política entre os povos que formavam a *Hélade* como nos jogos Olímpicos, festivais dionisíacos²⁹, nas Guerras Médicas³⁰ e com a formação da Liga de Delos³¹, onde atenienses e espartanos uniram-se para lutar contra a invasão persa:

A Liga de Delos se foi convertendo num império ateniense, de que os aliados eram compelidos a participar e para a qual eram forçados a pagar a contribuição que fora fixada por Aristides, convertendo-se esta, praticamente, num tributo. (JAGUARIBE, 2001, p. XXVIII)

Algumas medidas adotadas por Atenas geraram insatisfação por parte de Esparta, em especial após a ameaça de ataque a Corinto, principal aliada de Esparta, levando assim à Guerra do Peloponeso³² e o surgimento de uma nova liga: a Liga do Peloponeso³³. A guerra teve duração de 27 anos e teve seu fim com a vitória dos espartanos e seus aliados.

No que se refere à educação ateniense desse período, Platão coloca que a mesma se dava por meio da preparação física nos ginásios e o comportamento cívico por meio da poesia, principalmente, de Homero, que era considerado por muitos como o grande educador da *Hélade*

²⁹ Festa em homenagem ao deus Dionísio.

³⁰ As Guerras Médicas foram as guerras travadas entre Gregos e Persas no século V. a.C.

³¹ A liga de Delos foi um tratado de união entre as *ciudades-Estado* gregas visando fortalecer suas forças as guerras contra os Persas. A liga tinha Atenas como líder, que exigia dos membros contribuições em barcos, para fortalecer sua marinha ou, contribuição em dinheiro.

³² A Guerra do Peloponeso foi um conflito entre Atenas e Esparta que ocorreu entre os anos de 431 e 404 a.C., e foi detalhada em relatos de dois historiadores da Grécia Antiga: Xenofonte e Tucídides.

³³ Com o fim da guerra com os persas, Esparta retirou-se, e criou a Liga do Peloponeso através de aliança com as *pólis* que apoiavam Esparta anteriormente. A Liga do Peloponeso teve duração até o século IV a.C.

(PLATÃO, *A República*, 606e). Aos sete anos, o menino ateniense era acompanhado por um pedagogo e aprendia sobre as artes das musas para melhor assimilar os mitos homéricos e assim tornar-se um bom cidadão ateniense. Logo, o ideal de cidadão ateniense estava atrelado a figura dos deuses e heróis a *Areté*³⁴.

Desde o período arcaico, a *Areté* não dizia respeito somente à virtude, mas a própria descendência dos deuses e heróis, o que culminava no fato de os homens atenienses detentores desta *Areté* serem, necessariamente, aqueles pertencentes à aristocracia. (JAEGER, 1994, p. 35)

Platão coloca que, durante o *Período Clássico*, negociantes enxergavam na educação uma forma de seus filhos terem voz na assembleia. Uma das formas que esses negociantes encontraram para proporcionar tal educação aos seus descendentes se deu por meio do papel desempenhado pelos *sofistas*. Tal educação era pautada nos mitos e incentivo as virtudes cívicas, dessa forma, aquele jovem estaria em evidência nos assuntos da *Ágora*³⁵:

Administram o ensino deles e os corrigem desde sua mais tenra infância até o último dia de suas próprias vidas. Tão logo uma criança compreende o que lhe é dito, a ama de leite, a mãe, o tutor da criança e o próprio pai não poupam esforços para que a criança se torne o melhor possível [...] e quando as crianças aprendem a ler e escrever e passam a compreender a palavra escrita [...] recebem obras dos bons poetas para as lerem em classe, tendo também que aprender de cor. (PLATÃO, *Leis*, 325c-d)

Outra forma de educação na sociedade ateniense se dava por meio dos festivais dionisíacos que, aconteciam anualmente e era uma forma de formar a consciência dos cidadãos da *pólis*, pois muitos comediógrafos como Aristófanes³⁶, traziam em suas comédias reflexões sobre a forma de administração e outras coisas atreladas a *pólis*.

Sobre a educação de Esparta, Platão defende a necessidade de esta ter uma educação rígida e preocupada com a formação de cidadãos guerreiros já que, o modo de governo implantado em Esparta era o militarismo, devido ao fato de ser uma *pólis* voltada à guerra. Werner Jaeger explica que “[...] dentro da própria Grécia, o militarismo de Esparta sugeriu

³⁴ *Areté* (do grego ἀρετή, "adaptação perfeita, excelência, virtude") é uma palavra de origem grega que expressa o conceito grego de excelência, ligado à noção de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina.

³⁵ *Ágora* (ἀγορά; "assembleia", "lugar de reunião", derivada de ἀγείρω, "reunir") é um termo grego que significa a reunião de qualquer natureza, geralmente empregada por Homero como uma reunião geral de pessoas.

³⁶ Aristófanes foi um dramaturgo grego. É considerado o maior representante da comédia antiga. Nasceu em Atenas e, embora sua vida seja pouco conhecida, sua obra permite deduzir que teve uma formação requintada.

uma solução política baseada no sacrifício das liberdades individuais em nome da disciplina e da ordem social” (JAEGER, 1994, p.111).

Sabe-se que os espartanos tinham origem dórica e a região onde se estabeleceu a *pólis* de Esparta, foi uma região tomada pelos espartanos dos povos vizinhos, povos esses escravizados pelos espartanos. Isso influenciou diretamente na forma de organização política e social de Esparta e explica a preocupação em formar guerreiros fortes frente às ameaças internas e externas, como foi abordado no subtópico anterior.

Platão também destaca o fato das mulheres espartanas também terem acesso à educação equiparada a educação recebida pelos homens, algo bem diferente do que acontecia em Atenas onde a mulher era vista de forma completamente diferente. Os espartanos acreditavam que submetendo suas mulheres ao treinamento militar, as mesmas seriam capazes de gerar fortes soldados e proteger a cidade em caso de rebelião.

Segundo Platão, a construção de uma *Cidade Ideal* deveria ter suas bases pautadas na justiça, entretanto, apenas por meio de uma educação milimetricamente projetada isso seria possível. Uma das primeiras mudanças proposta por Platão para a construção da *Cidade Ideal* se deu após uma crítica feita aos escritos homéricos que, segundo ele, não era recomendado que fossem usados como base para formação de cidadãos já que o comportamento dos deuses e heróis, nas obras homéricas, é pautado na busca por satisfazer seus desejos, logo, aquilo que não estivesse de acordo com os valores daquela sociedade deveria ser censurado:

Consequentemente, teremos de, antes de mais nada, supervisionar os contadores de histórias e executar uma censura de suas histórias. Faremos uma seleção de suas fábulas, aprovando as boas ou belas e rejeitando as que não o são. (PLATÃO, *A República*, 377b)

Platão defende a necessidade da censura das obras colocando que os jovens não seriam capazes de diferenciar o que ali seria uma alegoria ou não, dessa forma, poderiam assumir comportamentos e posturas indesejadas. Para ter-se então uma *Cidade Ideal*, os comportamentos indesejados não deveriam estar atrelados as figuras dos deuses e heróis. Diante disso, Platão sugere como as narrativas das comédias, das tragédias e da poesia deveriam se dar na *Cidade Ideal*:

Se então conservarmos a primeira opinião [...], então não seria conveniente que eles fizessem ou imitassem outra coisa; e, se imitarem, imitem as coisas que lhe são úteis, logo a partir da infância: ser corajoso, sensato, piedoso, generosos e tudo quanto a isso

se assemelha; mas que não devem praticar nem ser capaz de baixezas, nem qualquer outra coisa vergonhosa. (PLATÃO, *A República*, 395c-d)

A censura das obras na *Cidade Ideal* é pautada na divisão de tarefas da cidade onde é posto que cada indivíduo seria responsável somente por uma atividade, logo, uma pessoa só poderia interpretar e narrar um tipo de sentimento, o que colocava de lado a comédia e a tragédia, que anteriormente, colaboravam com a educação dos cidadãos atenienses.

Platão explica que dessa forma, deixariam os guardiões³⁷ mais medrosos e covardes, devido ao contato com sentimentos de medo e covardia. Platão defendia a imparcialidade narrativa onde, o narrador não fazia parte da história, dessa forma, ele seria incapaz de sentimentos em sua narrativa que viessem de certa forma influenciar os guardiões, sendo assim, seriam narrados apenas os feitos que trouxessem a justiça como virtude principal, virtude essa que alicerçava a *Cidade Ideal* platônica:

Bem, acho que quando um homem moderado lida com o discurso ou as ações de um homem bom em sua narrativa, desejará relatá-los como se ele próprio fosse esse homem, e não se envergonhará desse tipo de imitação. [...] quando, contudo, ele lida com um caráter indigno de si mesmo, não se mostrará disposto a seriamente assemelhar-se a esse caráter inferior, exceto, talvez, por um breve período no qual tal personagem está realizando algo bom. (PLATÃO, *A República*, 396d)

Um outro ponto a ser analisado na *Cidade Ideal* de Platão seria o mito que viria a dar base a fundação da cidade, de forma a fazer com que os habitantes venham seguir as leis que regem aquela sociedade a fim de manter a ordem:

O mito responsável pela tarefa de manutenção da ordem de classificação dos cidadãos, a saber: trabalhadores e agricultores; guardiões e governantes, é semelhante ao mito fenício no qual todos os homens nasceram da terra e, por consequência, seriam irmãos. Entretanto, ainda que nascidos da terra, o deus que os fez teria misturado diferentes elementos em cada raça de homem, fazendo com que eles fossem diferentes uns dos outros. (PLATÃO, *A República*, 414d-e)

Dessa forma, Platão coloca que as raças seriam feitas de ouro, prata, ferro e bronze, onde governantes e auxiliares seriam forjados no ouro e prata; os agricultores e outros trabalhadores, em ferro e bronze, estes seriam responsáveis pelas produções, os de prata seriam

³⁷ Os guardiões, na cidade ideal platônica tinham uma importância tácita, pois eles eram os responsáveis por proteger e garantir a ordem na cidade, não podendo nem ser agressivo demais com os seus concidadãos nem fracos para com os inimigos da cidade. Toda a educação e formação da cidade está pautada na formação e educação destes guardiões, de modo que os melhores seriam considerados aptos a governar a cidade, porque ultrapassariam mais um estágio da educação a eles destinada.

os guardiões da cidade e os de ouro, os governantes. Mesmo com toda essa divisão, Platão elaborou a organização social de forma que não houvesse uma espécie de aristocracia hereditária, colocando que todos eram frutos da terra, possibilitando assim que, pessoas da raça de ouro e prata gerarem filhos de bronze e ferro e vice-versa.

Tal sistema de Platão poderia ser considerado uma loucura por parte dos adultos, e ele sabia disso, logo, acreditava que aplicando seu sistema de educação com as crianças, as mesmas seriam moldadas a se tornarem os futuros cidadãos de uma *Cidade Ideal* platônica. Tal educação se daria por meio de poesias que trouxessem os valores que Platão gostaria que fossem passados aos cidadãos assim como o mito do nascimento dos homens regeria a ordem e divisão da cidade. Na *Cidade Ideal*, o governo seria responsável pela educação, o que significa dizer que, qualquer criança poderia ter acesso a ela, independente da classe que ela pertencesse, dessa forma, por mais que a sociedade fosse dividida em classes, não haveria, na *Cidade Ideal*, uma hereditariedade para ocupação de cargos governamentais, qualquer pessoa que fosse apta a assumir o cargo de governante poderia fazer isso, claro que para isso, passaria por vários estágios que verificariam tal aptidão. “*Estes estágios seriam constituídos, primeiramente, pela prática da ginástica; no segundo momento, pelo aprendizado da música e poesia; no terceiro, das matemáticas e a dialética*” (PAPPAS, 1996, p. 149).

Tomando por base a atenção dada pelo sistema educacional espartano às mulheres, na *Cidade Ideal* as mulheres teriam a mesma educação dada aos homens, o que nos faz pensar em uma espécie de igualdade entre homens e mulheres, mesmo não sendo uma igualdade completa já que Sócrates e seus interlocutores consideravam ainda que os homens fossem mais fortes que as mulheres, mesmo que ambos fossem submetidos ao mesmo sistema de formação:

Por conseguinte, não há um modo de vida ou atividade dos administradores de um estado que diga respeito a uma mulher porque ela é uma mulher ou a um homem porque ele é um homem, mas sim as várias capacidades naturais estão distribuídas da mesma forma entre esses dois seres vivos. As mulheres partilham, por natureza, de todos os modos de vida tal como os homens, porém, em todos, as mulheres são mais fracas do que os homens. [...] Portanto, homem e mulher são naturalmente idênticos no tocante à guarda do Estado. (PLATÃO, *A República*, 455d, 456^a)

Vale ressaltar o importante papel desempenhado pelas culturas de Atenas e Esparta no mundo grego durante o *Período Clássico*, ambas *cidades-Estado* tinham bastante influência sobre a cultura grega nesse período, Atenas buscava desenvolver uma democracia com a

administração voltada à *pólis*, Esparta, por ser uma *pólis* guerreira, tinha sua administração e educação voltada à arte bélica.

Quando Platão propõe a construção de uma *Cidade Ideal*, pensa essa cidade aplicada à sociedade ateniense como uma espécie de crítica não só a educação como a própria democracia ateniense:

[...] a crítica à democracia ateniense e a procura de soluções políticas do mundo grego foram preocupações centrais da vida daquele que é por muitos considerado o maior pensador da Antiguidade: Platão. (PESSANHA, 1987, p. 11)

Platão propusera uma educação diferente à da implantada na sociedade ateniense por meio da poesia, que era usada na educação dos cidadãos da *pólis*. O que mudaria nesse sentido era o conteúdo dos mitos e poesias usadas na educação, tais conteúdos ajudariam a forjar uma mentalidade de valores que seriam usados na formação da *Cidade Ideal* platônica. Outro ponto a ser destacado dentro dessa *Cidade Ideal*, seria a forma de educação usada para a constituição de um exército, que se daria nos moldes da educação da sociedade espartana, onde uma ordem de guardiões se assemelharia à organização militar da *pólis* espartana. Logo, o modo de vida dos futuros guardiões da *Cidade Ideal* platônica seria inspirado no modo de vida dos soldados espartanos:

Na vida dos Espartanos – nas suas refeições coletivas e na sua organização guerreira, instalada em tendas de campanha, no predomínio da vida pública sobre a privada e na estruturação estatal dos jovens de ambos os sexos e, finalmente, na rígida separação entre a população agrícola e a industrial ‘plepéia’ e os senhores livres, devotados só aos deveres cívicos, à prática guerreira e à caça – viu-se a realização consciente de um ideal de educação análogo ao que Platão propõe na República. (JAERGER, 1994, p. 112)

O fato da educação na *Cidade Ideal* ser de responsabilidade do governo, reforça ainda mais a influência da educação espartana para a construção dessa sociedade já que com isso, buscava-se passar aos cidadãos, as crenças e valores que se queria para a constituição da *Cidade Ideal*. Platão, ao contrário do que era proposto na sociedade ateniense, expõe que as mulheres também poderiam realizar as mesmas atividades que os homens, mesmo que não da mesma forma, baseado no modelo social de Esparta onde, acreditava-se que as melhores mulheres ao se relacionar com os melhores homens gerariam indivíduos melhores. (TÔRRES, 2001, p. 52).

Um outro ponto em comum para com a sociedade espartana é o fato da educação na *Cidade Ideal* ter início logo após o nascimento do indivíduo. Dessa forma, ainda cedo, a criança seria separada de sua família e teria a educação confiada ao governo, a fim de formar cidadãos fortes e brandos. Torna-se inegável dizer que a *Cidade Ideal* platônica seria fortemente influenciada pelos valores da cidade de Esparta, mesmo que apenas pontos sejam usado como referência para a criação de algo novo.

A educação na qual os cidadãos de Esparta eram submetidos fazia com que eles fossem revestidos de coragem, honra e temperança, além de desde cedo, os ensinavam a superar tentações e provocações. Na sociedade espartana, o bem coletivo e a excelência, são frutos de valores que fazem parte dos costumes dos cidadãos, desde a infância. Algo que Platão considerava admirável:

Que estas mulheres todas serão comuns a todos esses homens, e nenhuma coabitará em particular com nenhum deles; e, por sua vez, os filhos serão comuns, e nem os pais saberão quem são seus próprios filhos nem os filhos os pais. (PLATÃO, *A República*, 457d)

Plutarco destaca que um dos pontos em comum entre a *Cidade Ideal*, proposta por Platão, e a constituição de Esparta se dava pelo uso da poesia e cantos na educação dos cidadãos da pólis a fim de transmitir valores como força, valentia, à coragem e impulso para a ação:

O estilo era simples e austero, os assuntos graves e morais. Tratava-se, o mais das vezes, de elogios daqueles que haviam morrido por Esparta, cuja felicidade se louvava, e de críticas contra os pusilânimes, cuja vida se pintava difícil e infeliz; e também de incitamentos à virtude, ou da orgulhosa afirmação da própria honestidade. (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, p. 118)

1.4 Xenofonte e a Constituição dos Lacedemônios

Falando um pouco sobre o autor a ser estudado, Xenofonte nasceu no ano de 430 a.C., em Erkhia, perto de Atenas, na Grécia, membro de uma família abastada e influente, foi um historiador, filósofo e general grego. Em sua juventude tornou-se discípulo de Sócrates e cresceu em meio à crise interna instaurada nas cidades gregas por conta de interesses econômicos e suas concepções políticas. Xenofonte tornou-se um general ateniense e historiador, seus escritos são considerados fontes valiosas a respeito dos costumes e feitos

bélicos da Grécia Antiga. Em “*Anábase*”, Xenofonte fala da hegemonia espartana e seu oligárquico: o Governo dos Trinta Tiranos, chefiado por Crítias.

Segundo os escritos do autor, os espartanos construíram um forte exercito terrestre e herdaram dos atenienses uma forte marinha. Os governadores militares espartanos foram colocados à frente de quase todos os Estados gregos, a fim de manter a oligarquia, para muitos desses Estados, os espartanos eram considerados como libertadores daquele povo, entretanto, o domínio espartano mostrou-se mais opressivo do que o dos atenienses.

Os espartanos tiveram durante um certo período uma aliança com os persas, esses, entretanto, além de intervir cada vez mais no *Mundo Grego*, apoiavam os espartanos e atenienses a fim de evitar uma supremacia absoluta de qualquer cidade grega. Xenofonte coloca que, quando Esparta declarou apoio a Ciro³⁸, um jovem rei da Pérsia, teve início o fim da hegemonia espartana. Xenofonte coloca que tentou se aconselhar com Sócrates se deveria ir com Ciro, mas, Sócrates indicou-lhe o oráculo de Delfos.

A pergunta feita por Xenofonte ao oráculo não foi se deveria aceitar ou não o convite de Ciro, mas sim, “*para qual dos deuses deveria rezar e prestar sacrifício, para que pudesse completar sua pretendida jornada e retornar em segurança, com bons resultados*”. O oráculo lhe indicou os deuses. Ao retornar e compartilhar sua consulta ao oráculo com Sócrates, o mesmo o reprime por fazer a pergunta errada, mas o adverte: “*Já que você fez a pergunta errada, você deve fazer o que alegrará os deuses*”.

Por se aliar aos espartanos, Xenofonte foi exilado e teve seus bens confiscados pelos atenienses. No ano de 390 a.C., os espartanos deram a ele uma propriedade na Élida, perto de Olímpia. Ali Xenofonte dedicou-se à produção de suas obras. No ano de 371 a.C., com a derrota dos espartanos na luta contra Tebas, na Batalha de Leutras³⁹, Xenofonte refugiou-se em Corinto. Dentre as obras produzidas por Xenofonte destacam-se: “*Anábase*”, “*A Constituição dos Lacedemônios*”, “*Ciropédia*”, “*Helênicas*”, “*Banquete*”, “*Hiparca*”, “*Apologia de Sócrates*”, “*As Memoráveis*”, “*Do Comando da Cavalaria*”, “*República de Atenas*”, “*Equitação*”, entre outras. Xenofonte faleceu em Élida, perto de Olímpia, na Grécia, no ano de 355 a.C.

³⁸ Ciro II (Kuruš), mais conhecido como Ciro, o Grande, foi rei da Pérsia entre 559 e 530 a.C., ano em que morreu em batalha com os Massagetas. Pertencente à dinastia dos Aquemênidas, foi sucedido pelo filho, Cambises II.

³⁹ A Batalha de Leuctra, 371 a.C., foi uma surpreendente vitória da cidade-estado grega de Tebas, liderada por Epaminondas, sobre o exército Espartano, de Cleombroto I. A batalha marcou o início da hegemonia tebana e o definitivo declínio da Esparta.

Xenofonte, ao escrever “*A Constituição dos Lacedemônios*”, descreve o comportamento dos espartanos na *pólis*. Com isso, Xenofonte além de expor também o tipo de governo implementado em Esparta, aborda o processo de formação do espartano, como uma forma de criticar a sociedade ateniense do século V a.C.

Os documentos que tratam sobre o *Período Clássico* grego, além de abordarem sobre o processo de formação dos indivíduos em suas respectivas *pólis*, tratam do que seria uma espécie de modelo de “*educação ideal*”, atrelado claramente aos interesses de cada *pólis*. Sobre o modelo educacional implementado em Esparta, as obras de Platão e Aristóteles tiveram mais destaque no que se refere a construção da imagem dos lacedemônios ao decorrer da modernidade. Mesmo destacando elementos na formação dos espartanos de forma positiva, outros autores constroem uma imagem rústica dos espartanos. Xenofonte, diferentemente de Platão e Aristóteles, além de tecer comentários sobre as instituições da *pólis* de Esparta, desenvolve um tratado onde também tece elogios as medidas adotadas por Licurgo⁴⁰, mítico legislador espartano, a fim de organizar a conduta dos cidadãos de Esparta.

Vale se atentar ao fato de que, mesmo Xenofonte tendo escrito “*A Constituição dos Lacedemônios*”, ele não era considerado um integrante da sociedade de Esparta, mesmo vivendo um bom tempo entre os espartanos, por ser ateniense. Outro agravante está no fato da maioria dos escritos clássicos que tratam da sociedade espartana terem sido produzidos por atenienses que também exaltam o modelo de educação e organização de Esparta.

Sobre as abordagens feitas no período clássico grego a respeito de Esparta, a obra de Xenofonte nos ajuda a preencher algumas lacunas sobre a História dos Lacedemônios esse período. Em “*A Constituição dos Lacedemônios*”, Xenofonte explica os fatores que colocaram Esparta como uma das *pólis* mais importantes do Peloponeso. Segundo ele, “*Esparta expandiu sua força e autoridade por uma extensão considerável da Hélade, mesmo possuindo um pequeno corpo de cidadãos*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 1).

Entretanto, Xenofonte não esclarece ou cita certas condutas dos espartanos abordadas por outros autores em suas obras, Anton Powell⁴¹ explica que isso se dá pela forma como os espartanos se comportavam frente aos estrangeiros, “*Os lacedemônios se*

⁴⁰ Licurgo (Λυκοῦργος) foi um lendário legislador da *pólis* de Esparta. Nada se sabe seguramente sobre a existência deste personagem.

⁴¹ Anton Powell é professor de estudos clássicos gregos na Universidade do País de Gales.

comportavam dessa forma com o intuito de manterem em segredo os costumes praticados pelos integrantes dessa pólis, no âmbito de sua sociedade” (POWELL, 2001, p. 223).

Xenofonte coloca que a organização político-social de Esparta se deu através de medidas adotadas pelo legislador espartano Licurgo, a fim de manter a ordem na *pólis* dos Lacedemônios (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 2). Segundo ele, “*Licurgo obteve êxito para Esparta, ao agir contrariamente, e sem imitar, as demais cidades-Estado da Hélade”* (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 2). Xenofonte também escreve que “*Licurgo conseguiu por tais medidas em prática com o apoio e influência dos “melhores da cidade”, homens de grande influência em Esparta que o ajudaram nesse processo”* (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, VIII, p. 5).

Os escritos de Xenofonte mostram que o legislador espartano usou a lei para sistematizar os valores que os cidadãos de Esparta deveriam ter. Segundo Werner Jaeger, Xenofonte também deixa claro que tal medida adotada por Licurgo não visava favorecer todos os segmentos sociais de Esparta, “*a nobreza [seria] a fonte do processo espiritual pelo qual nasce e se desenvolve a formação de uma nação”* (JAEGER, 1994, p. 24).

Segundo Xenofonte, Licurgo buscava valores como a excelência, por meio da *Areté*. Jaeger explica que:

A tentativa de se obter a Virtude não era uma prática restrita ao território lacedemônio, podendo ser entendida como um modelo, ao qual todos os helenos aspiravam. Como um meio de caracterizar a *Paidéia* espartana foi utilizado o termo *Agôgé* (ἀγωγή) (JAEGER, 1994, p. 15).

Vanessa Codeço⁴² divide a história da formação do homem grego em dois períodos “*a Paidéia homérica e a antiga Paidéia de Esparta e Atenas*”, e “*um novo período, da Paidéia do ‘século de Péricles’, o qual se inicia com os sofistas e se desenvolverá com os filósofos educadores gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles”* (CODEÇO, 2008, p. 41). A autora explica ainda que a *Paidéia* era usada para formar o indivíduo e transferir os valores daquela sociedade ao mesmo, entretanto, “*no século V a.C., exige-se que essa Paidéia, também forme o homem enquanto cidadão (πολίτης)”* (CODEÇO, 2008, p. 42).

Xenofonte, ao tratar do modelo educacional de Esparta, explica que a *Agôgé*, seria a *Paidéia* ateniense, aplicada nos moldes da sociedade espartana. A diferença estava no ponto

⁴² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

em que, ao contrário da *Paidéia* helênica, a *Agôgé* seria uma prática educacional institucionalizada pela *pólis* de Esparta. Ambos os sistemas visavam a formação dos cidadãos na busca e construção de um tipo de “*Homem Ideal*” para cada uma das *pólis*. O fato da maior parte da documentação histórica do período clássico tratar sobre o modelo educacional ateniense, fez com que a historiografia do século XX, além de considerar tal modelo mais relevante, colaborou para uma generalização do sistema educacional ateniense aplicado ao *Mundo Grego*.

Comparando os sistemas de educação aplicados em Esparta e Atenas, percebemos várias diferenças entre a formação dos indivíduos de cada uma dessas *pólis*. Logo, a historiografia moderna passou a chamar de *Agôgé* o processo de formação a qual os espartanos eram submetidos. Xenofonte em sua obra, divide pela faixa etária as etapas do processo de formação do indivíduo espartano por meio da *Agôgé*. O autor explica que os *Paides* eram jovens entre sete e dezessete anos de idade; os *Paidiskoi* eram indivíduos entre dezoito e dezenove anos e os *Hebontes/Eirens/Hippeis* correspondiam aos indivíduos com idade entre vinte e nove e nove anos. Nas palavras de Moses Finley:

Essa educação realizada em grupos bem determinados e de práticas formalizadas, possivelmente se destinava a inculcar a obediência, a coragem, a disciplina, habilidade militar profissional e uma vida pública ao invés da privada. (FINLEY, 1989, p. 29)

O *Paidónomos* (παιδονόμος) era responsável pela conduta dos indivíduos em seus grupos. Entretanto, este contava com auxiliares, segundo relatos de Xenofonte, “*Um grupo de jovens portando chicote tinha a responsabilidade de corrigir os meninos sempre que fosse preciso, visando à manutenção do respeito e da disciplina*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 2).

Xenofonte escreve que os *paides* eram tirados de suas famílias aos sete anos de idade e divididos em grupos conhecidos como *iles* onde ali conviviam com outros indivíduos da mesma faixa etária. O *paidónomo* era responsável pela seleção de um *hebonte* que conduziria aquele grupo, este passaria a ser chamado de *eiren* (εἶρενα). Segundo Xenofonte:

Caso não houvesse nenhum *paidónomo* ou *eiren* era permitido a qualquer “varão” tomar o mando. Caso não se fizesse presente nenhum homem mais velho, era permitido que o mais apto dentre esses jovens tomasse o controle na formação dos demais companheiros (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 11).

O jovem poderia continuar retornando a casa de sua família até que completasse doze anos de idade para passar a noite. Entretanto, já com os doze anos de idade completos,

este jovem deveria dormir com seus companheiros de alojamento, prática que perduraria até os trinta anos de idade (HODKINSON, 2002, p. 105). Plutarco relata que:

Os jovens, conforme iam crescendo, tinham suas cabeças raspadas, caminhavam descalços e ficavam nus a maior parte do tempo. Abandonavam a túnica e recebiam um único manto para o ano inteiro. Esses jovens ignoravam todo tipo de cuidado com a aparência, e dormiam em esteiras feitas de juncos da margem do Rio Eurotas (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, p. 16).

Nesta faixa etária, segundo Kalina Vanderlei Silva⁴³ tinha início a *efebia* “[...] instituição que misturava o serviço militar obrigatório com a iniciação dos jovens nos costumes gregos, em geral patrocinada por um tutor mais velho” (SILVA, 2006, p. 180). A *efebia* funcionava como um complemento à educação dos chamados *eromenos*. Sobre isso, Hodkinson⁴⁴ explica que “o jovem adulto tinha a responsabilidade pela conduta do *eromenos*, dividindo sua honra e sua desgraça” (HODKINSON, 2002, p. 109).

Segundo Xenofonte, a tentativa de Licurgo em fazer com que os varões viessem a se atrair pelo físico dos *mancebos*, o levou a adotar medidas diferentes das demais *póleis* (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 13). Segundo ele, Licurgo teria estabelecido que “os amantes se diferenciasssem dos amados, assim como um pai se afasta dos filhos, ou os irmãos dos irmãos, quanto aos prazeres do amor” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 3). Plutarco também relata que:

A reputação dos amantes estava atrelada a reputação do amado, logo, caso um jovem atestasse sua má conduta em público, seu amante seria punido pelos *éforos* (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, I, p. 18).

Thomas Scanlon⁴⁵ ao tratar das etapas percorridas dentro da *Agôgé*, classifica o fato do jovem deveria dormir com seus companheiros e até mesmo se relacionar com outros homens como um primeiro “*aspecto iniciático*”, ou “*rito de passagem*” (SCANLON, 2002, p. 77-78). Segundo ele, a passagem por este rito consistia na diferença entre os jovens que já estivessem inseridos nessa prática dos demais *mancebos*. Segundo relatos de Plutarco, um jovem poderia ter mais de um *erastes*. Segundo ele, “estes, ao invés de disputarem a atenção do amado, acabavam amando-se entre si (os amantes), e se esforçavam em comum em benefício do

⁴³ Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade de Pernambuco (no Departamento de História da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata e no curso de mestrado em Hebiatria da Faculdade de Odontologia de Pernambuco).

⁴⁴ O professor Hodkinson é diretor do Instituto para o Estudo da Escravidão da Universidade de Nottingham e diretor do Centro de Estudos Espartanos e Peloponesianos da Universidade Nottingham.

⁴⁵ Thomas Michael Scanlon é um grande e importante filósofo americano.

amado” (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, I, p. 18). Isto nos permite destacar, entre os jovens, valores como a solidariedade, companheirismo e a ajuda mútua, valores estes considerados fundamentais na formação do guerreiro espartano.

Um outro ritual a ser destacado entre os jovens estava relacionado a alimentação. Xenofonte relata que uma das medidas adotadas por Licurgo referente a educação dos jovens, a fim de torna-los mais resistentes, estabeleceu que eles fossem alimentados somente com o suficiente para que não se sentissem pesados após as refeições (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 5). Além disso, caso os jovens sentissem “*pontadas da fome*”, deveriam se esforçar para sacia-la, dessa forma, estabeleceu o roubo entre os indivíduos desta idade (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 5-6).

Xenofonte não via a questão do roubo como algo agradável, todavia, explica que Licurgo, ao permitir o roubo, buscava explorar a capacidade dos jovens em desenvolverem “*recursos engenhosos*”, e assim, tornarem-se mais aptos para a guerra (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 7). Para que o roubo tivesse sucesso, o jovem deveria usar de astúcia, silêncio e da perspicácia, ou seja, agir sem ser notado, algo que fazia total diferença no campo de batalha.

Sobre os *paidiskoi* (παιδίσκων), alguns historiadores como Scanlon, essa etapa tinha início aos quatorze anos (SCANLON, 2002, p. 78), outros como Whitby⁴⁶ e Hodkinson acreditam que a mesma tinha início na vida do indivíduo quando ele completava os dezoito anos (WHITBY, 2002, p. 15). Segundo Xenofonte, “*quando o indivíduo completava dezoito anos, a insolência, o orgulho e os desejos dos prazeres se fazem mais presentes na vida e nas atitudes dos jovens*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, III, p. 2-3). Hodkinson coloca que, ao completar dezoito ou dezenove anos de idade, o indivíduo cumpria a primeira etapa da *Agôgê*, a partir desse momento, o Estado o manteria sob um restrito controle, e suficientemente ocupado em “*missões*” (HODKINSON, 2002, p. 105). Segundo o autor, “*nesta faixa etária o jovem espartano possuiria uma função semelhante à de reservista do exército da atualidade*” (HODKINSON, 2002, p. 105).

Nessa nova fase, os jovens guerreiros passavam por um ritual chamado de *Kryptéia*⁴⁷. Segundo Plutarco, nesse ritual, o *paidónomo* escolhia alguns *hebontes*, dentre os

⁴⁶ L. Michael Whitby é um historiador britânico antigo da Antiguidade Tardia. Ele é especialista em história romana tardia, história bizantina e historiografia.

⁴⁷ *Kryptéia* (κρυπτεία) é uma Tradição cultural ou um Rito de passagem praticado por jovens espartanos que integrava o regime de educação *Agogê*, quando esses jovens experimentavam um período de exclusão, violência

eiren. Era ordenada a ida destes ao campo, armados com um punhal e o mínimo necessário de víveres, usado para o descanso a noite. Em dado momento, estes desciam até as estradas e degolavam quantos hilotas pudessem surpreender (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, II, p. 28). De acordo com Moses Finley, “[...] a *Kryptéia* teria como principal intenção o policiamento dos hilotas, evitando que os mesmos pudessem se revoltar e controlando o número excedente de *servos estatais*” (FINLEY, 1989, p. 29-30).

Dessa forma, o ritual da *Kryptéia* acabava por ter uma importância política e social para a sociedade espartana. Entretanto, faz-se importante a compreensão da palavra *Kryptéia* como um “*ritual*”, aplicado na Lacedemônia. Segundo Martine Segalen⁴⁸:

O rito se caracteriza por meio de uma configuração espaço temporal específica. Devido à utilização de uma série de objetos, de comportamentos e linguagens próprios de uma cultura, o rito se constituiria em um conjunto de sinais codificados e identificados por um grupo (SEGALEN, 2002, p. 27).

De acordo com Carlos Eduardo da Costa Campos “[...] o rito somente possui valor real quando é legitimado e reconhecido pelos indivíduos que compõem uma determinada sociedade” (CAMPOS, 2009, p. 46). Logo, supõe-se que, os *esparciatas* legitimavam o ritual da *Kryptéia*, a fim de manter seus status. A *Kryptéia* é pouco mencionada pelos autores clássicos. Segundo Powell, “*tal silenciamento residiria no sigilo das práticas sociais espartanas*” (POWELL, 2001, p. 223).

Os *hebontes* é o grupo mais complexo dentro do processo de formação do jovem espartano. Ao concluir essa etapa, os jovens aproximavam-se bastante da ascensão aos maiores cargos políticos e militares dentro de Esparta. Ao completar vinte anos, o jovem adulto era efetivado pelo exército. Segundo Hodkinson:

A partir desse momento, a ele era permitido o casamento, entretanto, o indivíduo não poderia coabitar com sua esposa até os 30 anos. Além disso, a responsabilidade de suprir as necessidades de sua família cabia ao seu amante (HODKINSON, 2002, p. 105-109).

Os *hebontes* que tinham maior destaque, eram destinados a liderar um *ile* pelos *paidónomos*, passando a serem chamados de *eirens*. “*Os que não tivessem essa exclusividade*

e inversão. Os historiadores acreditam que servir na *Cripteia* era um rito de passagem para a compleição do próprio *Agogê*, durante o qual os soldados aprendiam a como se camuflar e ganhavam experiência para um combate corpo a corpo.

⁴⁸ Martine Segalen é uma etnóloga francesa e especialista em questões familiares e culturais.

recebiam dos paidónomos um chicote para que provessem castigos aqueles que julgassem ter merecido” (HODKINSON, 2002, p. 110).

Segundo Xenofonte, os éforos faziam uma seleção de três homens, dentre os esparciatas, a estes era dado o nome de *Hippagretai* (ἵππαγρέται). “Estes eram responsáveis por elaborar uma lista com o nome de cem *hebontes*, explicando as razões para fornecerem honras a uns e rechaçarem outros” (XENOFONTE, IV, *A Constituição dos Lacedemônios*, p. 2-3). Os trezentos melhores *hebontes* eram selecionados a fim de formarem a guarda pessoal dos reis, os *Hippeis*.

Os *Hippeis* que completavam seus vinte e nove anos, e estavam prestes a serem dispensados para ingressarem no corpo de esparciatas, tornavam-se *agathoergoi* e serviam por um ano nessa classe, realizando “serviços especiais” para o Estado Lacedemônio (HODKINSON, 2002, p. 113).

Xenofonte coloca que, ao completar trinta anos, o jovem se tornava um adulto, a partir desse momento o mesmo teria o direito de se eleger as magistraturas mais importantes e morar com sua família – esposa e filho(s). O autor escreve também que:

Para que o esparciata não se descuidasse de sua forma física, Licurgo determinou que esses indivíduos praticassem a caça. No intuito de poderem suportar as fadigas da vida militar, tal como os jovens (XENOFONTE, IV, *A Constituição dos Lacedemônios*, p. 7).

Tais nomenclaturas acirravam a rivalidade entre os *hebontes*, tal rivalidade perduraria por anos. Segundo Xenofonte, por mais que se buscasse uma espécie de igualdade entre os membros dessa sociedade relacionada aos direitos políticos e sociais de Esparta, a livre disputa pelo mérito pessoal, fazia com que uns se sobressaíssem sobre os outros. Por conta disso, pensa-se que a rivalidade e a busca por lideranças seria, talvez, um ideal dentro da *Agôgé*.

Xenofonte também destaca que o ponto culminante do processo educacional seria a aceitação do jovem adulto na *Sissítia*⁴⁹ (συσσιτία). “Antes de serem integrados efetivamente em um destes grupos, era dado ao jovem o direito de observar, com o intuito de se beneficiarem com os feitos dos homens mais velhos” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, V,

⁴⁹ *Sissítia* (συσσιτία) era uma refeição comum de homens e jovens em grupos sociais ou religiosos, especialmente em Creta e Esparta, na Grécia Antiga, embora também em Mégara, no tempo de Teognis (século VI a.C.) e em Corinto no tempo de Periandro (século VII a.C.) que parece ter abolido a prática por ser favorável à aristocracia.

p. 5). Entretanto, vale salientar que todos os espartanos participavam da *sissítia*, mesmo que de forma. Segundo Marrou⁵⁰:

No ideal da educação espartana como uma instituição voltada para a formação do caráter dos indivíduos, no qual tudo deveria ser “sacrificado” de acordo com os interesses da comunidade cívica, o único bem favorável era o da pólis, no qual só seria justo o que se vinculava aos interesses do Estado espartano (MARROU, 1975, p. 45).

Por fim, no que se refere ao conceito de *Agôgé*, sabe-se que há uma espécie de consenso acadêmico em atribuir esse termo a educação de Esparta. De acordo com Edmond Lévy⁵¹:

A educação espartana já levava o nome de *Agôgé* no período helenístico e de dominação romana na Grécia, contudo, essa “*Agôgé tardia*” apresentaria grandes diferenças em relação aos métodos educacionais espartanos do período Clássico (LÉVY, 2003, p. 50).

Segundo Nigel Kennell⁵², tal conceito não deveria ser utilizado para se referir ao processo educacional em Esparta no período Clássico. O autor argumenta que “*a Agôgé só foi definitivamente estabelecida no século III a.C. O termo que deveria designar a educação dos Lacedemônios seria Paidéia*” (KENNELL, 1995, p. 83).

Nigel Kennell também alerta que os escritores dos séculos V e IV a.C., expõem os rituais de iniciação e aculturação como únicos no meio de vida dos espartanos, entretanto, em nenhum momento se referem a educação da Lacedemônia por um nome específico (KENNELL, 1995, p. 113). Michael Whitby considera o raciocínio de Nigel Kennell como muito radical (WHITBY, 2002, p. 83). Por mais que Kennell baseasse seu raciocínio nas documentações do período Clássico, Helenístico e Romano (KENNELL, 1995, p. 98-114), Michael Whitby coloca que se faz necessário o uso do conceito de *Agôgé* para caracterizar o sistema educacional de Esparta e suas peculiaridades dentro do *Mundo Helênico*:

Se nos atentarmos para os conceitos de *Agôgé* e *Paidéia* e a ideia que pretendiam transmitir, os mesmos seriam identificáveis enquanto práticas que visassem finalidades semelhantes, ou seja, a formação de um tipo ideal de cidadão. Contudo, se

⁵⁰ Henri-Iréné Marrou é um historiador de antiguidades francês, especialista no cristianismo primitivo e na filosofia da história.

⁵¹ Edmond Lévy é considerado um grande e importante historiador de antiguidades francês.

⁵² Nigel Kennell é professor do Departamento de Estudos Clássicos, do Oriente Próximo e Religiosos da University of British Columbia. Ele é graduado pela Universidade de Toronto (Ph.D.) e pela Universidade da Columbia Britânica, e suas áreas de especialização são a história de Esparta, epigrafia grega e cultura cívica grega nos períodos helenístico e romano.

evidenciarmos as práticas propriamente espartanas, a *Agôgé* se diferenciaria da *Paidéia* tradicional, idealizada no período Clássico, por filósofos como Platão e Aristóteles. (WHITBY, 2002, p. 83-84)

A relevância do termo *Agôgé* na caracterização da política educacional de Esparta se dá pelo fato de divergir de todo e qualquer tipo de *Paidéia* implementado no Mundo Grego antes ou depois do período Clássico. A aproximação desses dois conceitos se dá pela finalidade de ambos em formar um modelo de indivíduos com base nas necessidades de cada *pólis*, dessa forma, a *Agôgé* poderia ser considerada enquanto uma forma de *Paidéia*.

Logo, a singularidade da *Agôgé* espartana se dava na construção de um tipo ideal de soldado-cidadão, conforme a necessidade da *pólis*. Tal conceito foi formulado no período Helenístico, justamente na tentativa dos historiadores em classificar o modelo educacional lacedemônio. Segundo Powell,

No território da Lacedemônia, como um todo, o indivíduo era subtraído em benefício do Estado, e talvez esse fosse um dos principais papéis da *Agôgé*, no qual “os iguais (homoioi) tinham o dever de serem homogeneizados” (POWELL, 2001, p. 226).

Vale destacar que a aplicação desse ideal se dava por meio de uma interação social completa, logo, a *Agôgé* compreendia toda a vida social do indivíduo, dos sete anos de idade a “*Bela Morte*⁵³”, algo visto como digno por parte de um guerreiro.

No que se refere aos estudos da análise dos discursos de Xenofonte, segundo Ana Elias Pinheiro⁵⁴, ao analisar a obra “*Banquete*” (Συμπόσιον) de Xenofonte, expõe que o mesmo não teria integrado o grupo dos filósofos socráticos pelo fato de não ter desenvolvido nenhum tratado de filosofia. Logo, a autora classifica os textos produzidos pelo filósofo como “diálogos socráticos” (PINHEIRO, 2008, p. 20). A autora coloca também que “[...] somente uma relação forte, mesmo que fugaz com o filósofo [Sócrates] poderia ter dado origem a tal empenho na sua reabilitação” (PINHEIRO, 2008, p. 24). J. K. Anderson⁵⁵ em seu trabalho biográfico

⁵³ A “*Bela Morte*” segundo a historiadora Maria Regina Candido, seria a morte do soldado cidadão, em pleno campo de batalha, no cumprimento de defender a *pólis*. (CANDIDO, 2003, p. 126)

⁵⁴ Doutora em Literatura e Cultura Grega, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa.

⁵⁵ John Kinloch Anderson, durante a Segunda Guerra Mundial, serviu no Royal Highland Regiment (o famoso “Black Watch”) e participou de campanhas na Europa (Grécia, Sicília) e no Sudeste Asiático (Birmânia, atrás das linhas japonesas), fornecendo serviços vitais em inteligência. Depois da guerra, em 1946, leu Clássicos na Christ Church, Oxford, graduando-se em 1949 com um diploma de bacharel em história antiga. Em 1949-50, ele frequentou a Escola Britânica em Atenas e em 1950-52 foi um MacMillan Fellow na Universidade de Yale. Participou de muitas escavações arqueológicas: no Peloponeso, escavando na antiga Corinto, em Chios (Grécia) e na Turquia, onde passou várias temporadas na antiga Esmirna (Izmir) e em outras expedições.

intitulado “*Xenophon*”, expõe que parte do conhecimento de Xenofonte sobre política e religião se deu pelo contado com os ensinamentos de Sócrates (ANDERSON, 1974, p. 34).

Tomando por base as análises de George Cawkwell⁵⁶, o mesmo coloca que Xenofonte abandona o contexto social de Atenas para ingressar no exercito de Ciro em busca de novos conhecimentos e fortuna (CAWKWELL, 1979, p. 11). Explica que o contato de Xenofonte com os lacedemônios pode ser considerado um fator resultante do seu exílio de Atenas, além da luta com os espartanos na Batalha de Coronea, contra os atenienses, em 394 a.C. (ANDERSON, 1974, p. 163-164). Com base nesses dados pode-se pensar que:

[...] os principais fatores que teriam levado Xenofonte a escrever um tratado a favor dos valores sociais dos lacedemônios seriam as suas tendências políticas, o seu contexto histórico e o seu lugar social de fala. (ASSUMPCÃO, 2013, p. 129)

A afirmativa ao fato do discurso de Xenofonte ser posto como uma crítica à sociedade ateniense é reforçado pelos apontamentos de Helena Brandão⁵⁷ que, ao analisar o discurso de Xenofonte, expõe que os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos usados por Xenofonte, fazem do discurso o lócus de conflito ideológico, pois a sua linguagem não é neutra, inocente e nem natural (BRANDÃO, 2007, p. 09). A análise feita por Eni de Lourdes Orlandi⁵⁸ complementa a análise feita por Brandão. A autora explica que os sentidos de um discurso não se encontram somente nas palavras e nos textos, também não dependem intrinsecamente das intenções do sujeito que o produziu, mas se estabelecem por meio da relação que ele mantém com o seu contexto social de produção (ORLANDI, 2007, p. 30).

⁵⁶ George Cawkwell é um estudioso clássico especialista em história antiga da Grécia, no século IV a.C.

⁵⁷ Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1963), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1979); e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988), Livre-docência pela USP e Pós-doutorado pela Universidade pela Universidade Grenoble III-Fr.

⁵⁸ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi é uma pesquisadora e professora universitária brasileira.

2. REPRESENTAÇÕES DE ESPARTA NOS DOCUMENTOS

Neste capítulo, será feita a abordagem sobre a forma como a sociedade espartana foi representada nos documentos produzidos no Período Clássico grego. Para isso, nos debruçaremos sobre a obra de Xenofonte “*A Constituição dos Lacedemônios*” sobre a sociedade espartana a fim de compreender a construção feita nos documentos sobre Esparta, ou seja, compreender como Esparta era vista por aqueles que falaram sobre ela.

Neste capítulo será feita uma discussão acerca da construção da imagem de Esparta nos discursos historiográficos, em especial, de Xenofonte em “*A Constituição dos Lacedemônios*”, e autores que até hoje são tidos como referência nos estudos sobre a antiguidade, em especial, a civilização grega. Para isso, tomo por base o pensamento de Ciro Flamarion Cardoso⁵⁹ sobre a escrita da História na pós-modernidade a fim de fugir do que o mesmo chama de “paradigma iluminista”, que visava uma História com aspirações “científicas e racionais”:

Acreditava-se que, fora de tal atitude básica, o saber histórico não responderia às demandas surgidas da práxis social humana no que tange à existência e à experiência dos seres humanos no tempo, nem seria adequado no enfoque da temporalidade histórica como objeto. (CARDOSO, 1997, p.4)

Segundo Cardoso, uma das críticas ao chamado “paradigma iluminista”, se dava ao fato dos historiadores pouco se preocuparem com os indivíduos, o que levou a construção de um “paradigma pós-moderno”, dando fim a questão do que era chamado de “lugar de fala”, que era cercado de interesses e visões particulares imersas em poderes:

Todas as representações humanas de todos os tipos são simbolicamente mediadas. Em outras palavras, o conhecimento humano em todas as suas formas tem a ver com linguagens (no sentido semiótico: verbais tanto quanto não-verbais) e processos de significação (semioses). (CARDOSO, 1997, p.18)

Na busca pela verdade, novos pensamentos e olhares passaram a serem vistos positivamente construindo assim uma História de verdades. Dessa forma, pode-se construir, por exemplo, o estereótipo da mulher espartana, com base nos escritos da época, dotada de liberdade e autonomia, diferentemente de várias sociedades onde a submissão era característica

⁵⁹ Renomado historiador brasileiro que, no âmbito dos estudos da Antiguidade, produziu algumas obras que são referências importantes para esta área de estudos históricos, como *Trabalho compulsório na Antiguidade* e *Sete olhares sobre a Antiguidade*.

principal da mulher. Revisitar tais escritos nos proporciona novas interpretações e visões a respeito de tal fato.

As construções historiográficas acabam por nos direcionar a uma vertente e dessa forma criar o que seria “a verdade”. Isso não é tão ruim, se levarmos em consideração que precisamos ter uma certa base ou noção, que adquirimos em contato com essas “verdades”, para um maior aprofundamento nos objetos de pesquisa. A obra historiográfica é, pois, uma das formas possíveis de representação do passado, o que leva a dar relevância, e submeter a discussão, dois conceitos: verdade e verossimilitude (VAL VALDIVIESO, 2004, p.14).

Ao estabelecer a análise da obra de Xenofonte, buscamos identificar para quem Xenofonte constrói seu discurso e, além disso, compreender os tipos e a finalidade das representações que por ele são usadas, logo, cabe responder “*Para que e para quem*” este autor escreve. Para isso, faz-se necessário entender as relações de auto reconhecimento de uma *Hélade* onde as *pólis* estão em intenso conflito e como estas discutem a questão da identidade entre os séculos V e IV a.C. Para elencar tal discussão se faz necessário estabelecer uma discussão teórica sobre a *Representação Social* e o uso das fontes, formas e modelos linguísticos, que tratam sobre isso. Posterior a essa análise, será feita uma outra análise sobre a problemática da forma que Esparta é representada nos livros didáticos e o que colabora para tal construção.

2.1 Discussões teóricas sobre a Representação Social

No século XX, as escolas teóricas contribuíram bastante com estudos a respeito das representações do indivíduo na sociedade que estava inserido levando em consideração as estruturas sociais da mesma. Com base nas palavras de Denise Jodelet⁶⁰:

Depositar o indivíduo como sujeito, como atuante, como agente, implica em necessariamente, entender nele potencial, possibilidade, de preferência, e, portanto, de escolha em suas ações, em suas empresas permitindo-lhe escapar da passividade diante das pressões ou constrangimentos sociais e intervir, de maneira autônoma, no

⁶⁰ Denise Jodelet possui graduação em Licença de Ensino de Filosofia e diploma de Estudos Superiores de Filosofia, ambos pela Universidade de Sorbonne, em Paris. Foi professora da Escola de Hautes de Estudos Ciências Sociais, também na França, aonde fez seu doutorado. Seus principais campos de atuação são as Representações Sociais, Alteridade, Cultura e Saúde Mental.

sistema das relações sociais, como detentor de suas decisões e senhor de suas ações (JODELET, 2009, p. 689).

As representações eram consideradas apenas uma de muitas outras formas existentes de ver e entender o mundo de forma parcial e fragmentada, dessa forma, não se questionava a questão da origem ou sentido social, mas sim, sua veracidade. “*Não se discutia sua operacionalidade nem sua fundamentação teórica, uma vez que seus resultados eram presumidos de antemão*” (OLIVEIRA, 1999, p.183).

[...] trabalho sobre representações pode, ao mesmo tempo, tirar partido e contribuir para um trabalho sobre a subjetivação, de um duplo ponto de vista teórico e prático. A visão geral, certamente limitada, que acaba de ser traçada, poderia, considerando a ligação entre subjetividade e representação, fornecer certas orientações sobre o plano da produção de conhecimentos e significações, dos efeitos sobre os conteúdos representacionais imputados às formas de subjetivação ligadas aos quadros sociais e históricos ou do papel das representações na constituição das subjetividades e de sua afirmação identitária. (JODELET, 2009, p. 694).

A *Representação Social* é muito importante para se pensar as relações sociais pois, por meio dela, podemos compreender as relações culturais e sociais de determinado grupo. Isso se dá pelo contado com os indivíduos sociais, atrelado a isso, o que também influencia bastante nesse processo, é a forma como vemos e entendemos a realidade a nossa volta. Segundo Serge Moscovici⁶¹:

Para que se possa entender as relações humanas é essencial fazer uma análise do todo comunitário, isto é, do coletivo, para poder-se perceber a barganha de elementos, conhecimentos, que a representação social produz em uma comunidade, em um grupo. (MOSOVICI, 1981, p. 56)

Moscovici também coloca que a representação é composta pela ancoragem e objetivação.

A ancoragem faz menção às ideias que recebem uma forma real; já a objetivação, é possibilitada através de novas imagens de um tema, e permite a produção de novas categorias, novos conceitos por meio do assunto. (MOSCOVICI, 1981, p. 58)

⁶¹ Serge Moscovici foi um psicólogo social romeno radicado na França. Trabalhou como diretor do Laboratoire Européen de Psychologie Sociale, que ele co-fundou em 1975 em Paris.

Por meio da *Representação Social*, os grupos produzem e reproduzem os valores sociais da sociedade que pertencem, além disso, segundo Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski⁶²:

Outra possibilidade propiciada pelas representações é entender os comportamentos coletivos no espaço e no tempo em que são produzidos. É a famosa contextualização histórica, sempre importante à análise sociológica (HOROCHOVSKI, 2004, p. 97)

Com base nas análises de Moscovici e Horochovski, entende-se que as representações relacionam-se de forma direta com o contexto no qual elas foram produzidas, além disso, são difundidas pelos indivíduos da própria sociedade pois a representação é produzida por eles e para eles.

Para Moscovici, as *Representações Sociais*, na contemporaneidade, ajudam a explicar e entender o mundo e momento que vivemos, da mesma forma como os mitos eram usados pelos gregos e outras sociedades, influenciando diretamente no comportamento dos indivíduos.

A representação se focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os lugares comuns e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que veem, os humores de seu vizinho e o poder a que se submetem. (MOSCOVICI, 1985, p. 02)

Horochovski, considera que o caráter ímpar das *Representações Sociais* se dá por meio da interpretação e comunicação permitindo assim, produzir e elaborar conhecimentos (HOROCHOVSKI, 2004, p. 100). Para Moscovici:

[...] são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aquelas e estas e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior. (MOSCOVICI, 1978, p. 50)

Na tentativa de deixar mais clara a colocação de Moscovici, Horochovski coloca que as *Relações Sociais* buscam trazer para mais perto de nós, aquilo que não conhecemos, ou seja, transformar o desconhecido em conhecido:

⁶² Possui graduação em Ciências Sociais (1995), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. É professora da Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral), atuando no curso de graduação em Gestão Pública e no Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável (PPGDTS/UFPR).

As representações sociais objetivam transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar. Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é seu intuito. Esse processo transformador é determinado pela linguagem, imagem e ideias compartilhadas por um dado grupo. Se, a princípio, a familiaridade evidencia-se é preciso parar, recuar a ponto de visualizar o aspecto desconhecido que a representação envolveu e familiarizou. (HOROCHOVSKI, 2004, p. 99)

Segundo Denise Jodelet, as representações que guiam determinados grupos, podem gerar conflitos se adotado por outros, logo, as representações são elementos complexos dentro de cada sociedade.

As representações são elementos em disputa, já que elas são produzidas de maneiras interna nos grupos, e assim, cada grupo tende a produzir suas próprias representações, e que por isso, podem, portanto, ser diferentes umas das outras, o que causaria o choque. (JODELET, 2001, p. 26)

Jodelet coloca que. Na maioria das vezes, há uma dificuldade muito grande ao estabelecermos análises sobre formas de representação devida as varias modificações internas nos grupos sociais ao longo do tempo, entretanto, ressalta que, por conta da dificuldade, está é, para ela, a melhor parte do trabalho:

A melhor, porque os modos que os sujeitos possuem de ver, pensar, conhecer, sentir e interpretar seu modo de vida e seu estar no mundo têm um papel indiscutível na orientação e na reorientação das práticas. A mais difícil, pois as representações sociais são fenômenos complexos, incitando um jogo de numerosas dimensões que devem ser integradas em uma mesma apreensão e sobre as quais é necessário intervir conjuntamente. A este respeito, eu proponho um quadro analítico que permita situar o estudo da representação social no jogo da subjetividade. (JODELET, 2009, p. 695)

Vale salientar que, o sujeito, segundo a autora, transita amplitude das complexidades que se estabelecem nas várias dimensões das representações que o mesmo permeia. Segundo ela, as representações sociais podem ser relacionadas a três esferas de pertença: a da subjetividade, a da intersubjetividade e a da transubjetividade. (JODELET, 2009, p. 696).

Jodelet explica tais esferas, segundo ela, a esfera da *subjetividade* nos faz pensar ao nível dos sujeitos enquanto indivíduos por eles mesmos (JODELET, 2009, p. 296). Também coloca que o fato do sujeito construir e se apropriar de suas representações se dá por meio da natureza “*cognitiva, emocional e dependem de uma experiência de vida*” (JODELET, 2009, p.

697). Segundo ela, tal processo de construção é ligado ao quadro de sujeição ou resistência do sujeito, coloca também que:

Há diferenças entre as representações que o sujeito elabora ativamente daquelas que ele integra passivamente, no contexto das rotinas de vida ou sob a pressão da tradição ou da influência social. (JODELET, 2009, p. 697)

Segundo análise estabelecida por Yi-Fu Tuan⁶³, “*O sujeito se localiza no mundo inicialmente através de seu corpo*” (TUAN, 1983, p. 32), logo, nessa perspectiva, conclui-se que a relação estabelecida entre o mundo e a *subjetividade* se dá através do corpo. Ainda assim, a complexidade do sujeito requer várias análises por conta de sua amplitude nos permitindo compreender questões ligadas à análise de representações relacionadas a fatores emocionais e identitários. A importância das perspectivas do sujeito frente as *Representações Sociais*, se dá pela relação do “*tipo de objeto representado e à situação na qual se forja a representação*” (JODELET, 2009, p. 697).

Levar em consideração o nível subjetivo permite compreender uma função importante das representações. As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo. (JODELET, 2009, p. 697)

A análise das representações os possibilita apreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos, individuais ou coletivos, como também analisar os significados em torno da representação “*à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo*” (JODELET, 2009, p. 697).

No que se refere a *intersubjetividade*, a autora explica que ela acaba por explicitar a relação entre indivíduos no ambiente, e está localizada no campo da ação.

A esfera de intersubjetividade remete às situações que, em um dado contexto, contribuem para o estabelecimento de representações elaboradas na interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta. (JODELET, 2009, p. 697)

⁶³ Yi-Fu Tuan, é um geógrafo sino-americano.

É o espaço onde há o relacionamento de vários sujeitos, logo, há uma produção e reprodução de informações que interligam estes grupos através de representações em comum uns com os outros.

Nesses espaços de interlocução, recorre-se, também, a um universo já constituído, no plano pessoal ou social, de representações. Estas intervêm como meio de compreensão, ferramentas de interpretação e de construção de significações partilhadas em torno de um objeto de interesse comum ou de acordo negociado. (JODELET, 2009, p. 698)

Sobre a *transsubjetividade*, é composta por informações do subjetivo e transobjetivo, neste, a amplitude é atrelada aos indivíduos e a capacidade de expressão, no que se refere a interação social. Segundo R. Boudon⁶⁴:

[...] sobre —a racionalidade subjetiva e as —razões transsubjetivamente válidas de endossar uma crença indexada em uma situação (quadro espaço temporal, campo social ou institucional, universo de discurso) ou derivada de um —entrelaçamento de princípios, evidências empíricas, lógicas ou morais! e de partilhá-la coletivamente porque ela faz sentido para os atores implicados. (BOUDON, 1995, p. 35)

Segundo Jodelet, a *transsubjetividade* produz o espaço, ou seja, o meio onde habitam os indivíduos:

Pela sua circulação, as representações assim geradas ultrapassam o quadro das interações e são endossadas, sob a forma de adesão ou de submissão, pelos sujeitos. Para dar um exemplo do funcionamento desta esfera, citarei o caso do jogo de representações na compreensão de um acontecimento político. (JODELET, 2009, p. 698)

Colocar a discussão sobre as esferas das representações sociais e suas relações importante na busca em compreender as *Representações Sociais*, no que se refere a construção feita sobre a sociedade espartana, suas legislações, políticas, e práticas militares; e, dos espartanos, seus usos, costumes, educação, enfim sua cultura.

⁶⁴ Raymond Boudon foi sociólogo e professor da Universidade de Paris-Sorbonne, e foi membro de muitas instituições importantes: Academia de Ciências Morais e Políticas, Academia Europeia, Academia Britânica, Academia Americana de Artes e Ciências, Academia Internacional de Ciências Humanas de São Petersburgo, Academia da Europa Central de Artes e Ciências.

2.2 A Representação de Esparta no discurso de Xenofonte

Para este trabalho, da obra “*A Constituição dos Lacedemônios*” de Xenofonte, foram selecionados alguns trechos de acordo com a proposta do subtópico em analisar a forma como Esparta foi representada na obra. Para isso, é tomada como base metodológica a “*Grade de Análise do Conteúdo*” de Maria Regina Candido⁶⁵, nesta, a autora expõe que:

A metodologia de “Análise do Conteúdo” nos proporciona elencar da documentação textual escrita elementos que normalmente seriam deixados de lado da pesquisa, pois através da “Grade de Análise” podemos verificar a fundo o sentido do conteúdo selecionado. (CAMPOS; CANDIDO, 2011, p.13-17)

Tal metodologia adotada nos faz observar que a *pólis* de Atenas é ignorada por Xenofonte em seus escritos. Entretanto, ao estabelecer comparações sobre o comportamento dos espartanos em relação a outros povos, faz uso do termo “*outros helenos*”. Tem-se em mente que o termo usado por Xenofonte se refere aos homens da Ática⁶⁶ ao colocar em suas comparações que:

Os espartanos tinham um comportamento diferente dos eromenos (ἐρώμενος) e erastes (ἐραστής), ter ressaltado que os cidadãos de Esparta se comportavam de uma maneira distinta dos beócios (Βοιωτοὶ), dos eleus (Ἠλεῖοι)²⁶ e dos “outros helenos”. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 12)

Pensar e discutir sobre “*Quem eram os espartanos?*”, é um grande desafio a começar pelo fato de que estes não escreveram sobre si e, ainda que o tivessem feito, seus escritos não chegaram ao nosso século. O que se sabe é que os espartanos sempre se fizeram presentes na literatura grega de Homero a Tucídides⁶⁷, e nas obras literárias de Aristófanes a Heródoto. Ernst Cassirer⁶⁸ expõe que:

Pensar através da visão dos outros é uma forma válida para o estudo de grupos sociais que não produziram sobre si mesmos, pois entendemos que através do filtro imposto

⁶⁵ Atualmente é Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade/NEA/UERJ e coordenadora do Curso de Especialização de História Antiga e Medieval/CEHAM da UERJ (Lato Sensu).

⁶⁶ Ática (Ἀττική) é uma região administrativa e histórica que engloba a cidade de Atenas, capital da Grécia. A região histórica é centrada na península Ática, que se projeta no Mar Egeu.

⁶⁷ Tucídides (Θουκυδίδης), foi um historiador da Grécia Antiga, e escreveu, no IV século, *A História da Guerra do Peloponeso*”.

⁶⁸ Ernst Cassirer foi um filósofo alemão de origem judaica que pertenceu a Escola de Marburg, liderada por Hermann Cohen, sendo seu mais destacado representante.

pelo escritor, através das apropriações que este faz usufruto para escrever seu objeto, podemos perceber as relações que são perpetradas nelas mesmas, a fim de entender a proposta da escrita (CASSIRER, 2004, p. 25).

A leitura das obras sobre a Lacedemônia nos remete a pensar imagens e discursos que tratam da representação dos Lacedemônios. Vale destacar que a representação não é uma (re) apresentação, mas sim, reconhecer, entender, e conceber determinado saber que traga a compreensão sobre o dado objeto, entretanto, isso só é possível por meio da razão e, além desta, segundo Arthur Schopenhauer⁶⁹, o uso da “*Vontade*”.

Através dela, do sentido, do querer-ser, do querer-ver é que se produz uma representação de um objeto, é através da vontade, sentido real que move os indivíduos em suas labutas, que se produz saberes e entendimentos sobre um dado objeto, se constrói a representação. Esta vontade está para além de um querer pessoal, transcende a razão do ser e infringe assim a racionalidade, mas vai do ser ao devir. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 35)

No que se refere a representação da Esparta dos séculos V e IV a.C., presente nas fontes, se faz necessária uma ampla leitura onde a fonte não é posta como um elemento irretocável ou inquestionável. Tal leitura, aplicada a obra de Xenofonte, nos mostrará uma série de vontades e intentos que não necessariamente são expostos por ele em seus escritos, mas por meio de uma análise do contexto em que o mesmo produz, torna-se possível identificá-los. Em “*A Constituição dos Lacedemônios*”, Xenofonte expõe suas condutas políticas e morais de forma clara, isso o leva a colocar a *pólis* de Esparta em um patamar maior, frente ao que ele chama de “*outros helenos*”. Faz-se necessária uma análise da forma como Xenofonte sistematiza seu discurso sobre uma Esparta sem problemas e com valores a serem copiados. Para tal, é preciso se perguntar “*Para que e para quem?*” Xenofonte elabora seus escritos acerca dos Lacedemônios.

Um dos questionamentos postos em “*A Constituição dos Lacedemônios*” por Xenofonte, foi sobre “*a forma como a pólis de Esparta adquiriu grande poder e fama com uma população considerada “pequena” frente as demais*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 1). Os adjetivos (*fama e poder*) usados por Xenofonte faz referência a população da *pólis*, considerada um número menor em relação a outras. Entretanto, vale salientar que, o momento em que Xenofonte escreve tal colocação, é o momento em que a *pólis* de Atenas é derrotada pela *pólis* de Esparta na *Guerra do Peloponeso*, e como consequência,

⁶⁹ Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX.

atravessava um momento considerado desfavorável política e economicamente frente a *pólis* da Lacônia.

Xenofonte em seus escritos transita entre a filosofia e as *Histórias Helênicas*, a fim de defender seu ideal político, dessa forma, sua obra “*A Constituição dos Lacedemônios*”, Xenofonte tenta mostrar o que fez Esparta se sobressair sobre as demais *pólis* da Grécia. O filósofo aponta que o sucesso da sociedade espartana se deu por conta da disciplina dos cidadãos frente à tradição instituída por Licurgo.

Um dia, eu meditava sobre o fato de que Esparta sendo, uma das cidades menos povoadas, não obstante, tem se mostrado a mais poderosa e conhecida na Grécia, não pude deixar de me perguntar, querer saber, como tal coisa pode acontecer [...] Embora Licurgo que lhes deu leis, cuja obediência lhes devem sua prosperidade, a fazer isso eu admiro você homem conhecido pela extrema sabedoria. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 1-2)

Defende também que “*as instituições políticas de Esparta possibilitavam o desenvolvimento de homens obedientes, respeitosos e detentores de alto controle da Hélade*” (XENOPHON, *A Constituição dos Lacedemônios*, II p. 14). Xenofonte também coloca que a *pólis* deveria ser responsável pela educação dos seus cidadãos, isso os faria compreender de forma melhor a *Representação Social* dos segmentos hegemônicos, a fim do bem comum. O filósofo também expõe que os jovens de Esparta tinham sua educação confiada ao *paidónomos*, segundo Xenofonte:

Tais ações eram contrárias aos “demais helenos”, pois estes logo que os jovens passavam a entender aquilo que lhes era dito, os seus pais os deixavam sobre os cuidados de pedagogos. Estes, por sua vez, teriam a função de ensinar as letras, os conhecimentos artísticos e as práticas esportivas (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, II, p. 1).

Os escritos de Platão em “*A República*” expõem que “*o Estado deve ser justo, dessa forma, seus cidadãos também serão justos*” (PLATÃO, *A República*, II). Isso nos remete a pensar que o Estado soberano é aquele que não esquece da justiça. Atritando tal representação a *pólis* de Esparta, “*...uma das cidades menos povoadas cujo legislador ficou conhecido por sua sabedoria...*”, Esparta era um Estado posto como pequeno, em especial em relação a Atenas. Segundo escritos de Heródoto, a população de Esparta girava em torno de cinco mil cidadãos:

Tendo refletido sobre esse conselho, os éforos decidiram colocar imediatamente em ação suas tropas, e, sem nada comunicar aos delegados de Atenas, Mégara e Plateia, fizeram partir imediatamente, embora fosse noite, cinco mil espartanos,

acompanhados, cada um, de sete hilotas, sob o comando de Pausânias, filho de Cleombroto. (HERÓDOTO, *História*, IX, p. 10)

Segundo Heródoto, estes cinco mil hoplitas faziam parte do corpo principal da tropa, levando em consideração que cada um fora acompanhado por sete *hilotas*, temos trinta e cinco mil homens como escudeiros e tropas auxiliares. Xenofonte em seus escritos ignora o número de *hilotas* a serviço dos espartanos. Sabe-se que os *hilotas* não compunham a cidade por não serem considerados como membros da comunidade. Xenofonte reforça que, para os espartanos, era necessário manter um número menor de cidadãos em relação aos servos para assim manter-se também a virtude dos cidadãos.

Xenofonte usa determinado fato como uma crítica à Atenas que, além de ceder à cidadania desde as reformas de *Drácon*⁷⁰, recebia muitos estrangeiros chamados de *meteco*⁷¹, que mesmo não tendo direitos políticos, em sua maioria trabalhavam com o comércio e, com seu enriquecimento, passavam a fazer parte da comunidade de cidadãos, mesmo que indiretamente. Isso gerou posteriormente a *Stásis*⁷², justamente por conta do aumento no número de estrangeiros conduzidos a Atenas pela sua recepção e tratamento para com os mesmos e, a possibilidade de uma vida melhor para si e para os seus.

Licurgo, segundo Xenofonte, foi o editor das leis de Esparta. Este descendia de uma das famílias de reis da *pólis*, a casa *Euripôntida*⁷³, com a morte de seu irmão, recebeu o trono, entretanto, antes de falecer, o irmão de Licurgo havia deixado um herdeiro no ventre da esposa, este era Leobotas, rei de Esparta, que teve Licurgo como tutor. Temendo o destino da *pólis*, então governada por seu sobrinho, Licurgo se dirige à *Delfos* a fim de receber orientações para fazer de Esparta uma grande cidade, em resposta recebe as Leis, a *Rethra*⁷⁴ e o seguinte tratamento: “*Eis que vens ao meu templo, amigo de Júpiter e dos habitantes do Olimpo. Hesito em declarar-te um deus ou um homem; creio-te, antes, um deus*” (HERÓDOTO, *História*, I, p. 65).

Segundo Xenofonte, este conjunto de leis foi o principal responsável pela estabilidade social espartana que era mantida através do seu cumprimento. Entretanto, alguns

⁷⁰ Drácon (Δράκων) foi um legislador ateniense durante o século VII a.C.

⁷¹ Metecos (Μέτοικος) eram os estrangeiros residentes nas pólis gregas de Atenas.

⁷² Stásis (στάσις) foi chamado na antiguidade clássica de guerras civis ou situações análogas nas antigas cidades-Estados gregas. O uso moderno da palavra coincide apenas parcialmente com o das fontes antigas.

⁷³ Uma das casas das famílias que exerciam a diarquia sobre Esparta.

⁷⁴ Conjunto de textos supostamente sobre as leis de Esparta ou ainda uma prescrição fundadora para o estabelecimento do Estado e início das instituições que existiam na Esparta Arcaica.

problemas são levantados enquanto a isso: 1) não se tinha como certa a natureza de Licurgo; 2) a natureza das leis; 3) não havia uma estabilidade social tão bem assentada. As fontes antigas não dão como certa a existência de Licurgo, Plutarco desde a antiguidade questionava sua existência. Na contemporaneidade, alguns escritos colocam Licurgo como um ser inventado no período helenístico pelos reis *Ágis IV*⁷⁵ e *Cleômenes III*⁷⁶. Segundo Pavel Oliva⁷⁷, “*esta hipótese não resistiu aos achados arqueológicos do período Clássico, ou seja, a figura de Licurgo é anterior ao Helenístico*” (OLIVA, 1983, p. 66).

Xenofonte explica que a opção de Licurgo em não documentar as *Leis de Esparta* estava pautada ao fato da necessidade destas se fazerem presente no cotidiano dos cidadãos ao invés de guardadas em documentos. O uso de uma figura religiosa na elaboração de um código deixa a entender que, além de um modelo a se seguir, têm-se um modelo e um padrão de origem divina. Com a conquista de Messênia⁷⁸, no século VI a.C., Esparta assume também o controle de um vasto vale produtor de grãos cuja população original fora reduzida à servidão, o que fez aumentar a tensão por parte dos espartanos.

O temor de revoltas por parte deste grupo, revoltas que aconteciam com certa frequência, para contornar tal situação, viu-se como necessário a criação de uma sociedade militarizada, e que com a diminuição destes conflitos é que se deu a decadência da cidade. (FLORENZANO, 1982, p. 42)

Xenofonte ressalta o papel da mulher espartana na reprodução. Explica que as mulheres, assim como os homens, praticavam atividade física, pelo fato de os espartanos acreditarem que as mulheres fortes, acabariam por gerar guerreiros fortes. No primeiro capítulo de “*A Constituição dos Lacedemônios*”, Xenofonte destaca que na maioria das outras *póleis*, as mulheres gestantes eram proibidas de realizar diversas atividades, construindo assim a imagem de uma mulher pertencente ao lar. Ao falar sobre Esparta:

Mas em Esparta Licurgo pensou diferente: para o legislador, as escravas bastavam para fazer roupas, as mulheres por sua vez estariam ocupadas de ofício mais importante, o de procriar, para tanto Licurgo teria ordenado que as mulheres realizassem exercícios físicos não menos que os homens, e para acirrar as disputas

⁷⁵ Ágis IV foi rei da cidade-Estado grega de Esparta de 245 a.C. até 241 a.C. ano da sua morte. Pertenceu à Dinastia Euripôntida. Plutarco dedicou um capítulo do livro *Vidas Paralelas* a este rei, comparando Ágis e Cleômenes III a Tibério e Caio Graco.

⁷⁶ Cleômenes III ou Cleómenes III foi rei da cidade grega de Esparta por dezesseis anos, de 235 até 222 a.C., pertenceu à Dinastia Ágida e terminou seus dias no exílio.

⁷⁷ Pavel Oliva é um filólogo e escritor tcheco clássico.

⁷⁸ Após a conquista da Messênia, no século VI a.C., a sociedade espartana estava dividida em três grupos sociais. Os espartanos; os periecos e; os hilotas.

entre elas, observou ainda, que se organizassem competições para que as moças competissem umas com as outras em corridas e provas de força, lutas, pois entendia que com senhoras vigorosas assim, os meninos nasceriam robustos tanto quanto. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 5)

Aristófanes em sua obra “*Lysistrata*”, aborda um pouco sobre a forma como as mulheres espartanas eram vistas pelas demais, por meio de uma personagem chamada de *Lampito*, representando uma jovem espartana:

Lysistrata: Lampito, querida, bem-vinda, cumprimentos de todos nós. Que espécime maravilhoso, que coisa linda você é! Oh que pele saudável, que firmeza de físico! Você poderia domar um touro! Lampito: Não é impossível. Eu vou ao ginásio, faço minhas nádegas ficarem rígidas!. (ARISTÓFANES, *Lysistrata*, p. 46)

O discurso de Aristófanes reforça a imagem que fora criada por Xenofonte da mulher espartana, em especial, sobre porte o físico das espartanas. As comédias de Aristófanes eram veementemente criticadas pela elite intelectual dos atenienses, que primavam pelas tragédias. Este, assim como Xenofonte, pertencia aos grupos mais abastados daquela sociedade, logo, percebe-se que nesse período havia um grande interesse, por parte dos atenienses, em estabelecer abordagens sobre a sociedade espartana em suas obras. Segundo Sarah Pomeroy⁷⁹, explica que a rigidez por parte dos espartanos em proibir a presença de observadores em sua *pólis* é um dos fatores que dificulta na escrita sobre tal sociedade, isso também explica a problemática sobre o estudo das mulheres na sociedade grega. Pomeroy também coloca que:

A influência do marxismo e de M.I. Finley, que ensinou muitos historiadores classicistas em Cambridge, tem sido em grande parte responsável pela popularização do estudo da história espartana através da lente da miragem. Finley ignorou as mulheres em suas análises da economia grega, escravidão, cidadania. Assim, não é surpresa que, como era costume entre os principais historiadores antigos até o final do século XX, [Paul] Cartledge [autor de conhecidas obras principais de estudos sobre Esparta] não dedicar muito espaço para as mulheres em seus livros. (POMEROY, 1995, p. 159)

Xenofonte também expõe que Licurgo também adotou medidas referentes ao casamento dos cidadãos de Esparta, segundo ele, os homens que viessem a divorciar-se de suas parceiras, seriam dignos de vergonha. Coloca também que:

⁷⁹ Sarah B. Pomeroy é uma historiadora americana, autora, tradutora e ex-professora de clássicos. Ela é mais conhecida por seu trabalho sobre a história das mulheres na antiguidade clássica.

Licurgo também deu conta em suas leis daqueles que mesmos casados não queriam, não conseguiam ou mesmo não poderiam coabitar com suas mulheres, no entanto, gostariam de ter filhos dignos de lembrança. Haveria uma saída, eles poderiam escolher entre as mulheres aquela de potencial comprovado para que lhes desse filhos. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, I, p. 9)

Esse caso, não fica claro a possibilidade de uma mulher ter dois maridos, mas sim, que essa poderia gerar filhos de dois homens. Dessa forma, a mulher pertenceria a duas famílias. Segundo Pomeroy, tal prática ficou conhecida como *poliandria*⁸⁰ “*partilhamento de esposas*”, que segundo ela, criava-se também a noção de “*paternidade divisível*”, ou seja:

A crença de que um filho poderia ter dois pais do sexo masculino, um primeiro, seria o cônjuge aquele que recebe o empréstimo-social que se beneficiaria indiretamente a partir da injeção da semente do parceiro extraconjugal de sua esposa, e um segundo, o doador da semente (POMEROY, 2004, p. 211).

Tal análise de Pomeroy sobre os escritos de Xenofonte, se baseia na perspectiva de que as mulheres que adotavam a *poliandria*, era pautado do desejo das mulheres terem duas famílias, o que fica claro com o uso do termo “*paternidade divisível*”, em oposição à “*partilhamento de esposas*”. Ao falar sobre o casamento entre senhores de mais idade com jovens moças espartanas, Xenofonte explica que Licurgo, em suas leis, não era favorável a esse tipo de união, entretanto, a mesma ocorrendo, se porventura, o marido não conseguisse fecundar com sua esposa, este deveria ir em busca de um jovem varão e o convencesse para que fizesse em seu lugar. Segundo José Francisco de Moura⁸¹:

Este costume fora comum até princípios do IV século, o que depois não se prolongou, já que Heródoto (VI, 61-63) nos indica haver insatisfações sobre o adultério em Esparta, o que não pode gerar alarde devido à forma de significação, expressão e difusão de informações providas de Heródoto, já que ao ver e ouvir determinados costumes, Heródoto os expressou como entendia, deixando de lado a maneira como os membros do grupo observado apreendiam o mesmo fenômeno, daí o possível estranhamento. (MOURA, 2002, p. 46)

Para Xenofonte, os espartanos eram reconhecidos em qualquer espaço da *Hélade* pelo tipo corporal que esses tinham, fruto da formação genética destes indivíduos. Vale salientar

⁸⁰ Poliandria é a união em que uma só mulher é ligada a dois ou mais maridos ao mesmo tempo. É o oposto da poliginia, forma de poligamia em que um homem possui duas ou mais esposas.

⁸¹ No ensino superior, tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, Teoria e Metodologia. É professor cristianismo antigo. No ensino médio, dá aula de História e Sociologia. É consultor político da empresa Factum e professor do Estado (RJ).

a divergência da noção de pertencimento dos gregos nesse período, enquanto os espartanos se entendiam como *dóricos*⁸², os atenienses se entendiam como *jônios*⁸³, logo, isso os diferenciava tanto culturalmente quanto biologicamente, algo que também era notado entre as mulheres de ambas as *póleis*.

José Francisco de Moura em “*Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica*”, coloca que um grupo de oligarcas gregos do século IV a.C., tentavam criar um discurso a fim de legitimar as práticas por eles adotadas como condutas na vida política a serem seguidas, para isso, passam a criar vários ideais acerca de Esparta. As análises do autor são baseadas nos paradigmas historiográficos de François Ollier⁸⁴ e Gustave Glotz⁸⁵, segundo estes, Esparta é considerada um mito criado pelo discurso no período do reinado de *Ágis IV* e *Cleômenes III*, a fim de resgatar a cidade de uma decadência criando a imagem de uma cidade com uma educação estatal, e a *Rethra*, sem deixar de fora também a condição feminina.

Por conta disso, Moura considera que Esparta não passa de uma espécie de cidade idealizada nas fontes que foge de uma verdade objetiva. Ressalta a problemática da figura de Xenofonte que, como amante da lacônia, teria então criado a imagem de uma sociedade perfeita e sem defeitos. Segundo o autor:

Xenofonte escreve para uma elite letrada grega, composta de leitores crentes no sistema oligárquico, como superior ao democrático, uma audiência pautadamente ateniense. Estes indivíduos estariam então ligados por uma relação ideológica, uma comunidade imaginada através da crença em um mesmo sistema político. (MOURA, 2000, p. 39)

Pode-se perceber que a escrita de Xenofonte se dá em favor das oligarquias, em especial após a vitória na *Batalha de Salamina*⁸⁶, onde os escritos passaram a representar os persas como *Hybris*⁸⁷. Tal colocação vai de encontro a representação apresentada pelas elites gregas, anterior a esse fato, dos persas como um povo a ser imitado.

⁸² Os dóricos (Δωριεῖς) foram uma das quatro principais tribos em que os antigos gregos dividiam a si próprios, ao lado dos aqueus, jônios e eólicos.

⁸³ Os jônios eram um povo indo-europeu que se estabeleceu na Ática e no Peloponeso e foram depois para a Ásia Menor pela chegada dos dóricos.

⁸⁴ Historiadora francesa da Grécia Antiga, especialista em Esparta.

⁸⁵ Gustave Glotz foi um historiador francês da Grécia antiga. Ele era um defensor da teoria de que a história nunca segue um curso simples e lógico.

⁸⁶ A Batalha de Salamina foi o combate entre a frota persa, liderada por Xerxes I e a grega, comandada por Temístocles.

⁸⁷ Hybris é um termo grego que significa o desafio, o crime do excesso e do ultraje. Traduz-se num comportamento de provocação aos deuses e à ordem estabelecida.

A partir da vitória da democracia ateniense sobre os bárbaros, o número de democracias na bacia do egeu aumentou sensivelmente, o que sugeriu a escritores posteriores, como no caso de Xenofonte, a necessidade de se escrever sobre os benefícios da oligarquia em detrimento ao regime democrático. (HALL, 2001, p. 216)

Alguns autores explicam que, o que Moura coloca apenas como um conjunto de visões comuns entre a elite grega está para muito além disso. Segundo Cleyton Tavares da Silveira Silva⁸⁸, a partir desse momento, há um sentimento de pertencimento e reconhecimento coletivo dos gregos enquanto *helenos*⁸⁹, gerando assim o conceito de *helenicidade*.

As identidades no mundo grego são dinâmicas e modificáveis nos vários períodos da história grega. Entendemos que em momentos diferentes os critérios de inclusão dentro da comunidade grega são diferentes. Tradicionalmente o conceito de identidade grega está ligado a uma relação de raça. A origem dos gregos seria proposta através de uma ligação racial em comum. Todos os gregos seriam descendentes de Helenos, cujos filhos, Dorieu, Xuto e Eolo seriam os ascendentes em comum dos gregos. Os Dórios e os Eólios. Na necessidade de abranger a comunidade grega, foram criadas as imagens de Aqueo e Íon, os filhos de Xuto, a fim de colocar dentro do âmbito grego os aqueus e jônios. (SILVA, 2010, p. 9)

Tal formação comunitária se dá pela crença em uma suposta ideia de união que estes poderiam ter. Logo, existia um sentimento de igualdade entre estes por meio da raça. Aqueles que não tinham o “*sangue grego*”⁹⁰, como os *acádios*⁹¹, foram inseridos ao grupo comunitário por lutarem a favor dos helenos contra um inimigo em comum.

Tal medida fez com que alguns outros grupos se sentissem também no direito de reivindicar a cidadania grega, grupos esses cujos seus indivíduos arrolavam para si o título de tradicionais. (XENOPHON, *A Constituição dos Lacedemônios*, IV, p. 10)

Xenofonte não via com bons olhos o ingresso dos estrangeiros na comunidade grega por não terem elementos do que ele chama de *Koiné*⁹². Pensa-se então que os escritos de

⁸⁸ Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente é Professor na Universidade Potiguar e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Principais Interesses estão Ligados ao Estudo da Pólis Helênica, Historiografia Antiga, Teoria e Metodologia da História

⁸⁹ Pequena tribo que viveu na região do Epiro (Noroeste da Grécia) e que deu origem ao povo grego, ou indivíduo dessa tribo.

⁹⁰ Indivíduos ou povos que não possuíam descendência dos gregos de forma direta.

⁹¹ Os acádios representam um dos povos da antiguidade que habitaram a região da Mesopotâmia. Diversas civilizações se desenvolveram na região do Crescente Fértil, entre os rios Tigre e Eufrates. Assim, além dos acádios, habitaram o local os sumérios, assírios, caldeus, hititas e amonitas.

⁹² O grego helenístico ou koiné (Ελληνιστική Κοινή) é a forma popular do grego que emergiu na pós-Antiguidade clássica (300 a.C. – AD 300). Outros nomes associados são alexandrinos, patrístico, comum, bíblico ou grego do Novo Testamento. Os nomes originais foram koiné, helênico e macedônio (macedônico).

Xenofonte eram voltados a uma elite ateniense que temia a perda de espaço frente o ingresso de estrangeiros na sociedade, em sua maioria, como comerciantes que detinham privilégios à medida que enriqueciam. Segundo Jonathan Hall⁹³:

Estes elementos estavam unidos por interesses econômicos e culturais, a manutenção de status quo, sobretudo após as guerras Médicas que possibilitaram grande avanço sobre os grupos oligárquicos. Esta mesma elite se identificava entre outros aspectos através de critérios raciais, grupos diretamente ligados aos descendentes de Helenos, crentes em uma comunidade imaginada ligada à figura de ancestral em comum, construíram para si elementos de auto reconhecimento. (HALL, 1997, p. 28)

Uma outra crítica de Xenofonte referente aos “*outros helenos*”, se dá ao fato destes voltarem suas práticas estritamente ao lucro por meio de atividades comerciais e não ao bem comum. Vale salientar que, Xenofonte não abominava as práticas comerciais, mas sim o uso destas apenas com a finalidade de obter lucro. O mesmo coloca que:

Os outros helenos tentam lucrar com tudo aquilo podem, onde alguns são fazendeiros, armadores, comerciantes, ou exercem outras diferentes formas de atividades artesanais. Já os espartanos, por obedecerem às determinações do legislador Licurgo, deveriam manter apenas atividades que mantivessem a sua liberdade, ficando vetado aos cidadãos de Esparta efetuar qualquer prática comercial. (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, VII, p. 1-2)

Segundo Falcon⁹⁴, há uma tentativa de Xenofonte em expor o que ele considera como excessos de sua sociedade por meio de uma representação do modelo ideal, segundo ele, de conduta político-social, ou seja, Esparta.

A pólis espartana fora representada por meio de uma imagem que não corresponderia de fato com os costumes de seus cidadãos. Sobretudo nesse momento, Xenofonte contrapõe o imaginário social que detém de uma sociedade aristocrática ideal (representada pela Esparta de Licurgo) com a maneira pela qual os atenienses de seu tempo agiam, e geriam a sua pólis. (FALCON, 2000, p. 90)

⁹³ Jonathan Mark Hall é professor de História Grega na Universidade de Chicago. Ganhou um Ph.D. da Universidade de Cambridge em 1993, autor de muitos livros, incluindo identidade étnica na antiguidade grega, helenicidade: entre etnia e cultura e uma história do mundo grego arcaico, 1200-479 a.C., e de vários artigos e resenhas sobre a Grécia Arcaica e Clássica. Seu foco de pesquisa é sobre história, historiografia e arqueologia grega.

⁹⁴ Francisco José Calazans Falcon é um escritor, historiador, museólogo e professor brasileiro.

Segundo análises estabelecidas por Baczko⁹⁵, Xenofonte visava representar em seus discursos modelos de comportamentos dos espartanos ligados as suas intenções político-sociais. O autor explica que “*a maneira como Xenofonte representou espartanos, beócios, eleus e “outros helenos” poderia não corresponder ao modo como esses se comportavam*” (BACZKO, 1985, p. 306). O discurso era a principal forma de difundir ideias e práticas entre os sujeitos daquelas sociedades, logo, tal representação se refere aos costumes sociais da sociedade espartana e também pode ser considerada uma crítica aos moldes culturais dos “*outros helenos*”.

Para Xenofonte, a realidade social de Atenas nesse momento se dá por conta do governo democrático adotado pela mesma. Percebe-se que a *Representação Social* presente no discurso de Xenofonte se deu por conta da perspectiva oligárquica do grupo social que o mesmo pertencia e fora educado, dessa forma, o filósofo julga a democracia e seus adeptos como culpados da fase que os atenienses atravessavam neste momento. Baczko expõe que:

As representações desenvolvidas por Xenofonte nos faz perceber a forma como determinado grupo social se porta mediante as circunstâncias do contexto histórico, fazendo com que os discursos venham a adequar o imaginário junto às modificações do período. (BACZKO, 1985, p. 306)

Xenofonte parece criticar o fato dos membros da democracia, em sua forma política, não priorizarem o militarismo de sua *pólis*. Segundo Paul Cartledge⁹⁶, a crítica exposta por Xenofonte pode ser referente a educação oferecida pelos *sofistas* no século V a.C., onde “*qualquer sujeito com recursos arcar com as despesas do ensino da Paideia – que geralmente eram oferecidos por estrangeiros*” (CARTLEDGE, 2001, p. 82). Ao estabelecer uma relação das análises de Cartledge com os escritos de Xenofonte, percebe-se que a crítica de Xenofonte é fundamentada no conhecimento do mesmo sobre os lucros dos grupos emergentes em Atenas. Logo, os sofistas poderiam ser usados na educação de famílias sem tradição política alguma visando o benefício próprio oferecido com a democracia. Mesmo que alguns oligarcas tivessem atividades comerciais, Whibley⁹⁷ coloca que:

Os mesmos prezavam pela participação política restrita a poucos homens de recursos, chegando a se apropriarem dos antigos valores aristocráticos para legitimarem, tanto o seu discurso quanto a sua prática política. (WHIBLEY, 1971, p. 30-33)

⁹⁵ Bronislaw Baczko foi um filósofo, professor e historiador de ideias francófonas que trabalhou principalmente no Iluminismo Francês e na ideia de utopia.

⁹⁶ Paul Anthony Cartledge é um historiador britânico antigo e acadêmico.

⁹⁷ Leonard Whibley foi um estudioso grego que editou *A Companion to Greek Studies* de 1905 a 1931.

Tais análises estabelecidas por Cartledge e Whibley sobre o discurso de Xenofonte, nos faz perceber que a *Representação Social* dos oligarcas fez com que os mesmos criassem uma espécie de identidade que, por meio de seus discursos, eram representados como mais capacitados politicamente frente aos “*outros helenos*”.

Através do discurso de Xenofonte, imaginamos que a forma política implantada na *pólis* de Esparta foi crucial para o mantimento da tradição pela educação, responsável pela transmissão dos valores aos cidadãos. No que se refere aos “*outros helenos*”, a transmissão de tais valores era confiada a educadores estrangeiros que, ao trabalharem suas técnicas discursivas, acabavam por levar os cidadãos a corromperem certos valores em benefício próprio. Segundo Xenofonte, a educação era a única forma de fazer o cidadão assimilar os valores de sua sociedade, para ele a transgressão desses valores e o fato dos membros de setores sociais emergentes terem acesso a uma educação individual culminaram na “*decadência*” da *pólis* de Atenas.

Ao estabelecer o cruzamento das análises de Baczko, Bourdieu⁹⁸ e Falcon, com os escritos de Xenofonte, fica claro perceber que a Esparta representada pelo filósofo retrata uma *pólis* que, não obrigatoriamente, seria a Esparta dos séculos V e IV a.C. Para Francisco Falcon, “*Xenofonte apresenta uma Esparta com base em um modelo do que viria a ser para ele uma pólis ideal vinculado com o seu imaginário social e ao contexto histórico em que o autor estava inserido*” (FALCON, 2000, p. 90-93). Para Baczko, a convivência de Xenofonte com os espartanos por um longo período, colaborou para com que o mesmo construísse “*a imagem de uma Esparta que viesse a servir como exemplo para os membros dos grupos oligárquicos de Atenas*” (BACZKO, 1985, p. 306). Segundo Bourdieu, a análise do discurso de Xenofonte levando em consideração o contexto social em que o mesmo produz essa representação da sociedade de Esparta é considerado fundamental, pois, dessa forma, “*podemos ter indícios de parte das motivações de seu autor, bem como de seus objetivos ao elaborar tais apontamentos*” (BOURDIEU, 2009, p. 10-15).

Esparta era uma *pólis* considerada singular devido ao fato de não ter sido constituída urbanisticamente, era considerada uma *pólis* de prática rural formada por vários assentamentos como *Pitanna*, ao norte; *Limnas*, localizada ao leste; *Mesoa*, localizada em uma região central entre os assentamentos; e, *Conoura* ou *Cinosura*, ao sul. Mesmo que nestes lugares existam

⁹⁸ Pierre Félix Bourdieu foi um sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, foi docente na École de Sociologie du Collège de France.

resquícios de templos dedicados à *Menelau*⁹⁹ e *Helena*¹⁰⁰, personagens espartanos de *A Ilíada* e *A Odisseia*, tem se em mente que a fundação de Esparta não se deu durante o *período micênico*¹⁰¹.

Achados arqueológicos em outras cidades micênicas colocam que a fundação de Esparta se deu pouco depois desse período, logo, a comunidade presente anteriormente naquele lugar tinha uma relação com a figura dos personagens retratados por Homero. Segundo Tucídides, “*Esparta fora reconstruída no mesmo lugar, mas com nome diferente, Lacedemônia, após a invasão Dórica, narrada por Tucídides como o retorno dos Heráclidas*” (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, I, p. 12).

Os *Heráclidas*¹⁰² acreditavam serem descendentes diretos de Hilo, um dos filhos de Hércules. A população que ali estava foi submetida a servidão, aqueles que esboçaram algum tipo de resistência foram escravizados, dando origem assim, aos *hilotas*. Aqueles que não apresentaram resistência, adquiriram certa liberdade para o comércio e produção em lotes de terra, além de também poderem habitar cidades da Lacônia.

O que se pode concluir sobre a análise da obra de Xenofonte “*A Constituição dos Lacedemônios*” é uma tentativa do filósofo em apontar os supostos “excessos” da democracia ateniense, fazendo uso de um discurso que colaborasse com a construção da representação de uma sociedade que viesse servir como modelo ideal, com base em uma espécie de aristocracia guerreira. Nessa construção, Xenofonte se espelha na organização político-social da *pólis* de Esparta, que segundo ele, superou Atenas militarmente e na transmissão de valores a seus cidadãos que prezavam pelo bem comum.

Entretanto, a Esparta apresentada por Xenofonte, não detinha de forma plena os atributos por ele colocados. Na tentativa de chamar a atenção para as falhas presentes no regime

⁹⁹ Menelau, na mitologia grega, foi um rei lendário da Lacedemônia, irmão mais novo de Agamémnon e filho de Atreu. O rapto da sua mulher por Páris, deu origem à Guerra de Troia. Depois da queda de Troia, recuperou sua esposa.

¹⁰⁰ Na mitologia grega, Helena era filha de Zeus e da rainha Leda, irmã gêmea da rainha Clitemnestra de Micenas, irmã de Castor e de Pólux e esposa do rei Menelau de Esparta.

¹⁰¹ O termo Civilização Micênica ou Civilização Micénica é uma subdivisão regional e temporal da Idade do Bronze do Egeu também conhecido como civilização heládica.

¹⁰² Na mitologia grega, os heráclidas (Ἡρακλείδαι) ou heraclides eram os numerosos descendentes em linhagem patrilínea de Hércules (Hércules, segundo a mitologia romana), especialmente aplicado em um senso mais estrito aos descendentes de Hilo, o mais velho de seus quatro filhos por Djanira (Hilo foi também por vezes isto como filho de Hércules por Mélite).

democrático, Xenofonte faz uso da representação espartana desenvolvida no decorrer do século V a.C.

Xenofonte ao escrever “*A Constituição dos Lacedemônios*”, busca representar a política administrativa de Esparta, diferentemente de Heródoto, que ao trabalhar a *pólis* de Esparta, tratou exclusivamente das relações externas desta com as demais *pólis*. A busca de Xenofonte é entender como Esparta, com uma população considerada menor do que as demais *pólis*, conseguiu se tornar a maior e mais afamada *pólis* grega. Para entender a construção de Xenofonte, faz-se necessário ter uma pré-noção do contexto e fatos que antecedem o período em que o autor escreve sua obra. As leituras sobre Arthur Schopenhauer sobre Representação e Vontade, colabora para com a compreensão do tipo de representação que Xenofonte faz uso.

2.3 A problemática da Representação espartana nos Livros Didáticos

No final do século XIX, “*a História aparece como disciplina autônoma nos currículos escolares na Europa associada aos movimentos de laicização da sociedade e de constituição das nações modernas*” (NADAI, 2002, p. 23). A obrigatoriedade do ensino de História, no Brasil se deu em meados do século XIX, neste período, “*se buscava uma afirmação do Estado Nacional, com a criação, em 1837, do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro*” (MAGALHÃES, 2003, p. 168). A História sempre esteve ligada à construção das nações e à formação educacional dos cidadãos destas nações, mesmo que a História ainda carregue consigo elementos criados no século XIX com sua instalação enquanto disciplina escolar, como por exemplo, práticas de ensino e concepções historiográficas, ela se difere bastante da História ensinada nesse período.

Contudo, deve-se considerar que a disciplina sofreu ao longo do tempo alterações significativas em seu perfil relacionadas às transformações do próprio campo do conhecimento histórico, à formação dos professores, às políticas públicas concernentes à educação, em geral, e ao ensino de História, em particular e à composição do currículo escolar, entre outros fatores (FONSECA, 2004, p. 70-71).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), os educadores da disciplina de História, “*devem se preocupar com a associação do ensino de História à*

construção da identidade nacional e ao exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, p. 19). Segundo Elza Nadai¹⁰³:

Por meio do ensino de História procurou-se, inicialmente, garantir a criação de uma identidade comum, na qual os grupos étnicos formadores da nacionalidade brasileira interagem de maneira harmônica, não conflituosa, contribuindo com igual intensidade e nas mesmas proporções para a existência da sociedade. (NADAI, 2002, p. 24-25)

Isso explica, por exemplo, o fato dos negros e indígenas terem sido ignorados pelos escritos historiográficos em relação aos europeus no que tange a busca na formação de uma identidade que viesse passar uma imagem de uma nação organicamente articulada e civilizada. Tal medida adotada nesse período é veementemente criticada nos dias atuais pelos historiadores a fim de mostrar cada vez mais a diversidade cultural presente na construção dessas identidades ao invés de excluí-las, *“o que os leva a reiterar as premissas do multiculturalismo que cada vez mais se impõem no domínio das relações sociais, com impactos evidentes no ensino de História Antiga”* (NADAI, 2002, p. 25).

Em linhas gerais, o passado da Humanidade aparecia, nos livros didáticos, como a institucionalização de uma memória oficial na qual as ações humanas se encontravam homogeneizadas e unificadas, sendo a sociedade composta por culturas descritas como uniformes, sem arestas nem contradições. Este consenso começou a ser posto em causa após a Segunda Guerra Mundial, quando os conflitos sociais passaram a ocupar um lugar de destaque no texto didático. (NADAI, 2002, p. 250)

Marcelo de Souza Magalhães¹⁰⁴ explica que:

As propostas curriculares de ensino de História que aparecem contempladas nos PCN's formulados durante a década de 1990 retomam a preocupação com a cidadania sob a perspectiva da heterogeneidade e não da homogeneidade. (MAGALHÃES, 2003, p. 176-177)

No que se refere ao livro didático, Circe Bittencourt¹⁰⁵ expõe que:

¹⁰³ Especialista em História Social.

¹⁰⁴ Possui graduação (1995), mestrado (1999) e doutorado (2004) em História pela Universidade Federal Fluminense. É professor do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde 2010, atuando nos cursos de graduação, mestrado e doutorado. Desde 2014, atua como professor do Mestrado Profissional em Ensino de História da UNIRIO – Prof. História. Coordenador Adjunto de Mestrado Profissional da área de História junto à CAPES.

¹⁰⁵ Atualmente é professora de pós-graduação do programa Educação: História, Política, Sociedade na PUC-SP e desenvolve pesquisas sobre a história da educação indígena.

O livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece ao aprimoramento das técnicas de fabricação e comercialização postas a serviço da lógica do mercado (BITTENCOURT, 2002, p. 71).

Vale salientar que o livro didático é uma das principais ferramentas usadas pelo professor em sala de aula na tentativa de auxiliá-lo na transmissão do conteúdo abordado pelo mesmo com exercícios, questionários, sugestões de trabalhos, entre outras.

Diante de tal constatação, a partir da década de 1970 os manuais tenderam a ser confeccionados de acordo com o sistema de estudo dirigido, ou seja, a propor uma seleção do conteúdo a ser ensinado, um modo de distribuí-lo no tempo escolar com base numa progressão de unidades, um conjunto de atividades que introduzem e desenvolvem os assuntos e que, por vezes, permitem a avaliação do conhecimento assimilado pelos alunos (BATISTA, 1999, p. 550-552).

Antônio Augusto Gomes Batista¹⁰⁶ classifica os livros didáticos como efêmeros por estarem sempre em constante revisão, explicando o fato das bibliotecas públicas e privadas pouco apresentarem esse tipo de material para consulta. No entanto, deve-se levar em consideração que o livro didático é considerado a principal fonte de informações impressa no qual professores e alunos tem acesso, onde, além de ser destinado ao aprendizado dos alunos, torna-se também uma ferramenta utilizada pelo professor na elaboração de aulas.

A docência envolve uma proposta pedagógica e um modo de conceber a produção do conhecimento histórico em íntima associação. A preferência por um determinado livro já indica a adesão a uma corrente específica de interpretação do conhecimento histórico, mesmo que o docente por vezes não se dê conta disso. (VIEIRA et al, 2003, p. 65)

Logo, um professor nunca é neutro ao escolher um livro didático, o mesmo sempre leva em consideração um enfoque histórico específico ou uma linha teórica que o mesmo tenha afinidade. o que nos remete à discussão acerca das relações de poder implícitas na adoção de um determinado livro. Segundo Kazumi Munakata¹⁰⁷:

O circuito do uso/leitura do livro didático envolve pelo menos dois leitores permanentes: aluno e professor, que estabelecem entre si uma relação de poder, pois

¹⁰⁶ Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, especialização em Língua Portuguesa e Redação pela mesma instituição e mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Além disso, cursou pós-doutorado pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁰⁷ Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1976), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1982) e doutorado em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Atualmente é assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

mesmo que o principal destinatário seja o aluno, não cabe a este escolher o livro a ser usado. No âmbito da relação professor/aluno/livro didático, o primeiro exerce, sem dúvida, uma posição de autoridade, uma vez que, na maioria das vezes, é o professor o responsável exclusivo pela escolha da obra a ser utilizada em sala de aula e essa obra, dirigida ao aluno é, quase sempre, explorada sob orientação docente. (MUNAKATA, 1999, p. 578-579)

Vale salientar também que, o livro didático muitas vezes é usado pelo docente para preencher algumas lacunas não preenchidas durante a sua formação, entretanto, algumas vezes:

O comodismo do docente se sobressai sobre a tarefa de criticar o livro didático, tomando-o como um instrumento que porta uma indiscutível autoridade acadêmica, como se depreende dos clássicos comandos “está no livro” ou “veja no livro”. (VESENTINI, 1983, p. 74)

Sobre o conteúdo de História Antiga, tal problema se agrava devido ao despreparo do docente frente aos temas da Antiguidade, reflexo da falta de interesse de investimento em pesquisas na área, que considera as informações presentes no livro didático como verdade única, não levando em conta as distorções previsíveis para a trajetória escolar dos alunos.

Sobre o conteúdo de História Antiga no livro didático, ainda mantem concepções consideradas ultrapassadas, mesmo com alterações ocorridas ao longo do tempo e a adesão de novas perspectivas teóricas, os conteúdos referentes a História Antiga continuam seguindo um mesmo padrão nos livros didáticos.

Assuntos como a experiência milenar das civilizações do assim denominado Oriente Próximo; a emergência e desenvolvimento do mundo grego e o surgimento, expansão e desagregação do Império Romano não podem faltar nos capítulos ou seções reservadas para a História Antiga (FUNARI, 2003, p. 102).

O ensino de História Antiga ainda hoje tem como base os PCN's da década de 1960, ou seja, a História Antiga ainda é classificada como o estudo das sociedades antigas, organizadas em civilizações, que desembocaram na formação da Civilização Ocidental, em especial, a europeia, além disso, colocavam como civilizações primárias as sociedades complexas às margens dos rios Nilo (Egito), Tigre e Eufrates (Mesopotâmia). Segundo Norberto Luiz Guarinello¹⁰⁸:

¹⁰⁸ Professor doutor, da Universidade de São Paulo, líder do Grupo de Pesquisa 'LEIR no CNPq e coordenador nacional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano.

Daí, o percurso civilizacional da Humanidade passaria de maneira gradual para os territórios da Península Balcânica e da Península Itálica, nos quais emergiram as sociedades grega e romana, respectivamente. Compondo uma certa unidade (a “Civilização Clássica”), Grécia e Roma, ao fim e ao cabo, dariam origem à sociedade europeia. Essa continuidade entre o passado e o presente foi bastante acentuada pelos intelectuais do Renascimento, que buscavam associar o mundo europeu dos séculos XV-XVI com o passado greco-romano na intenção de superar a ruptura produzida pela História do Meio ou Medieval. (GUARINELLO, 2003, p. 51)

Ainda segundo o autor, “*Por esse motivo, a História Antiga tem sido amiúde ensinada sob a forma de uma sucessão temporal tripartida que caminha do Leste para o Oeste: Antigo Oriente Próximo (em particular Egito e Mesopotâmia), Grécia e Roma*” (GUARINELLO, 2003, p. 52). Vale salientar que, alguns livros didáticos, também dão espaço para o estudo de outras sociedades antigas, dentre elas, a sociedade *persa, fenícia e hebraica*, com isso, também aborda questões sobre a origem das religiões, como por exemplo, o judaísmo, o islamismo e o cristianismo.

Nesse quadro, pode-se constatar a dependência que a História Antiga tem em relação a história europeia. Logo, o ensino de História Antiga ainda é dotado de uma concepção de história eurocêntrica. Sobre isso, Ana Teresa Marques Gonçalves¹⁰⁹ e Gilvan Ventura da Silva¹¹⁰, fazem a seguinte colocação:

Quanto a isso, embora outras especialidades históricas, tais como a História do Brasil e a da América, tenham se mostrado no decorrer dos últimos anos muito mais hábeis para se desvencilhar de uma bitola excessivamente europeia, a História Antiga continua presa a ela pelos simples fato de se tratar uma realidade geográfica e cultural que hoje denominamos Europa de maneira transhistórica, como as principais correntes historiográficas do século XIX, com sua irritante insistência em revelar as “origens” da nação, nos levaram um dia a supor. A própria nomenclatura empregada para o estudo das sociedades antigas exprime uma ótica eurocêntrica. A expressão “Oriente Próximo”, por exemplo, designa o território oriental mais próximo do ponto de vista da Europa, enquanto o “Extremo Oriente” designa o território oriental mais distante. (GONÇALVES; SILVA, 2008, p. 26)

¹⁰⁹ Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professora associada de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Goiás.

¹¹⁰ Gilvan Ventura da Silva é doutor em História pela Universidade de São Paulo (Usp), mestre em História Antiga e Medieval, bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Titular de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em História.

No ensino de História Antiga, as sociedades do Egito e da Mesopotâmia, deixaram de ser caracterizadas como sociedades que tinham influências asiáticas em seus modos de produção, bem como as sociedades da Grécia e da Roma não são mais postas apenas como sociedades escravistas. Sobre as sociedades do Oriente Próximo¹¹¹, a História Política se faz muito presente, o estudo é baseado em critérios de natureza política, onde é posto que na História da Mesopotâmia, por exemplo, uma *cidade-Estado* se sobrepõe às demais política e economicamente, assim como na História do Egito Antigo, é dividida em fases imperiais (Antigo, Médio e Novo Império) e períodos frisando questões como a briga política entre dinastias a fim de exercer o controle do território egípcio.

A noção de Grécia ou de Civilização Grega surge como aspectos de ordem didática, a fim de classificar as sociedades que ocupavam esse território na antiguidade, o que faz com que se crie uma noção identitária entre esses povos, entretanto, vale salientar que, “*nunca correspondeu a uma sociedade uniforme, a uma mesma cultura ou a um Estado unificado*” (GUARINELLO, 2003, p. 53). O estudo da História da Grécia, segue sempre uma mesma espécie de linha cronológica, tem início com a abordagem sobre as civilizações surgidas nas ilhas do Mar Egeu (*Cíclades*), seguida por uma narrativa didática sobre a *Península Balcânica* ou *Hélade*, estabelecendo também abordagens a *Civilização Micênica* e da *Idade Homérica* onde é falado sobre o surgimento das *idades-Estado*, em especial, Atenas e Esparta. Após isso, é falado sobre a união feita entre as *idades-Estado* da Grécia após a Guerra do Peloponeso (431-404) acompanhada sobre a trajetória de Alexandre (O Grande), na tentativa de criar uma espécie de Império Universal.

Dentro da História Antiga, é muito raro encontrar algum material que trabalhe sobre a história da sociedade espartana, a maioria das obras voltadas sobre esse conteúdo, reservam apenas um ou dois capítulos para falar um pouco da sociedade em questão. A produção acadêmica voltada a área da antiguidade produz muito mais material sobre a sociedade de Atenas que a de Esparta, segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva¹¹²:

A vitória espartana na guerra do Peloponeso impele os autores a relatar alguns episódios mais conhecidos sobre a cidade lacedemônia. Portanto, na linha cronológica

¹¹¹ Tal concepção, presente durante muito tempo nas páginas do livro didático, pressupunha que os Estados, no Oriente Próximo, se formaram em torno de rios com a finalidade de organizar o trabalho de exploração da água utilizada na agricultura.

¹¹² Graduada em História (1996), Mestre em História Econômica (2002) e Doutora em História Social (2007) pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutora em Estudos Literários (2010) pela Universidade Estadual Paulista. Pós-Doutora em Letras Clássicas (2012) pela Universidade de São Paulo.

dos acontecimentos históricos em Atenas, Esparta surge como um elemento constitutivo do mundo ateniense, uma vez que suplantou belicamente a cidade ateniense impondo seu regime político e cooptando seus aliados. Raros os pesquisadores que dedicam suas reflexões apenas à história espartana, fato que pode ser constatado ainda na historiografia estrangeira. (SILVA, 2008, p. 91)

Alguns historiadores consideram que Adolf Hitler inspirou-se nos espartanos para implantação de sua política eugênica e militarista (RAWSON, 1991, p. 306-343), isso fez com que se criasse uma espécie de repulsa por parte dos historiadores a história de Esparta dando mais valor a história de Atenas. Segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva:

Há uma espécie de abismo historiográfico entre os anos 50 e 70, nos quais os estudos sobre Esparta são rarefeitos, havendo uma retomada mais significativa no início da década de 80. (SILVA, 2008, p. 91)

Os poucos estudos sobre Esparta no Brasil se explicam pelo fato de estarmos dando os primeiros passos nos estudos clássicos e pela forte influência por parte da historiografia europeia em nossa produção acadêmica.

Nos livros didáticos, poucas páginas são destinadas para a abordagem da história espartana, sobre ela, os historiadores colocam as instituições de Esparta como arcaicas e ressaltam o militarismo exacerbado da *pólis*. As fontes usadas criam uma visão mítica sobre Esparta, onde os cidadãos abrem mão da vida privada pelo bem comum. Além disso, no que se refere a cultura material da *pólis*, os achados arqueológicos são completamente ignorados pelos historiadores, sobre isso, o que se repete na maioria dos livros didáticos é um busto retratando a figura de Leônidas¹¹³. Não há como negar que há uma espécie de “preferência” por parte dos elaboradores dos livros didáticos em abordar a história dos atenienses do que a história dos espartanos. Norberto Luiz Guarinello expõe que:

Em sua grande maioria, esses autores destacam os fatos ocorridos no conhecido “Século de Péricles”, atribuindo à cidade ateniense valores enaltecidos como a adoção de regime democrático e o grande desenvolvimento artístico e literário do quinto século antes de Cristo. Nesse sentido, tanto as fontes materiais quanto as literárias disponíveis contribuem sobremaneira para essas interpretações. No entanto, no meio acadêmico, é consenso de que a democracia ateniense também é fruto de idealização dos historiadores europeus. (GUARINELLO, 1994/5, p. 271)

¹¹³ Leônidas I ou Leônidas I, Oriundo da dinastia Ágida foi rei e general de Esparta de 491 a.c. até a data de sua morte em 480 a.c., durante a batalha de Termópilas. Foi antecedido por seu pai o rei Anaxândrides II, e sucedido por seu filho Plistarco.

A problemática da escrita da história espartana se dá pelas poucas fontes que abordam a história da *pólis*, a maioria delas, produzidas por atenienses no período clássico, um outro problema seria os poucos achados arqueológicos e vestígios de materiais espartanos, em especial do período clássico, o que faz com que não haja uma imparcialidade na abordagem historiográfica de Atenas e Esparta. Segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva:

Há a propensão dos historiadores da Antiguidade em repisar os caminhos traçados pela historiografia tradicional, evitando questionamentos seja pela falta de uma visão crítica ou pela pressa em publicar suas obras. (SILVA, 2008, p. 92)

No que se refere a cultura material espartana, na planície do rio do Eurotas, é possível identificar apenas ruínas de dois santuários, um dedicado à deusa Atena e outro à Ártemis. Construções modernas tomaram conta da região do vale do *Monte Taígeto*¹¹⁴, entretanto, ainda é possível identificar vestígios da antiga *Ágora* espartana e de um grande teatro, ambos construídos pelos romanos.

Boa parte dos achados arqueológicos presentes no Museu de Esparta, são provenientes do santuário destinado a Ártemis e são datadas entre os séculos VII e VI a.C., neste também foram encontradas máscaras votivas em terracota, estatuetas em bronze, pequenos relevos de animais e, peças ornamentais desenhadas em mármore e marfim. Algumas estatuetas de bronze lá presentes, foram encontradas no santuário destinado à deusa Atena. Segundo Maria Aparecida de Oliveira Silva:

Próximo ao santuário de Ártemis, às margens do rio Eurotas, foi encontrado um cemitério de guerreiros espartanos, informação adquirida por intermédio do achado de estelas funerárias e de um grande vaso, com representações de guerreiros, datados do século VII a.C. (SILVA, 2008, p. 93)

A maioria dos materiais arqueológicos encontrados sobre Esparta, são relativos ao período arcaico da *pólis* e de dominação romana. Há um vazio material entre esses dois períodos da história de Esparta, o que dificulta ainda mais a escrita da história da *pólis*.

Em suma, a disparidade entre a cultura material remanescente de Esparta e a de Atenas aliada a sua falta de divulgação atendem pelo desinteresse dos historiadores com relação aos achados espartanos no momento da escrita da história dessa cidade. (SILVA, 2008, p. 94)

¹¹⁴ Taígeto ou monte Taígeto é uma cordilheira e também um dos nomes do seu ponto mais alto, no Peloponeso, Grécia.

Algumas divergências entre as fontes escritas e materiais sobre Esparta aumenta a dúvida por parte dos historiadores sobre essa sociedade, o que acirra cada vez mais um debate entre primitivistas, que tomam as fontes para basear suas ideias sobre a *pólis* de Esparta, e modernistas, que tomam por base a cultura material, sobre a organização da *pólis*. Não se pode negar as várias dúvidas em relação a história da *pólis* de Esparta, em especial ao fazer um cruzamento entre as fontes escritas, que apresentam uma *pólis* guerreira, e os achados arqueológicos que além disso, colocam que esta tinha seu desenvolvimento pautado no artesanato, produção cerâmica, dança e música. Para se compreender a história dos espartanos, não se deve de forma alguma abrir mão da interdisciplinaridade.

3. ICONOGRAFIA E A SOCIEDADE ESPARTANA

Neste capítulo, será feita uma abordagem sobre a produção de vasos em Esparta, a fim de compreender melhor, o fato da produção de vasos lacônios ser considerada de menor proporção frente a grande produção de vasos áticos e coríntios. Após isso, é feita uma discussão sobre as análises metodológicas das imagens nos vasos para que se estabeleça uma narrativa das representações colocadas nos vasos visando descrever o que se passa naquela representação, além de identificar o porque de certos elementos estarem sendo representados ali.

Por fim, é feita uma análise de três vasos produzidos na região da Lacedemônia, onde usando as perspectivas de Claude Bérard e Claude Calame, foi possível contruir algumas pranchas descritivas desses vasos, discorrendo sobre as representações e elementos que estes carregam.

3.1 A produção de vasos na Lacônia

Até os dias atuais, foram elaborados apenas dois grandes catálogos vasos lacônios figurados na Europa. O pioneiro foi Conrad Stibbe¹¹⁵, que no ano de 1972, criou o primeiro catálogo de vasos lacônios figurados, com cerca de 370 exemplares, a fim de identificar e diferenciar os pintores pelo estilo utilizado em suas obras para assim, atribuir autoria aos vasos mais conhecidos e os ainda não estudados mais profundamente. Graças a metodologia usada por Stibbe para identificar os pintores dos vasos, fez de sua obra, uma das principais referências, até hoje, para o estudo de vasos lacônios.

Um outro catálogo iconográfico mais recente, foi formado pela arqueóloga Maria Pipili¹¹⁶, no ano de 1987. Neste, Pipili propõe uma espécie de corte temático a fim de abranger uma série de imagens em diferentes suportes composto por vasos, estátuas, e relevos em vários tipos de materiais. Seu objetivo principal era o de reunir um *corpus*¹¹⁷ de cenas mitológicas que abarcasse vários itens da iconografia. Um dos fatores de sua obra reunir um número menor de exemplares em relação ao catálogo de Stibbe, se dá pelo fato desta ter sido publicada posterior

¹¹⁵ Conrad Michael (Coen) Stibbe é um arqueólogo holandês, historiador da antiguidade e autor literário.

¹¹⁶ Maria Pipili é uma arqueóloga especialista em Esparta no período arcaico.

¹¹⁷ Coletânea ou conjunto de documentos sobre determinado tema.

a de Stibbe. Os dois catálogos juntos formam um *corpus* lacônio com cerca de 400 vasos, onde também são considerados, aqueles que possuem traços e fragmentos minimamente impossíveis de serem identificados ou organizados.

Segundo José Francisco de Moura em “*Emergência e Colapso da Produção de Vasos Lacônios Figurados. Iconografia, Comércio e Política na Esparta do Século VI a.C.*”:

Os vasos lacônios figurados começaram a ser produzidos no final do sétimo século, quando as crateras em relevo aparecem, primeiramente, no interior da própria Esparta. Posteriormente, grandes crateras de bronze e a técnica de figuras negras imprimida aos vasos de cerâmica surgem, representando diversos tipos de temáticas. (MOURA, 2003, p. 159)

Boa parte dos vasos de figuras negras, eram produzidos na região da Lacedemônia. A pintura de vasos foi introduzida no início do século VI a.C., com isso, estes vasos passaram a substituir aqueles que outrora eram usados nos banquetes. Vale salientar que, os banquetes eram práticas de cunho privado da aristocracia, geralmente praticadas em Atenas e Corinto.

Segundo Xenofonte em “*A Constituição dos Lacedemônios*”, a lei espartana proibía as refeições em casa, obrigando os cidadãos a participarem das refeições comuns - as famosas sissítias (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, V, p. 2). O autor continua expondo que, “*a contribuição para as mesas públicas era cobrada compulsoriamente em forma de impostos, sendo a sua contribuição uma das condições necessárias para se tornar um cidadão pleno*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, X, p. 7).

As primeiras figuras representadas nas *crateras*¹¹⁸ e *hidrías*¹¹⁹ figuradas, foram figuras de cabeças humanas e animais. Mesmo com a pintura dos vasos tendo seu início datado no século VI a.C., “*a introdução de figuras humanas nas crateras lacônias data de final do século VII*” (MOURA, 2003, p. 159).

Até o final do século VII a.C., existiam apenas três formas de *crateras*, no entanto, em meados do século VI a.C., o número aumentou para sete. As *crateras* em miniatura e em verniz negro surgem no mesmo período. As *crateras* figuradas, com finalidades ornamentais surgem por volta dos anos 650 a.C., mas, atingem seu ápice somente em 550 a.C. As *crateras* de bronze seguem o mesmo padrão cronológico, uma prova disso é que, ao fazer a narrativa da

¹¹⁸ Uma cratera era um vaso usado para misturar vinho e água.

¹¹⁹ Hídria era o vaso de cerâmica usado na Antiguidade para guardar água.

invasão persa ocorrida na Lídia¹²⁰, Heródoto acaba por mencionar uma *cratera* de bronze feita pelo Estado espartano para ser doada como presente a Cresus¹²¹, rei da Lídia. *Crateras* em relevo tinham como temática cenas de caça e luta de *hóplitas* com carros.

As *hidrías* serviam para misturar água e vinho, além de serem bastante fabricadas. Estas seguiam o mesmo padrão das *crateras*. A *lakaina*¹²² era um tipo de vaso típico da região da Lacônia, dos vasos figurados desse tipo apenas 16 deles podem ter suas figuras identificadas, entretanto, com o restante de seus fragmentos em péssimo estado de conservação.

A grande maioria desses vasos era de simples confecção. Dos 256 exemplares estudados por Stibbe, somente 26 eram figurados (Stibbe 1991:20), desses 26, somente 16 podem ter suas figuras identificadas, estando os demais fragmentos em péssimo estado de conservação. (MOURA, 2003, p. 160)

Quanto a isso, a historiadora Patrícia Grau-Dieckmann¹²³, em seu artigo intitulado “*La Iconografía Como Testimonio*”, ressalta o papel do iconógrafo na restauração de vasos, um trabalho que exige bastante minúcia ao se executar, a autora revela que “*Uma vez identificada a iconografia e justificada pelos textos correspondentes, esta deve ser cortejada com outras representações análogas*”. (DIECKMANN, 2008, p. 12).

A *lakaina* tem seu surgimento no século VIII a.C., entretanto, apenas no início do século VI a.C., é que ela recebe as figuras negras em sua superfície. A *lakaina* fazia parte do cotidiano dos lacônios, geralmente eram usadas como ofertas aos deuses ou eram ofertadas nas tumbas, a maioria delas foram encontradas em santuários lacônios e datam do *Período Arcaico*.

A *kylix*¹²⁴ (taça) figurada era o tipo de vaso mais numeroso na região da Lacônia, esta obedecia a um padrão um pouco diferente das *crateras* e *hidrías*. A *kylix* era elemento indispensável nos banquetes, mas, também eram usadas como oferendas em funerais e santuários. Segundo José Francisco de Moura:

O uso dos vasos nos banquetes também pode ser verificado através das próprias pinturas dos vasos que representam aquela prática. Nota-se, nessas pinturas de banquetes, que os pintores pintavam, nas cenas, as mesmas formas dos vasos encontrados pela arqueologia. Os diversos tipos de crateras, taças e outros vasos,

¹²⁰ Lídia era o nome de uma região na porção ocidental da antiga Ásia Menor cuja origem foi um importante reino neo-hitita que prosperou na idade do ferro ali, o Reino da Lídia.

¹²¹ Cresus foi o último rei da Lídia, da dinastia Mermnada, filho e sucessor de Alíates que morreu em 560 a.C.

¹²² Vaso de cerâmica usado para guardar água, óleo ou vinho.

¹²³ Licenciatura em Ciências Humanas e Sociais, Artes orientado, (1999). Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade de Palermo, Buenos Aires, Argentina.

¹²⁴ A *kylix* é uma taça de vinho de cerâmica, cuja utilização na Grécia antiga é atestada a partir do século VI a.C.

figurados ou não, estão ali pintados, o que fortemente indica que os pintores tinham conhecimento visual da realização dos banquetes. (MOURA, 2003, p.162).

As taças figuradas não significaram uma espécie de inovação nas formas dos vasos, isso porque, anterior a esse período, algumas taças continham inúmeras figuras que poderiam ser feitas de vários materiais diferentes, a maioria delas eram feitas de barro puro, entretanto, também poderiam ser feitas de ouro, prata, verniz negro e madeira. O grande crescimento da produção de vasos de figuras negras se dá pela grande procura por parte da sociedade que consumia tal material. Segundo Rolley¹²⁵:

A emergência dos vasos figurados ocorre dentro do contexto da busca de símbolos de status por parte da elite esparciata após a vitória espartana na segunda guerra da Messênia e a provável redistribuição de terras que a acompanhou. (ROLLEY, 1999, 130-131)

Segundo alguns historiadores de visão “modernista”, durante o *Período Arcaico*, a economia dos gregos era baseada na troca de excedentes, daí cria-se posteriormente a moeda para mediar essas trocas. Segundo Moura:

Em geral, os autores que defendiam e ainda defendem esta hipótese, partem do pressuposto de que a economia grega, apesar de suas especificidades intrínsecas, não obedeceria critérios muito diferentes dos verificados em sociedades ocidentais pós-medievais. Haveria, na economia grega, como em qualquer outra sociedade minimamente complexa, uma racionalidade econômica comum, baseada na necessidade humana de acumulação de riquezas materiais e de troca de seus excedentes com outras sociedades. (MOURA, 2003, p. 164).

Os considerados “primitivistas”, explicam que não se pode aplicar a economia grega conceitos universais aplicados ao modernismo. Segundo eles, a economia de uma *pólis* funcionava com base em sua política, instituições públicas e caráter dos cidadãos, isso por conta da diversidade cultural da Grécia nesse período.

Esse numeroso grupo de historiadores baseia-se no fato de que a Economia só teria se automatizado enquanto uma ciência a partir do advento das sociedades industriais do capitalismo e mesmo dos Estados Nacionais. Os “primitivistas”, por isso mesmo, defendem a hipótese de que a economia grega só deve ser estudada a partir dos próprios termos “econômicos” criados pelos gregos. (MOURA, 2003, p. 165)

¹²⁵ Claude Rolley, foi um arqueólogo francês, professor emérito da Universidade de Borgonha, escritor de arte, arqueologia da Grécia e da Gália.

A escassez das fontes não permite com que os historiadores cheguem a uma conclusão exata ou consenso da forma como funcionava a economia grega naquele período. As fontes sobre esse período não trazem consigo dados imprescindíveis para um levantamento sobre a economia de determinada sociedade, faltam as taxas de juros, o papel moeda usado nas trocas e inúmeros outros elementos, bem como os impactos econômicos causados pelo artesanato e outras atividades econômicas nas *póleis* gregas.

Esses problemas também se aplicam quando se trata da economia de Esparta, entretanto, com a ajuda da arqueologia, pode-se pensar hoje como se dava a economia espartana nesse período. Segundo Moura:

As mesmas têm provado, por exemplo, a total ausência de moedas de ouro e de prata no território lacônio, principalmente no que concerne ao período anterior a 360. Essa ausência confirma dados advindos das fontes escritas clássicas sobre o caráter eminentemente rural daquela economia e sua pouca propensão para o comércio feito em espécie. (MOURA, 2003, p. 165)

Moura também explica, com base nos escritos de Heródoto, que as relações comerciais desse período se davam de forma mais política e diplomática, segundo ele, a economia funcionava por meio de troca entre Estados ou pessoas influentes, toma como exemplo, as *crateras* de bronze enviadas pelos espartanos aos lídios e celtas¹²⁶, e a couraça¹²⁷ de linho recebida dos *Âmásis*¹²⁸ do Egito no século VI a.C.

Essas trocas, porém, são insuficientes para explicar o desenvolvimento do comércio e do artesanato que se verificou após 620. Parece coerente aceitar que, pelo volume das trocas, o Estado espartano deixava os comerciantes e artesãos operarem com algum grau de independência, embora sua presença sempre existisse operasse na determinação dos mercados proibidos. A abertura dos portos aos comerciantes das *póleis* amigas, a aceitação moderada de mecanismos de troca como prata e ouro não cunhado, a disponibilização de parte das colheitas para serem trocadas por outros produtos, e a viabilização do funcionamento de oficinas dentro e fora de Esparta são algumas dessas medidas que tornaram possível o surgimento e incremento de novos ofícios do comércio. (MOURA, 2003, p. 166)

¹²⁶ Celtas é a designação dada a um conjunto de povos, organizados em múltiplas tribos e pertencentes à família linguística indo-europeia que se espalhou pela maior parte do Oeste da Europa a partir do II milênio a.C.

¹²⁷ A couraça é uma peça de armadura largamente utilizada, nomeadamente pelos cavaleiros e infantas, em diversos períodos da Idade Média.

¹²⁸ *Âmásis/Amásis*, foi um faraó da XXVI dinastia egípcia, que governou entre 570 e 526 a.C., na Época Baixa.

Isso acabou por possibilitar o envolvimento de mais pessoas na produção artesanal e comercial da *pólis*. Consequentemente, o número de pintores lacônios, segundo Stibbe, cresceu bastante nesse período. Em suas análises, Stibbe conseguiu identificar 14 deles.

A produção de vasos figurados se deu em meio ao crescimento de outros ícones da cultura material, dentre eles, a produção das estatuas em bronze, osso, marfim e chumbo, o que significa um aumento considerável da produção artesanal nesse período. Estas novas produções também são representadas na temática de alguns vasos figurados. Há uma espécie de interligação, entre as formas dos relevos das estatuas e as cenas de vasos, como por exemplo, ao representarem os homens maduros como fortes, cabelos compridos e cacheados, e barbas longas; os jovens geralmente são representados nus, com cabelos curtos e sem barba, e; as mulheres, geralmente, são representadas nuas ou vestidas em curto ou longo *quitón*¹²⁹.

Com a vitória na segunda guerra Messênia, os esparciatas se permitiram receber influencia cultural de alguns povos, como por exemplo, os poetas líricos da Jônia¹³⁰ e Sárdis¹³¹, importação de materiais de Tiro¹³², o ouro vindo da Lídia, e trocas materiais com os egípcios e celtas.

Ao comparar os vasos lacônicos com os vasos áticos e coríntios, percebe-se que o estilo lacônico era caracterizado pelo seu centro de produção não ser tão significativo quanto aos outros dois no que se refere à extensão da produção e comércio de peças. Essa mesma lógica pode ser aplicada ao número de pintores, enquanto Atenas tinha 100 pintores durante o século VI, Esparta tinha 19.

Isso nos remete a pensar no fato de que, as *póleis* de Atenas e Corinto criaram mecanismos mais sólidos de produção e distribuição dos vasos do que a sociedade espartana. José Francisco de Moura coloca que:

A intensidade nas produções de vasos e estatuas em esparta no século VI é visto muito mais como um incentivo esporádico e artificial, criado por condições específicas de

¹²⁹ Quitón é uma peça de vestuário utilizada na Grécia Antiga. Era uma túnica usada tanto por homens quanto por mulheres. Estendida, era basicamente um retângulo de tecido.

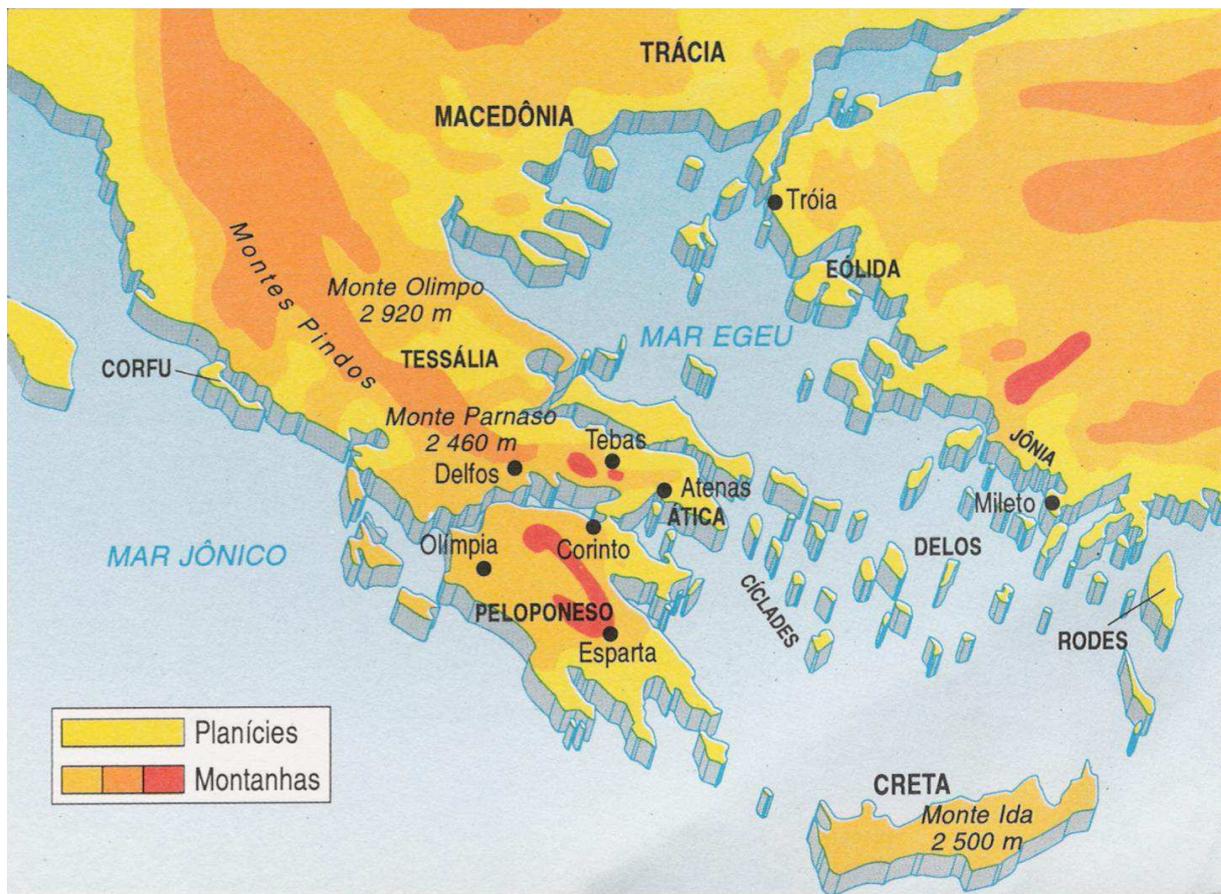
¹³⁰ Jônia ou Jónia era uma região da costa sudoeste da Anatólia, hoje na Turquia. Ficava entre Mileto e Fócia, e era banhada pelo mar Egeu.

¹³¹ Sárdis ou Sardes, foi a capital do antigo Reino da Lídia – tendo sido depois a sede da província romana da Lídia depois das reformas administrativas de Diocleciano, continuando a pertencer a Roma depois e durante o período bizantino.

¹³² Tiro é uma cidade fenícia no Líbano na costa do mar Mediterrâneo, a cerca de 30 quilómetros de Sídon.

uma contingência política e social, do que uma tendência intrínseca ao desenvolvimento da economia local. (MOURA, 2003, p. 170)

A localização geográfica das *póleis* servia como um sinal sobre para onde as economias daquele lugar deveriam estar voltadas. Esparta estava localizada em uma área agrária a 40 quilômetros da costa, logo, isso fez com que voltassem sua economia para a agricultura. Atenas e Corinto eram *póleis* geograficamente próximas ao mar, facilitando o intercâmbio marítimo e dominando o contato com o norte da Grécia e o golfo coríntio.



Mapa referencial da Grécia Antiga – xCHEx.

Isso reforça o fato de que a localização estratégica de Atenas e Corinto acabou por facilitar o intercâmbio marítimo, dominando o contato com o norte da Grécia e o golfo coríntio, desembocando em uma marinha mercante e militar muito antes de Esparta, que criou a sua marinha somente ao final da *Guerra do Peloponeso*. Essa localização estratégica justifica também o fato das produções artesanais de Atenas e Corinto terem chegado a lugares mais distantes muito antes da produção lacônia e de artesãos e comerciantes terem sido estratos sociais numerosos e influentes comparado aos lacônios.

Moura aponta também que evidências arqueológicas mostram que o processo histórico do desenvolvimento territorial de Esparta foi caracterizado por uma espécie de expansionismo lento e consistente direcionado ao norte e ao sul da Lacedemônia. O contato com a costa da Lacônia, até o século VII, era bem pequeno para uma comunidade que tivesse interesse maior em atividades marítimas.

A forte tendência agrária dos espartanos refletia de forma direta em sua religião. Já que os deuses mais antigos de Esparta estavam ligados à agricultura, como por exemplo, *Orthia*¹³³ e *Cárneo*¹³⁴, isso acabava também por influenciar nas reproduções iconográficas dos vasos.

Moura também reforça a representação da mitologia nos vasos lacônicos devido ao grande número de pássaros representados na maioria dos vasos, reforça também que boa parte dessas aves são de difícil identificação:

Poderiam tratar-se de aves ligadas a deusa *Orthia*, a deusa da vegetação e da fertilidade. O significado de cada uma delas, porém, é muito difícil de ser entendido, na medida em que as mesmas aparecem em cenas de diferentes temáticas. (MOURA, 2003, p.178)

Boa parte das cenas representadas nos vasos lacônios não se pode separar o secular do mítico-religioso, isso se dá pelo fato de que, várias dessas cenas intercalam esses dois mundos, como por exemplo, as representações dos banquetes e de cavaleiros, podem representar também, seres alados, como é feito em várias das representações sobre as guerras de Tróia, onde, são representados tanto os heróis antigos quanto os guerreiros vivos.

As especificidades de cada pólis ou pintor nas representações apresentadas nas pinturas dos vasos, acabam por dificultar a interpretação e identificação de vários elementos ali presentes, dessa forma, uma única cena pode ter mais de uma interpretação. Boa parte dos vasos lacônios trazem consigo, representações de práticas sociais e cotidianas recorrentes da *pólis* de Esparta como, cenas de guerra e caça, por exemplo. Levando em conta a dificuldade de provar que a cena pertence ou não ao cotidiano daquela sociedade, deve-se ter em mente o fato dos pintores quase sempre intercalarem em uma mesma cena, o secular com a esfera mítica, além

¹³³ Deusa da vegetação e da fertilidade, associada posteriormente a Ártemis

¹³⁴ Tinha papel fundamental na reprodução dos ciclos agrícolas e na fertilidade das estações, posteriormente associado a Apolo.

disso, “*cenar cotidianas são seguramente representadas na estatuária e em outros monumentos dos séculos VII e VI*” (MOURA, 2003, p. 175).

Para compreensão de algumas temáticas e de algumas cenas a elas relacionadas, o conhecimento do contexto onde o vaso foi encontrado é fundamental. A grande maioria dos vasos laconios são de procedência votiva, seguido pelos de caráter funeral. (MOURA, 2003, p. 175)

Nas proximidades do vale do Eurotas, considerada a região “urbana” de Esparta, foram encontrados vasos figurados mais refinados, muitos deles até envernizados. Esses tipos de vasos raramente foram encontrados próximo aos campos, estudos sobre eles revelaram que, esses tipos de vasos figurados eram consumidos apenas pela elite de Esparta. Tais achados arqueológicos foram encontrados em uma sepultura espartana e datam do século VI a.C., logo, associa-se esse tipo de vaso como uma oferta ao morto. Além disso, estes achados reforçam a existência da prática dos banquetes funerários em Esparta, segundo Nigel Spivey¹³⁵:

A prática do banquete funerário não era estranha aos costumes religiosos gregos no período. Na Etrúria, verificava-se a existência de uma prática similar, com os vasos de beber e comer sendo também enterrados juntos com os mortos. (SPIVEY, 1997, p. 137)

A interação cultural dos espartanos com outros povos acabou por influenciar em suas práticas culturais, isso explica as causas do rito funerário citado acima. Segundo Moura:

Povos em contatos contínuos com outras culturas tendem a absorver, exportar e associar diferentes crenças, valores e práticas sociais, embora, quase sempre, imprimindo-lhes novos arranjos e novas funções dentro de seus próprios referenciais simbólicos. (MOURA, 2003, p. 177)

A representação dos deuses na iconografia espartana acaba por seguir o mesmo padrão iconográfico adotado em Atenas e Corinto. O reconhecimento destes nos vasos figurados não é uma tarefa fácil já que, quando representados, não lhes são atribuídos elementos específicos considerados comuns entre os deuses. Na tentativa de estabelecer uma relação entre os deuses com os mortais, os pintores sempre buscavam representar os deuses em situações específicas e não de forma isolada, dessa forma, a temática envolvida em torno da representação dos deuses adquire um caráter muito mais narrativo que ilustrativo.

¹³⁵ Nigel Jonathan Spivey é um classicista britânico e acadêmico, especializado em arte clássica e arqueologia.

Uma das fortes características presentes nos vasos lacônios é o grande número de pássaros nas representações, o que acaba por dificultar na identificação e interpretação de determinada cena por terem significados diferentes se levado em conta o contexto em que estas aparecem.

Com o passar do tempo os espartanos perceberam que o desenvolvimento do artesanato e do comércio na *pólis* poderia gerar um grande problema para a aristocracia local, caso, os outros grupos sociais ali presentes reivindicassem seus direitos e redistribuição de terras, isso faria com que a aristocracia rural perdesse aos poucos o controle do Estado e terras de suas posses.

A partir da segunda metade do século VI, as oficinas lacônicas de vasos entraram em colapso reduzindo suas atividades, operando com profissionais não muito especializados, além de fazer com que os ornamentos internos e externos desaparecessem. Tudo isso contribuiu para que, no último quarto do século VI, praticamente desaparecessem dos vasos. Segundo Clinton Richard Dawkins¹³⁶:

Muito se tem discutido sobre as causas desse fenômeno. Os arqueólogos que escavaram Esparta no começo do século XX associaram-no às reformas políticas e sociais que teriam implementado uma vida austera, igualitária e isenta de riquezas. (DAWKINS, 1929, p. 15).

Alguns estudiosos criticaram tais colocações feitas pelos arqueólogos. John Manuel Cook¹³⁷, por exemplo, expõe que a visão dos arqueólogos era pautada em um conceito de decadência artística:

Os periecos eram os grandes responsáveis pela elaboração dos vasos, uma mudança no padrão dos mesmos não significa dizer que tenha ocorrido, em algum momento, mudanças no regime de vida espartano. (COOK, 1962, p. 156)

Com as derrotas para Tégea e Argos entre 580-560, houve um aumento significativo de militares na *pólis* espartana, aperfeiçoando sua forma de luta com a implantação da falange hoplítica. Isso fez com que a partir de 550 o *corpus* imagético espartano sobre a temática da guerra crescesse com a representação das falanges nos vasos. Houve também, um aumento

¹³⁶ Clinton Richard Dawkins é um etólogo, biólogo evolutivo e escritor britânico. É fellow emérito do New College, da Universidade de Oxford e também foi Professor para a Compreensão Pública da Ciência, na mesma instituição, entre 1995 e 2008.

¹³⁷ John Manuel Cook foi um arqueólogo clássico britânico.

considerável também de guerreiros representados nas estatuetas de chumbo espalhadas pelos santuários da *pólis*.

As derrotas sucessivas dos espartanos nos jogos olímpicos, segundo Moura, podem ser consideradas um dos fatores que levaram a uma mudança de comportamento por parte da elite de Esparta.

O século VI se caracterizou pelo aumento da especialização dos atletas, que passaram a praticar as modalidades de forma mais intensa e sistemática, o que requeria mais tempo dedicado aos treinamentos. Pode-se considerar quem em um primeiro momento, ente 580-545, as vitórias espartanas nos jogos diminuíram em função de Esparta estar envolvida em seguidas guerras contra seus vizinhos. Porém, a introdução de um treinamento especializado mais consistente por parte dos atletas de outras *pólis*, que se deu a partir daí, impossibilitou que os atletas espartanos se destacassem como antes. O aumento do treinamento militar que o aperfeiçoamento de uma luta de falange requer foi reforçado pela maior ênfase dada aos ritos iniciáticos na educação dos jovens. (MOURA, 2003, p. 182)

Tais mudanças implicaram, por exemplo, no surgimento da *sisítia*, como forma de encontro público comensal e, o aumento na capacidade militar de Esparta, fez com que tivesse origem a *Liga do Peloponeso*, uma espécie de aliança entre *pólis* liderada por Esparta.

A Esparta militarista das fontes escritas do período clássico é muito pouco representada nos vasos lacônicos. Segundo Moura, “*Se considerarmos as temáticas que incluíam hólitas e cavaleiros, temos um total de 23 vasos dos cerca de 200 conhecidos*” (MOURA, 2002, p. 210). Esse número é ainda menor quando levamos em consideração algumas representações que apresentam a figura de cavaleiros referindo-se a uma procissão e não a guerra.

Uma característica marcante na iconografia lacônia são os carros de guerra que aparecem nos vasos, dando a entender em um primeiro momento, como uma espécie de anacronismo de discurso. No século VI a.C., as táticas de guerra dos *hólitas* estavam bem avançadas como forma de combate, o que leva a concluir que a presença dos carros de combate nas cenas de guerra não faz o menor sentido.

Cartledge coloca que, isso pode ser visto como forma de resistência da aristocracia em assimilar as táticas de lutas por falanges, implicando em um certo grau de igualdade entre os combatentes e diminuindo a distinção individual. O autor coloca que eles iam aos combates em carros de guerra ou montados em cavalos e integravam as falanges somente quando a hora

da batalha estava próxima, mantendo dessa forma um *status* diferenciado e poupando a energia para guerra.

A representação das falanges em vasos lacônicos parece ter sido inserida através de um lento processo que foi consolidado somente em meados do século VI. As várias vitórias sobre Tagea e Argos nesse período juntamente com a força militar que Esparta detinha, indicam a manifestação da implementação de uma mentalidade militarista cada vez mais intensa. Segundo Moura:

A introdução da guerra hoplítica parece estar intrinsicamente ligada ao surgimento e desenvolvimento da pólis. O lento abandono da forma de divisão social por grupos “raciais”, erradamente chamados de tribos (*philai*), por uma organização comunitária dividida em regiões (*obai*), parece ter sido um sinal de que a nova organização social políade foi substituindo a organização social baseada nas antigas famílias, que se identificavam, sobretudo, por traços sanguíneos. O reflexo dessas transformações nas formas de combate foi se dando lentamente, em um processo cheio de avanços e recuos, resistências e “sobrevivências”. (MOURA, 2002, p. 211)

O aumento no número de cidadãos com posses de territoriais, possibilitou a integração destes à falange devido ao fato de agora poderem adquirir os equipamentos necessários para tal, ter tempo para treinar as táticas de guerra e serem impulsionados a isso pelo sentimento de defesa de território. A integração dos pobres às falanges da Atenas do século V a.C., era algo inviável, de acordo com fontes, datadas do período arcaico até o helenístico, explicam que parte do *dêmos*¹³⁸ seguiam as falanges nas guerras como arqueiros ou membros de tropas leves.

Esparta no *Período Clássico* tinha sua falange composta por 5 mil *hoplitas* esparciatas e 5 mil *periecos* na *Batalha de Plateia*, assim como durante a *Guerra do Peloponeso*, logo, a integração de membros à falange espartana independia da posição social do indivíduo. Segundo Cartledge, “*hilotas libertos atuaram como hóplitas durante a guerra contra Atenas, para isso, o governo assumiu os gastos com as armas, subsidiando-as*” (CARTLEDGE, 1981, p. 15). As derrotas de Esparta para Argos, Orcomênos e Tegea no final do século VII e início do século VI a.C., podem ser indícios da falta de preparo e

¹³⁸ Na Grécia Antiga, o *dêmos* era uma subdivisão da Ática, região da Grécia em torno de Atenas. Os *demos* já existiam, como meras subdivisões de terra nas áreas rurais, desde o século VI a.C., e mesmo antes, porém só adquiriram um significado mais importante depois das reformas de Clístenes, em 508 a.C.

desenvolvimento da falange espartana nesse período, cenário oposto à falange espartana na segunda metade do século VI a.C.

Em Esparta, a introdução da luta por falange parece não ter sido implementada de imediato, mas através de um lento processo, que somente parece ter sido consolidado em meados do sexto século. As constantes vitórias contra Tagueia e Argos a partir desse período, e a força de Esparta no final daquele século, sob o reinado de Cleomenes II, são sinais de que a implementação de uma mentalidade militarista cada vez mais intensa foi se manifestando. (MOURA, 2002, p. 212)

Nos vasos lacônios, nas cenas onde *hóplitas* e cavaleiros são representados, os cavaleiros não parecem ter uma função ativa no combate. Nas representações com temas relacionados à guerra onde se faz presente a figura destes, as funções dos cavaleiros e dos carros de guerra se assemelham as narrativas homéricas, serviam para transportar guerreiros durante as batalhas.

Os carros de guerra, além de serem ligados a personagens míticos de Homéero, eram sempre associados à aristocracia. Durante o sexto século, são retratados em várias crateras de bronze, segundo achados arqueológicos em tumbas etruscas e em Vix. Em Esparta, os carros de guerra eram usados em corridas de bigas e quadrigas promovidas por aristocratas espartanos. Além disso, serviam como meio de transporte para as mulheres aristocráticas para as festas na *pólis*, associa-se tal fato, a existência de estradas dentro da *pólis*. Segundo Xenofonte, “*esses carros ficavam à disposição de qualquer espartano que deles necessitasse, o que, se verdadeiro, atestaria uma função prática*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, VI, p. 3).

Com base nas palavras de Xenofonte, atesta-se que para se ter esses carros, deveria antes ter-se cavalos, estes, eram animais de uso exclusivo da elite local.

Uma série de vasos do *corpus* lacônio de vasos de figuras negras apresenta cavaleiros em distintas posições. Eles aparecem no solo, conduzindo seus animais, ou cavalgando a trote, em cenas que a princípio poderiam ser associadas às guerras. Alguns complicadores, porém, colocam dúvidas sobre essa interpretação. (MOURA, 2002, p. 216)

Além das representações nos vasos onde os *hóplitas* são colocados junto aos cavaleiros, as representações individuais dos *hóplitas*, segundo achados arqueológicos, datam de 550 a.C. Analisando todas as obras que compõem o *corpus* lacônio de figuras negras, apenas em 6 cenas das 23 cenas de guerras do *corpus* lacônio, representam os *hóplitas* lutando de

maneira isolada. O fato destes vasos terem sido encontrado em vários lugares diferentes como Esparta, Etrúria e Samos, leva a crer que, a difusão deste tema era bem grande. Os espartanos nessas representações, são identificados na maioria das vezes pelo seu aspecto físico. Geralmente, são representados com cabelos longos, cacheados e coxas robustas.

Durante os rituais funerários no *Período Clássico*, segundo Plutarco, “*nenhum objeto pessoal poderia acompanhar os esparciatas, era uma proibição determinada por lei*” (PLUTARCO, *Vidas Paralelas*, XXVII, p. 2). Xenofonte destaca que, “*Essa lei não atingia os reis, que eram enterrados como heróis*” (XENOFONTE, *A Constituição dos Lacedemônios*, VIII, p. 15). Entretanto, como já foi posto, em uma tumba de um espartano, datada do século VI a.C., foram identificados vasos figurados. Moura ainda expõe que:

No período, tumbas de dois andares começaram a ser construídas, sendo posteriormente substituídas por oficina de metal. Outros mortos dos séculos VIII e VII eram enterrados em grandes pithói funerários, acompanhados de objetos de uso pessoal. (MOURA, 2002, p. 222)

Pode-se concluir que a iconografia da lacônia, não necessariamente, busca representar as práticas guerreiras da *pólis* de Esparta, mais que isso, busca fazer uma leitura ideológica da sociedade em questão, como por exemplo, legitimar o papel político, econômico e social dos esparciatas na sociedade.

3.2 A discussão metodológica em torno da análise de imagens

Estabelecendo uma análise visual profunda das imagens apresentadas nos vasos gregos, perceberemos que as representações ali presentes, tinham uma estreita relação com a mitologia, aristocracia e o cotidiano das *póleis*. Entretanto, vale salientar que, os gregos não faziam a divisão entre sobrenatural e natural, logo, representações acerca do cotidiano acabavam por carregar também elementos míticos, devido a esse fato, a identificação e interpretação dos elementos ali presentes torna-se um pouco mais complicado.

Para se identificar elementos míticos nas representações, faz-se necessário identificar primeiramente atributos específicos relacionados aos deuses e heróis, entretanto, muitos desses objetos eram usados no cotidiano daquelas sociedades, dificultando ainda mais a leitura das imagens.

Durante o século XIX até meados do século XX, historiadores da arte e arqueólogos, identificaram todas as cenas representadas nos vasos como míticas, não levando em conta a possibilidade de serem cenas com práticas cotidianas na sociedade grega, visando a valorização desses vasos ao público moderno. Sobre isso, André Chevitaese¹³⁹ explica que:

Era corrente entre esses especialistas que a arte grega teria mais valor se as cenas fossem tratadas como referências ao mundo da mitologia tão-somente. Muitas identificações de cenas oriundas desse período criaram um padrão de identificação das cenas e dos personagens ali presentes que, de certa forma, valem até hoje para muitos pesquisadores, sendo muito pouco problematizadas (CHEVITARESE, 2001, p. 9).

No que se refere a leitura das imagens nas representações iconográficas encontradas nos vasos, pode-se dizer que, a pintura de cerâmica de figura negra, foi um estilo de pintura em vasos gregos antigos bastante comum entre os séculos VII e VI a.C. De acordo com Claude Calame, “*as figuras e ornamentos foram pintadas no corpo do vaso fazendo uso de formas e cores que relembram silhuetas*” (CALAME, 1986, p. 25).

Segundo Calame, os contornos delicados foram incisos na pintura, e os detalhes reforçados e destacados com cores opacas, geralmente brancas e vermelhas.

Os vasos de figuras negras gregas eram muito populares com os etruscos, por conta da frequente importação desses produtos. Os artistas gregos criaram produtos customizados para o mercado etrusco que diferiam em forma e decoração dos produtos normais. Os etruscos também desenvolveram sua própria indústria cerâmica de figura negra orientada para modelos gregos. (CALAME, 1986, p. 27).

Claude Bérard expõe que, “*a pintura de figura negra nos vasos foi o primeiro estilo artístico a dar origem a um número significativo de artistas identificáveis*” (BÉRARD, 1983, p. 19). Bérard também explica que alguns desses artistas são identificados com seus verdadeiros nomes, muitos eram moradores da Ática, outros, são identificados por nomes pragmáticos atribuído a estes pela literatura científica.

Suas variedades de inovações frequentemente influenciaram o trabalho de outros pintores. Os vasos de figuras vermelhas e de figuras negras, segundo o autor, são uma

¹³⁹ É graduado em História pela UFRJ. O seu Mestrado (em História Social) também se deu na mesma universidade, enquanto que o seu Doutorado (em Antropologia Social) foi feito na USP. É Professor Titular do Instituto de História da UFRJ, atuando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Tem se voltado para o estudo das experiências religiosas, em particular, na área de Cristianismo.

das fontes mais importantes de mitologia e iconografia, e às vezes também para pesquisar a vida grega antiga do dia a dia. (BÉRARD, 1983, p. 31).

Ambos os autores colocam que, a base para a pintura de cerâmica é o suporte de imagem, ou seja, o vaso no qual uma imagem é pintada. Explicam também que as formas populares e técnicas de produção foram alternadas ou até mesmo substituídas ao longo dos anos, entretanto, tinham um método comum de fabricação: depois que o vaso ficava pronto, era necessário deixá-lo secar antes de ser pintado. As oficinas estavam sob o controle dos oleiros, que como proprietários de empresas, tinham uma elevada posição social. Os autores deixam claras as dificuldades em reconstruir os laços entre oleiros e pintores.

Em muitos casos, é impossível fazer atribuições inequívocas, embora em grande parte da literatura científica, esses pintores e oleiros sejam assumidos como sendo a mesma pessoa, entretanto, tais atribuições só podem ser feitas com confiança se as assinaturas do oleiro e do pintor estiverem à mão. (CALAME, 1986, p. 29)

Havia também pintores que eram escravos ou artesãos, estes eram pagos como pintores de cerâmica e trabalhavam com vasos não cozidos em couro. No caso da produção de figura negra, o sujeito era pintado no corpo do vaso com uma pasta de argila que escurecia após a aplicação, após a aplicação dessa argila, as áreas das figuras eram pintadas a priori com um instrumento semelhante a uma escova e os contornos internos e detalhes estruturais eram incisos no processo de deslizamento para que a argila pudesse ser vista através dos arranhões.

Dois outros pigmentos à base de terra eram usados para adicionar detalhes vermelho e branco para ornamentos, roupas ou partes de roupas, cabelos, animais, partes de armas e outros equipamentos. O branco também era frequentemente usado para representar a pele das mulheres. (BÉRARD, 1989, p. 17)

Sabe-se que houve uma evolução da pintura de cerâmica de figura negra ao longo dos anos. Em Corinto, por exemplo, as diferenças nas produções variavam de acordo com a região, mesmo que o mesmo método fosse adotado em todas elas. Claude Bérard fala que “*a técnica da figura negra começou a ser desenvolvida e usada pela primeira vez em Corinto no início do século VII a.C. por pintores de cerâmica Proto-Corinthian, que ainda estavam pintando no estilo orientador*” (BÉRARD, 1989, p. 21).

A introdução dessa nova técnica era uma reminiscência de peças de metal gravado, com as louças de metal substituídas por vasos de cerâmica com figuras pintadas sobre eles, característica marcante da pintura de figura negra desenvolvida antes do final do século. A maioria dos elementos orientadores foram abandonados e não havia

ornamentos, exceto para rosetas *dabbed*, que eram sendo formadas por um arranjo de pequenos pontos individuais. (BÉRARD, 1989, p. 22).

Claude Bérard explica que a argila usada na produção de vasos em Corinto era macia, com um matiz amarelo, ocasionalmente verde, o que resultava muitas vezes em uma coloração indesejada do vaso inteiro, ou partes dele. Com a utilização do processo de deslizamento na pintura dos vasos, os mesmos ficavam com a cor preta apagada, por conta desses problemas, o uso das cores vermelhas e brancas tornaram-se comuns e acabaram por influenciar no formato do vaso que, raramente são superiores a 30 cm.

Claude Calame fala que as *garrafas de óleo, pirais, crateras, oinochoe*¹⁴⁰ e *copos* eram os vasos mais comuns pintados. Os vasos esculpidos também acabaram por ser generalizados, comparado aos vasos Áticos, as inscrições são raras e as assinaturas dos pintores ainda mais. A maioria dos vasos sobreviventes produzidos em Corinto foram encontrados na Etrúria, na baixa da Itália e na Sicília.

Calame expõe que, na primeira metade do século VI a.C., a pintura de vasos coríntios dominava o mercado mediterrâneo de cerâmica. O autor coloca que, em contraste com a pintura do ático, por exemplo, as proporções da base de cerâmica não evoluíram muito.

As cenas mitológicas eram frequentemente retratadas, especialmente Hércules e figuras relacionadas à Guerra de Tróia. Entretanto, a imagem em vasos coríntios não tem um alcance temático tão amplo como os trabalhos posteriores dos pintores do ático. Os deuses raramente eram retratados, Dionísio, por exemplo, nunca estava presente nas pinturas. (CALAME, 1996, p. 15)

O *Theban Cycle*¹⁴¹ foi mais popular em Corinto do que em Atenas, principalmente lutas, cavaleiros e banquetes que eram as cenas mais comuns do cotidiano. As cenas do esporte eram raras. As cenas com dançarinos “gordos” eram peculiares dos vasos coríntios e seu significado é discutido até hoje, as interpretações sobre o que esses vasos podem estar representando são beberrões, cujas barrigas e nádegas são acolchoados com travesseiros ou, podem representar uma forma precoce de comédia grega.

¹⁴⁰ Um oinochoe ou oinocoa, é um jarro de vinho e uma forma fundamental da cerâmica grega antiga. Existem muitas formas diferentes de oinochoe, o mais antigo é o olpe, sem ombro distinto e geralmente uma alça subindo acima do lábio.

¹⁴¹ O Ciclo Tebano é uma coleção de quatro épicos perdidos da literatura grega antiga que relatava a história mítica da cidade de Tebas, na Beócia. Eles foram compostos em verso hexamétrico dactílico e provavelmente foram escritos entre 750 e 500 a.C.

Em meados do século VII, houve uma espécie de ligação entre o estilo orientador (*Proto-Corinthian*¹⁴²) com o estilo preto. Durante este período, houve uma reprodução massiva de criaturas e animais híbridos. A qualidade da imagem era inferior em comparação com o período de orientação. As formas de vasos mais comuns e importantes eram os *aryballos*¹⁴³, *kotyles*¹⁴⁴ e *alabastros*¹⁴⁵, onde as bordas dos *kotyles* eram ornamentadas e seu copo decorado com animais e raios. Era muito comum a presença de cenas mitológicas nos *kotyles*. Os *alabastros* eram geralmente pintados com figuras únicas.

De acordo com Claude Bérard e Claude Calame, no período Médio de Corinto, as cores opacas eram usadas para dar maior ênfase aos detalhes. As figuras eram pintadas usando uma série de pontos brancos. Os *aryballos* tornaram-se maiores e receberam uma base plana. Segundo os autores, houve uma substituição das jarras de vinho de Corinto por uma versão Ática do oinochoe com um lábio de trevo. Nesse mesmo período, os vasos coríntios ganharam um revestimento vermelho para aumentar o contraste entre as grandes áreas brancas e a cor bastante pálida do vaso de argila. Isso fez com que os artesãos de Corinto competissem com os pintores áticos e posteriormente a liderança no comércio de cerâmica.

As formas dos vasos áticos passaram a ser copiadas, os *oinochoes*, cuja forma permaneceu basicamente inalterada passou a se assemelhar às formas do ático, os *lekythos*¹⁴⁶ ganharam mais força na produção e houve uma modificação na coluna da *cratera*, que era uma invenção coríntia, com um corte acima das alças, deu origem a *Cratera Calcídica*¹⁴⁷.

O campo da imagem principal passou a ser decorado com várias representações da vida cotidiana ou cenas mitológicas, o campo secundário tinha um friso de animal. As costas do caso geralmente mostravam dois grandes animais. Os copos eram mais profundos no período Médio e essa tendência continuou. Tornaram-se tão populares quanto os *kotyles*. De acordo como os autores, muitos deles traziam cenas mitológicas por fora e uma careta de górgona por dentro. Este tipo de pintura também foi adotado posteriormente por pintores do Ático. (BÉRARD, 1989, p. 32)

¹⁴² Estilo grego de cerâmica que floresceu em Corinto durante o período oriental (725-600 AC). Cerâmica proto-coríntia, a maioria em miniatura, foi a primeira a ser decorada na técnica de pintura de figuras negras: silhuetas de figuras desenhadas em preto e preenchidas com detalhes incisos.

¹⁴³ Um *aryballos* era um pequeno frasco esférico ou globular com um pescoço estreito usado na Grécia Antiga.

¹⁴⁴ Na antiguidade clássica, o *kotyles* ou *cotyla* foi uma medida de capacidade usada pelos romanos e gregos.

¹⁴⁵ Alabastro é uma designação aplicada a dois minerais distintos: gesso e calcite. O primeiro é o alabastro dos dias atuais; o segundo é geralmente o alabastro dos antigos.

¹⁴⁶ Um *lekythos* é um tipo de vaso grego antigo usado para armazenar óleo, especialmente azeite de oliva. Tem um corpo estreito e uma pega presa ao gargalo do vaso e é, portanto, um tipo estreito de jarro, sem rebordo.

¹⁴⁷ Calcídica ou Chalkidike ou Chalkidiki ou Halkidiki, é uma península e unidade regional da Grécia, parte da Região da Macedônia Central no norte da Grécia.

No *Período Clássico*, a produção de vasos figurativos chegou ao fim. O estilo seguinte é caracterizado por vasos apenas com ornamentos, geralmente pintados com uma técnica de silhueta. Foi sucedido pelo estilo de figura vermelha, que, no entanto, não alcançou uma qualidade particularmente alta em Corinto.

Com mais de 20.000 peças existentes, os vasos de figura negra áticos compreendem a maior e mais significativa coleção de vasos.

Os vasos de figura negra de alta qualidade tinham um revestimento uniforme, brilhante, preto e a base de argila de terracota, intensiva em cores era meticolosa e suavizada. A pele das mulheres sempre é indicada com uma cor opaca branca, também usada para detalhes como cavalos individuais, roupas ou ornamentos. (CALAME, 1996, p. 21)

Os artistas do ático, que ganharam mais destaque, elevaram a pintura de vasos para uma arte gráfica, entretanto, produziram um grande número de produtos de qualidade média e mercado de massa.

O significado excepcional da cerâmica Ática vem de seu repertório quase infinito de cenas que cobrem uma ampla gama de temas trazendo ricos testemunhos especialmente em relação à mitologia e o cotidiano. (CALAME, 1996, p. 22)

Por outro lado, praticamente não há imagens referentes a eventos contemporâneos. Tais referências são apenas ocasionalmente evidentes na forma de anotações, por exemplo, quando as inscrições de *kalos*¹⁴⁸ são pintadas em um vaso.

Os vasos foram produzidos para o mercado interno que, por um lado, e eram importantes para celebrações ou em conexão com atos ritualísticos, por outro, eram um importante produto de exportação vendido em toda a área do Mediterrâneo. Por esta razão, a maioria dos vasos sobreviventes provêm de necrópoles etruscas. (CALAME, 1996, p. 22)

A técnica da figura negra foi aplicada pela primeira vez em meados do século V a.C., influenciada pela cerâmica de Corinto, que ofereceu a mais alta qualidade na época. Inicialmente os pintores áticos seguiram de perto os métodos e assuntos dos modelos coríntios. Entretanto, no início do século VI, adotaram um novo estilo de figura negra, de acordo com Claude Bérard:

¹⁴⁸ A inscrição *kalós* é uma forma de epígrafe espalhada em vasos áticos entre 550 e 450 a.C., geralmente encontrada em vasos de simpósios.

Esse novo estilo não passava de uma intensificação da influência coríntia. O friso de animais era tido como obrigatório e era comumente usado, por razões econômicas e estilísticas. (BÉRARD, 1989, p. 35)

Mesmo tendo como modelo os vasos de Corinto, os vasos de Atenas apresentavam inovações locais. Segundo os autores, no início do século VI a.C., surgiu uma variante do lekythos, com uma forma oval alongada. Na primeira metade do século VI, há uma espécie de declínio do friso animal, assim como na representação de plantas e outros ornamentos que também passaram a ser vistos como de menor qualidade, pois passaram a ser considerados menos importantes e, portanto, recebiam pouca atenção do pintor.

Por volta do segundo terço do século VI a.C., os artistas da Ática se interessaram por cenas mitológicas e outras representações de figuras. Como os frisos de animais tornaram-se menos importantes, apenas alguns pintores cuidaram deles e, em geral, foram transferidos do centro das atenções para áreas menos importantes de vasos. Os eventos mitológicos eram retratados em vários frisos, com frisos de animais sendo exibidos em locais secundários. Os detalhes iconográficos e técnicos aparecem neste vaso pela primeira vez, como a representação de um mastro abaixado de um velejador, pessoas sentadas com uma perna atrás do outro, ao invés de com o tradicional posicionamento paralelo das pernas, e outras representações anteriormente descartadas. (BÉRARD, 1989, p. 37)

Os *copos* passaram a ter um rebordo mais alto do que anteriormente e uma base em trombeta em uma haste oca relativamente curta. Pela primeira vez na pintura do vaso Ático, o interior do copo foi decorado com imagens emolduradas. Havia dois tipos de decoração, o estilo de “*dois andares*”, onde o corpo do copo e o labial têm decorações separadas e, o estilo “*sobreposição*”, onde a imagem se estende sobre o corpo e o lábio. Claude Bérard afirma que, após o segundo quarto do século VI a.C., *houve mais interesse em decorar especialmente copos com fotos de atletas, com destaque para Hércules*” (BÉRARD, 1989, p. 38).

Em meados do século VI a.C., as *ânforas tirrenianas* ganham uma espécie de pescoço em forma oval com decorações atípicas do cânone de design habitual Ático do período. O corpo da *ânfora* geralmente era subdividido em vários frisos paralelos. O friso superior ou no ombro geralmente mostrava uma cena popular da mitologia. Algumas vezes, eram assuntos menos comuns, como uma cena única do sacrifício de *Polyxena*¹⁴⁹. As primeiras imagens eróticas conhecidas em vasos áticos também são encontradas nesta localização do vaso. Os

¹⁴⁹ Polyxena, na mitologia grega, era uma princesa troiana.

pintores frequentemente colocavam anotações na ânfora tirreniana que identificam as pessoas mostradas (CALAME, 1996, p. 36).

Os outros dois ou três frisos eram decorados com animais, às vezes eram substituídos por um friso de planta. O pescoço era habitualmente pintado com uma cruz de palmito de lótus ou festinhas. As ânforas são bastante coloridas e lembravam os produtos de Corinto. Neste caso, com base nos autores, uma forma coríntia foi copiada deliberadamente para produzir um tipo de vaso particular para o mercado etrusco, onde o estilo era popular. É possível que esta forma não tenha sido fabricada em Atenas, mas em outro lugar da Ática, ou mesmo fora dela. (CALAME, 1996, p. 37)

Esse mesmo período marca o início da pintura em cerâmica de figura vermelha. Neste período, os melhores e mais conhecidos artistas exploravam todas as possibilidades oferecidas por este estilo. Claude Calame coloca que, “*os vasos traziam imagens inteligentes, encantadoras e sofisticadas*” (CALAME, 1996, p. 39). Neste, a possibilidade de reconhecimento dos detalhes é muito maior, como por exemplo, as dobras de roupas, que anteriormente, as figuras femininas usavam roupas sem dobras. Posteriormente, surgem dobras planas e angulares, transmitindo a impressão de roupas flexíveis e fluidas. Claude Bérard coloca que:

Vários artesãos autônomos que produziam a cerâmica no sótão da figura negra, romperam rigorosamente com a tradição estilística tanto quanto a reprodução de imagens nos vasos. (BÉRARD, 1989, p. 41)

As *ânforas* do pescoço em forma oval foram completamente abandonadas, sendo produzidas apenas em versões personalizadas. Segundo Claude Calame, alguns artesãos atribuíam grande importância à elaboração cuidadosa de ornamentos.

Os detalhes de suas imagens - manes de cavalos, armas, roupas - eram bem elaboradas. As cenas eram geralmente monumentais e as figuras emanavam uma dignidade anteriormente desconhecida na pintura. Passou-se a fazer uso de um revestimento interior coral-vermelho em vez da cor vermelha habitual. (CALAME, 1996, p. 40)

Durante o *Período Clássico*, houve uma maior especialização voltada para a produção de vasos e *copos*. Algumas das inovações trazidas nesse período pelos oleiros e pintores foram as pinturas nos *copos de banda* e *copos de lábios*. O lado de fora da *xícara*, por exemplo, mantinha grande parte do fundo da argila e tipicamente apenas exibia imagens pequenas, inscrições ou, em alguns casos, a *xícara* inteira estava completamente decorada. Na

área das alças raramente havia mais do que *palmettes*¹⁵⁰ ou inscrições perto dos pontos de fixação. Essas inscrições poderiam ser a assinatura do oleiro, um brinde de bebedor ou simplesmente uma sequência de letras sem sentido. Mas os interiores dos copos de bordo também eram geralmente decorados com imagens.

Os copos de banda traziam uma transição mais suave entre o corpo e a borda. A decoração era feita na forma de uma banda que circunda o exterior do copo e poderia ser frequentemente um friso muito elaborado. A borda era revestida com um deslizamento preto brilhante. O interior tinha a cor da argila, com exceção de um ponto preto pintado no centro. Nos copos de banda clássicos, a borda era deixada preta, mas, a área abaixo era decorada com ornamentos como folhas, botões, *palmettes*, pontos ou animais no exterior da copa.

Até o final desse período, a qualidade da produção de vasos em figura negra era mantida. Entretanto, após o desenvolvimento do estilo de figura vermelha em torno no final do século VI a.C., os pintores mudaram para o estilo de figura vermelha, proporcionando mais possibilidades para adicionar detalhes nos contornos das figuras. Segundo Claude Calame:

Esse novo estilo permitiu muitos mais experimentos promissores com encurvamento, visões em perspectiva e novos projetos para arranjos. O conteúdo da cena, como sempre, refletiu as tendências de gosto e o espírito dos tempos, mas o estilo de figura vermelha criou melhores pré-condições para apresentar cenas mais elaboradas, explorando as novas possibilidades de arranjo. (CALAME, 1996, p. 42)

Alguns artesãos inovadores impulsionaram à produção de vasos de figuras negras. Essas inovações não se limitaram somente a formas, mas também, técnicas de pinturas onde figuras eram pintadas em marrom avermelhado ou branco em cima de um deslizamento preto brilhante.

Nesses vasos as cenas mitológicas eram raramente descritas, já as cenas eróticas eram extremamente comuns. Cenas do cotidiano em que figuras e atributos são reconhecíveis, mas as ações dificilmente são, tomam conta do corpo dos vasos, onde as figuras vestidas, pareciam estar acolchoadas, se as figuras estivessem nuas, elas eram mais angulares. (CALAME, 1996, p. 43)

No final do século VI a.C. e início do século V a.C., o campo de imagem dos vasos eram geralmente preenchidos de forma absoluta, mas a qualidade das imagens ainda era mantida muito alta. Segundo Claude Bérard “*muitos dos vasos foram decorados com cenas da*

¹⁵⁰ O palmette é um motivo na arte decorativa que, na sua expressão mais característica, se assemelha às folhas em forma de leque de uma palmeira.

Guerra de Tróia e a vida de Héracles” (BÉRARD, 1989, p. 45). Nesse período, os pintores que mais tinham destaque no meio da produção de vasos figurados, usavam o estilo de figura vermelha. Entretanto, os vasos de figura negra continuaram a ser produzidos por alguns anos a mais com a sua qualidade diminuindo progressivamente. As oficinas que produziam formas menores como *olpes*, *oenoches*, *skyphos*¹⁵¹, *ânforas de pescoço pequeno* e *lekythos particulares*, utilizavam cada vez mais o estilo antigo.

Era muito comum reproduzir cenas ocasionais, claras e simples usando um estilo de figura negra em um fundo branco. O chão branco dos vasos era bastante espesso e não mais pintado diretamente na base de argila, uma técnica que se tornou o padrão para todos os vasos de chão branco. Entre os vasos do ático da figura negra, os *ânforas* foram usados como prêmio para os vencedores das competições esportivas, eram preenchidos com azeite, um dos principais produtos de exportação da cidade. Na frente, traziam a imagem da deusa Athena de pé entre dois pilares em que os galos se encaravam e, na parte de trás havia uma cena esportiva.

O formato sempre foi o mesmo, entretanto, houve pequenas modificações ligeiramente ao longo do período de produção. No final do século VI a.C., os pescoços tornaram-se mais curtos e o corpo um pouco mais estreito. No início do século V a.C., os ombros dos vasos foram consideravelmente reduzidos em largura e a curva do corpo do vaso parecia restringida.

Depois do primeiro quarto do século V a.C., os vasos foram novamente mais elegantes e tornaram-se ainda mais estreitos. Com isso, os artesãos lucravam com as comissões que recebiam na produção desses vasos, o que também explica a existência de muitas ânforas premiadas por excelentes pintores de vasos. (BÉRARD, 1989, p. 47)

No século IV a.C., o estilo e o tipo de decoração desses vasos não mudaram nem durante o período da figura vermelha, nem depois de os vasos figurativos já não serem realmente negociados em Atenas. As *ânforas* do prêmio foram produzidas no século II a.C., e cerca de 1.000 deles sobreviveram. Segundo Claude Calame:

Uma vez que, para algumas datas, o número de ânforas atribuídas a um vencedor é conhecido, é possível deduzir que cerca de um por cento da produção total de vasos atenienses sobreviveu. (CALAME, 1996, p. 45)

Outras projeções levaram à conclusão de que em todos os cerca de sete milhões de vasos com figuras pintadas foram produzidos em Atenas. Em Esparta, no século VII a.C., a

¹⁵¹ Skyphos é uma taça de vinho com duas alças sobre uma base rebaixada ou nenhuma.

cerâmica pintada estava sendo produzida para consumo local, bem como para exportação. As peças de primeira qualidade foram produzidas no início do século VI a.C. O *zênite* em cerâmica de figura negra foi alcançado em meados do século VI a.C. Além de Esparta, os principais locais de descoberta foram as ilhas de *Rodes e Samos, Taranto, necrópoles etruscas e Cirene*, que inicialmente foi considerada a fonte original da cerâmica. A qualidade dos vasos é muito alta. A argila era bem suspensa e recebia um revestimento de cor creme.

Sobre o corpo de vasos laconianos, apenas as *ânforas, hidrías, crateras lacônias, lebes*¹⁵², *aryballos*, o *copo espartano*, e a *lakaina*, eram pintados. Entretanto, a forma do índice e a descoberta mais frequente é o *copo*. Na região da Lacônia, a *tigela profunda* geralmente estava em pé alto, os *copos* em pés baixos são raros. O exterior das peças era decorado com ornamentos, geralmente festões de romãs, e a cena interior era bastante grande e com figuras.

Na Lacônia, mais cedo do que no resto da Grécia, o tondo tornou-se o quadro principal para cenas de copos. A imagem principal também foi dividida em dois segmentos em uma data inicial, uma cena principal e uma menor. Frequentemente o recipiente era revestido apenas com um deslizamento brilhante ou decorado com apenas alguns ornamentos. As inscrições são incomuns, mas, podem aparecer como anotações de nomes. As assinaturas são desconhecidas para os oleiros e os pintores. É provável que os artesãos laconianos fossem pintores de cerâmica periecos. Características da cerâmica combinam com a moda dos pintores conhecidos. Também é possível que eles fossem oleiros migrantes do leste da Grécia, o que explicaria a forte influência grega oriental. (CALAME, 1996, p. 51)

As imagens encontradas nos vasos são geralmente angulares e rígidas, e, em sua maioria, contêm frisos de animais, cenas do cotidiano, especialmente simpósios e muitos assuntos mitológicos. Poseidon e Zeus são retratados com muita frequência, mas também Hércules e seus doze trabalhos, bem como os ciclos de lendas de *Tebas*¹⁵³ e *Tróia*¹⁵⁴. Especialmente nos vasos iniciais, uma *careta de górgona*¹⁵⁵ é colocada em um *copo de tondo*.

¹⁵² Os Lebes, eram vasos profundos com um fundo arredondado, e, portanto, precisava de um estande para mantê-lo na posição vertical. Nos períodos clássicos, era sustentado por um pé e era tipicamente usado como uma tigela para misturar comida em preparação. Uma tradução da palavra é caldeirão.

¹⁵³ Tebas foi uma cidade-estado grega, antiga aliada de Esparta. Aproveitando o enfraquecimento do exército espartano após a Guerra do Peloponeso, rebelou-se e expulsou os exércitos espartanos de seu território.

¹⁵⁴ Tróia é uma cidade mítica, onde ocorreu a célebre Guerra de Troia, descrita na *Íliada*, um dos poemas atribuídos a Homero.

¹⁵⁵ A Górgona também vestia um cinto de serpentes entrelaçadas. Na mitologia grega tardia, diziam-se que existiam três Górgonas: as três filhas de Fórcis e Ceto. Seus nomes eram Medusa “a impetuosa”, Esteno “a que oprime” e Euriale “a que está ao largo”.

Segundo Stibbe, “*um copo com uma imagem de Arcesilaus II é uma das raras representações da cerâmica grega de eventos ou pessoas atuais*” (STIBBE, 1972, p. 32). Segundo o mesmo, atualmente, são conhecidos mais de 360 vasos laconianos. O declínio em torno de meados do século VI a.C., da pintura coríntia de vasos de figuras negras, teve forte influência na pintura laconiana, levando a uma redução maciça na produção laconiana de vasos de figuras negras, que chegou ao fim no início do século V a.C. A cerâmica foi amplamente distribuída, de Marselha à Grécia jônica. Em Samos, a cerâmica laconiana é mais comum do que a cerâmica coríntia por causa da estreita aliança política com Esparta.

Maria Pipili fala que, “*até o início do século VI a.C., muitos pintores usavam a técnica de contorno orientalizante*” (PIPILI, 1987, p. 21). Depois, eles se orientaram de perto na produção do ático. Distinções e atribuições a uma das duas regiões às vezes são difíceis e os vasos também podem ser confundidos com a cerâmica coríntia. Os vasos da ática e coríntio de baixa qualidade são frequentemente declarados como obras laconianas. “*Frequentemente, os bons vasos Laconianos são considerados do Ático e os vasos do Ático são falsamente considerados como Laconianos*” (PIPILI, 1987, p. 23).

Provavelmente, segundo Pipili, houve uma troca de artesãos com Ática. Em pelo menos um caso, é certo que um oleiro ático emigrou para a Lacônia. Os vasos trazem frisos de animais, simpósios e cenas de *komos*¹⁵⁶. As cenas mitológicas são raras, e quando presentes geralmente mostram Hércules ou Teseu¹⁵⁷. Desde o final do século VI a.C. até o século V a.C., foi predominante um estilo parecido com uma silhueta. Especialmente *kantharos*¹⁵⁸, *lekanis*¹⁵⁹, *copos*, *pratos* e *jarros* foram pintados, e como em Atenas, trazem também inscrições.

Os ceramistas de laconianos gostaram especialmente de produzir vasos moldados, bem como *kantharos* com adições esculpidas e *píxidos de tripé*¹⁶⁰. As formas de *lekanis*, *copos* e *ânforas do pescoço* também foram tomadas de Atenas. O estilo de pintura é muitas vezes humorístico, e há uma preferência por cenas sátiras nos *komos*.

¹⁵⁶ O Komos foi uma procissão bêbada ritualística realizada por foliões na Grécia antiga, cujos participantes eram conhecidos como komasts. Sua natureza precisa tem sido difícil de reconstruir a partir das diversas fontes literárias e evidências derivadas da pintura de vasos.

¹⁵⁷ Teseu foi, na mitologia grega, um grande herói ateniense. Corresponde, para a Ática, ao que o dórico Hércules era para o Peloponeso. Seu nome significa "o homem forte por excelência".

¹⁵⁸ Um *kantharos* é um tipo de copo antigo grego usada para beber.

¹⁵⁹ O *lekanis* é uma forma vascular usada na Grécia antiga. Era um copo baixo, com um pé em forma de anel e dois laços horizontais em forma de fita colocados sob o aro, o último dotado de uma moldura adaptada para acomodar a tampa com a qual forma uma parede contínua.

¹⁶⁰ Os *píxidos* eram usados como uma caixa para armazenar pequenos objetos decorativos, tem um corpo cilíndrico fixado em uma base plana na forma de um disco moldado, projetando-se para fora marcadamente.

As cenas, geralmente pintadas em um lado do vaso, representam o culto local. Os vasos caracterizam também eventos mitológicos de forma bem-humorada e exagerada. Às vezes, as cenas de komos são mostradas, o que presumivelmente se relaciona diretamente com o culto. (PIPILI, 1987, p. 27)

Por fim, para se estabelecer uma análise sobre as imagens representadas nos vasos, Claude Bérard sugere que o pesquisador deve ter *a priori* as seguintes precauções: A– As imagens em suporte cerâmico correspondem a uma narrativa; B– Os artesãos criaram suas imagens a partir de um repertório comum de elementos estáveis e constantes na sociedade em que viviam; C– Estes elementos estáveis são considerados como *unidades (icônicas) formais mínimas*; D– A combinação dessas *unidades formais mínimas* forma um sintagma mínimo suscetível de se articular com outras *unidades* ou outros sintagmas para se constituir uma imagem de conteúdo narrativo. Bérard exemplifica: na combinação – homem/ pele de leão / clava, as *unidades formais mínimas* constituíram o sintagma de identificação de Héracles. Através destas combinações associativas pode-se passar da relação de referência à relação de significação; E – Os pintores se mobilizavam para transformar signos figurativos numa “*intenção de comunicar uma mensagem*”, portanto nada foi pintado por *acaso ou inocentemente*; F – As imagens devem ser compreendidas como um sistema de signos criadores de significados.

Claude Calame sugere, para o caso de imagens em suporte cerâmico, que se observe: A– A posição espacial dos personagens, dos objetos, dos animais, dos vegetais e dos ornamentos; B– Inventariar vestuário, adereços, mobiliário e os gestos estabelecendo o repertório dos signos, C– Observar o jogo dos olhares dos personagens. Neste caso, ele nos indica um código de leitura. Se os personagens se apresentam com olhares de perfil, significa que o receptor da mensagem do vaso, não está sendo convidado a participar da ação e sim que o que foi pintado deve servir como exemplo para o comportamento do receptor quando estiver na mesma situação. Olhares de perfil e de três quartos significam que o personagem, que olha tanto para o interior da cena quanto para o receptor, está possibilitando, a este último, participar da ação. Finalmente, nos vasos em que os personagens estejam com olhares de perfil, três quartos e frontal. O personagem de olhar frontal está convidando o receptor a participar da ação representada.

3.3 A análise iconográfica espartana

Usando as perspectivas metodológicas de Claude Bérard e Claude Calame, busco estabelecer neste subtópico, a análise de algumas imagens encontradas por meio de pesquisas baseadas no *Corpus Vasorum Anticorum*¹⁶¹. Aplicando a metodologia sugerida pelos autores, pretende-se criar uma prancha descritivas das imagens selecionadas para análise, a fim de colaborar para com uma leitura narrativa das imagens em questão.

Foram selecionadas três figuras para se estabelecer uma análise iconográfica. Apenas uma delas tem estudo registrado, as outras duas não se tem registro algum, entretanto, não significa dizer que nunca foram estudadas por outros estudiosos ou pesquisadores.

A figura 1 traz um copo que decorado pelo *Rider Painter*¹⁶², um artista anônimo da Lacônia, a região ao redor da cidade de Esparta. A cena pode estar retratando ser *Apolo*¹⁶³ matando *Python*¹⁶⁴ ou *Cadmo*¹⁶⁵ lutando contra o dragão - ambos são encontrados em copos típicos da cerâmica laconiana. Há um consenso sobre a representação presente neste copo entre Stibbe e Pipili, segundo eles, o copo retrata *Apolo* matando *Python*.

Dentro do panteão espartano, mesmo que houvesse uma forte presença de *Zeus*, *Apolo* era seguramente o deus mais importante do panteão. Segundo Heródoto, “*Ele era cultuado em Thórnax, seis quilômetros ao norte de Esparta, onde os espartanos mandaram erigir-lhe uma estátua de ouro em c. de 546 a.C.*” (HERÓDOTO, *História*, I, p. 69).

¹⁶¹ O *Corpus Vasorum Antiquorum* é o mais antigo projeto de pesquisa da Union Académique Internationale. Consiste em uma série de catálogos de alta qualidade de cerâmica pintada grega antiga em coleções ao redor do mundo. O primeiro fascículo apareceu em 1922 e, desde então, quase 400 apareceram, ilustrando mais de 100.000 vasos em 24 países.

¹⁶² O pintor do cavaleiro era um pintor de vaso Laconiano ativo entre 560 e 530 BC. Ele é considerado um dos cinco grandes pintores de vasos de Esparta.

¹⁶³ Apolo foi uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos. Filho de Zeus e Leto, e irmão gêmeo de Ártemis, possuía muitos atributos e funções, e possivelmente depois de Zeus foi o deus mais influente e venerado de todos os da Antiguidade clássica.

¹⁶⁴ Píton, na mitologia grega, é uma serpente gigantesca, que nasceu do lodo na Terra após o grande dilúvio. Foi mandada por Hera para perseguir Leto. A serpente foi morta a flechadas por Apolo e seu corpo foi dividido.

¹⁶⁵ Cadmo, foi um herói lendário, fundador da cidade grega de Tebas e introdutor do alfabeto fenício na Grécia.

O mesmo também coloca que em *Amyclai*¹⁶⁶, os espartanos, por volta de 530 a.C., contrataram *Baticles*¹⁶⁷ de *Magnésia*¹⁶⁸ para erigir uma construção monumental que consistia de uma estátua do deus *Apolo*, em mármore, medindo 7 metros de altura. “*Um grande trono decorado com cenas míticas, que ainda estava preservado no tempo de Pausânias completava o complexo sagrado monumental*” (HERÓDOTO, *História*, III, p. 5).

Moura afirma que os espartanos celebravam algumas festas em honra à *Apolo*: as *Carneas*¹⁶⁹, as *Gymnopédias*¹⁷⁰ e as *Iacíntias*¹⁷¹.

Essas festas eram tão importantes que davam nome aos meses espartanos e interrompiam ou adiavam uma guerra. As referidas festas eram ocasiões solenes do Estado espartano, e contavam com a obrigatória presença de vários segmentos sociais. Em geral, as festas continham danças, performances corais, lutas de jovens e farta redistribuição de comida. Essas cerimônias eram realizadas na presença de convidados estrangeiros e contavam com a participação de poetas locais e estrangeiros. As competições de coros de mulheres e homens formaram a base na qual Alcman inspirou-se para elaborar a maioria de seus versos. (MOURA, 2002, p. 51-52)

Vale ressaltar que a importância de *Apolo* se reflete em menor intensidade na iconografia dos vasos lacônios. Analisando o *corpus* lacônio, ele é identificado em três cenas, entretanto, há a possibilidade de estar presente em mais uma. Em duas dessas cenas, ele é representado enfrentado *Python* (Figura 1).

As duas cenas são de interpretação muito polêmica em virtude de um grande número de estudiosos considerarem que essas cenas são similares às cenas da emboscada de Aquiles a Troilos. (ZANCANI-MONTUORO, 1954, p. 290)

¹⁶⁶ Amykles é uma aldeia da Lacônia, no sul da Grécia. Encontra-se na planície pelo rio Eurotas, 6 km ao sul de Esparta, a leste das montanhas Taygetus, ao longo da estrada nacional grega 39 de Esparta para Gytheio. Foi nomeado após a antiga cidade Amyclai, cujas ruínas estão situadas a 2 km a nordeste da vila.

¹⁶⁷ Grande artista do período arcaico.

¹⁶⁸ Magnésia é uma unidade regional da Grécia, localizada na região da Tessália. Sua capital é a cidade de Vólos.

¹⁶⁹ Carneia era o nome de um dos grandes festivais nacionais de Esparta, realizado em honra de Apollo Carneus. Carneus era uma antiga divindade do Peloponeso, posteriormente identificada com Apolo, ou meramente uma "emanação" dele, é incerta; mas parece não haver razão para duvidar que Carneus significa "o deus dos rebanhos e manadas", num sentido mais amplo, da colheita e da vindima. O principal centro de sua adoração era Esparta, onde a Carneia acontecia todos os anos de 7 a 15 do mês de Carneiro (Agosto). Durante este período, todas as operações militares foram suspensas.

¹⁷⁰ Festa religiosa que os espartanos celebravam nos meses de julho e agosto, quando os jovens exercitavam suas artes marciais dançando nus em homenagem a Apolo e Ártemis.

¹⁷¹ Nas Iacíntias, o caráter guerreiro de Apolo era enfatizado no rito de apresentação da couraça de Timoleonte, o fundador da organização militar espartana. Igualmente, as oferendas votivas depositadas no santuário de Amyclai evocavam o mundo do guerreiro hoplita, já que consistiam de escudos e também de tripodes.

Figura 1



Copo lacônio de figuras negras – 550-540 a.C. – Departamento de antiguidades gregas, etruscas e romanas: arte grega arcaica (séculos VII a VI a.C.). Museu do Louvre, Paris, França. E 669.

Prancha Descritiva: Figura 1

Vaso	Contexto	Adereços/Gestos/Olhares
------	----------	-------------------------

<p>Copo lacônico de figuras negras – 550-540 a.C. – Departamento de antiguidades gregas, etruscas e romanas: arte grega arcaica (séculos VII a VI a.C.). Museu do Louvre, Paris, França. E 669.</p> <p>Disponível em: http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/laconian-black-figure-cup</p>	<p>A cena representada no vaso traz a figura do deus Apolo matando Python.</p>	<p>Retrata um guerreiro vestindo um capacete com uma crista alta, armado com uma lança e protegido por um escudo com um episódio sob a forma de uma gorgoneia (a cabeça da Medusa Górgona). Ele está meio ajoelhado em frente a um edifício (templo), lutando contra uma serpente (<i>python</i>) enrolada em torno de uma coluna do <i>peristyle</i>.</p> <p>Uma outra serpente desliza pela parede. A lebre, no segundo nível, parece simbolizar a velocidade do ataque. Dois pássaros empoleirados no telhado parecem estar assistindo a cena, enquanto um terceiro está em vôo atrás do guerreiro.</p>
--	--	--

A representação de Apolo semelhante a um guerreiro *hóplita*, reforça a associação feita pelos pintores entre os deuses e a elite espartana. Os elementos geralmente carregados por Apolo eram o arco e a flecha, entretanto, essas armas não eram bem vistas pelos espartanos pelo fato de evitarem um confronto direto. Logo, a elaboração da estátua de Apolo, em Amyclai, financiada pelo próprio Estado espartano, foi elaborada com o herói vestido como um hóplita. Os vasos, elaborados entre 550-540, e a estátua, em 530, demonstram, entre outras coisas, uma preocupação com a guerra que vai se dando naquele período.

A Figura 2, traz a representação dos irmãos de *Helena*, provavelmente, *Kastor* e *Polydeukes*¹⁷², que atacam o *Javali Calydonian*¹⁷³. O peixe abaixo da linha de chão indica um lago ou corrente. Os antigos gregos eram enormemente inovadores em muitos aspectos, incluindo arte e arquitetura. Eles produziram ilustrações elaboradas sobre tudo, desde o Parthenon glorioso até um simples copo de vinho. Dada a sua natureza épica e papel crucial na educação grega, muitos dos personagens da *Ilíada* podem ser encontrados na arte antiga. Do

¹⁷² Irmãos gêmeos na mitologia grega e romana.

¹⁷³ Na mitologia grega, o javali de Cálidon ou javali calidônio é um javali de extraordinárias potência e força que aparece em diversos mitos como antagonista de grandes heróis.

herói *Aquiles*¹⁷⁴ ao cocheiro *Hector*¹⁷⁵, essas representações fornecem uma ótima visão da cultura e da arte gregas.

Xenofonte explica que a caça era uma atividade realizada a pé, algo reforçado pelas representações nos vasos. Entretanto, em Esparta, fazia-se uso dos cavalos, pela elite local, para deslocamento até o território onde a atividade seria realizada.

Figura 2



Personagens da *Ilíada* em arte antiga. Copo lacônio de figuras negras – 555 a.C. – Oxford University Press's Academic Insights for the Thinking World.

¹⁷⁴ Aquiles, na mitologia grega, foi um herói da Grécia, um dos participantes da Guerra de Troia e o personagem principal e maior guerreiro da *Ilíada*, de Homero.

¹⁷⁵ Importante e conhecido cocheiro na antiguidade.

Prancha Descritiva: Figura 2

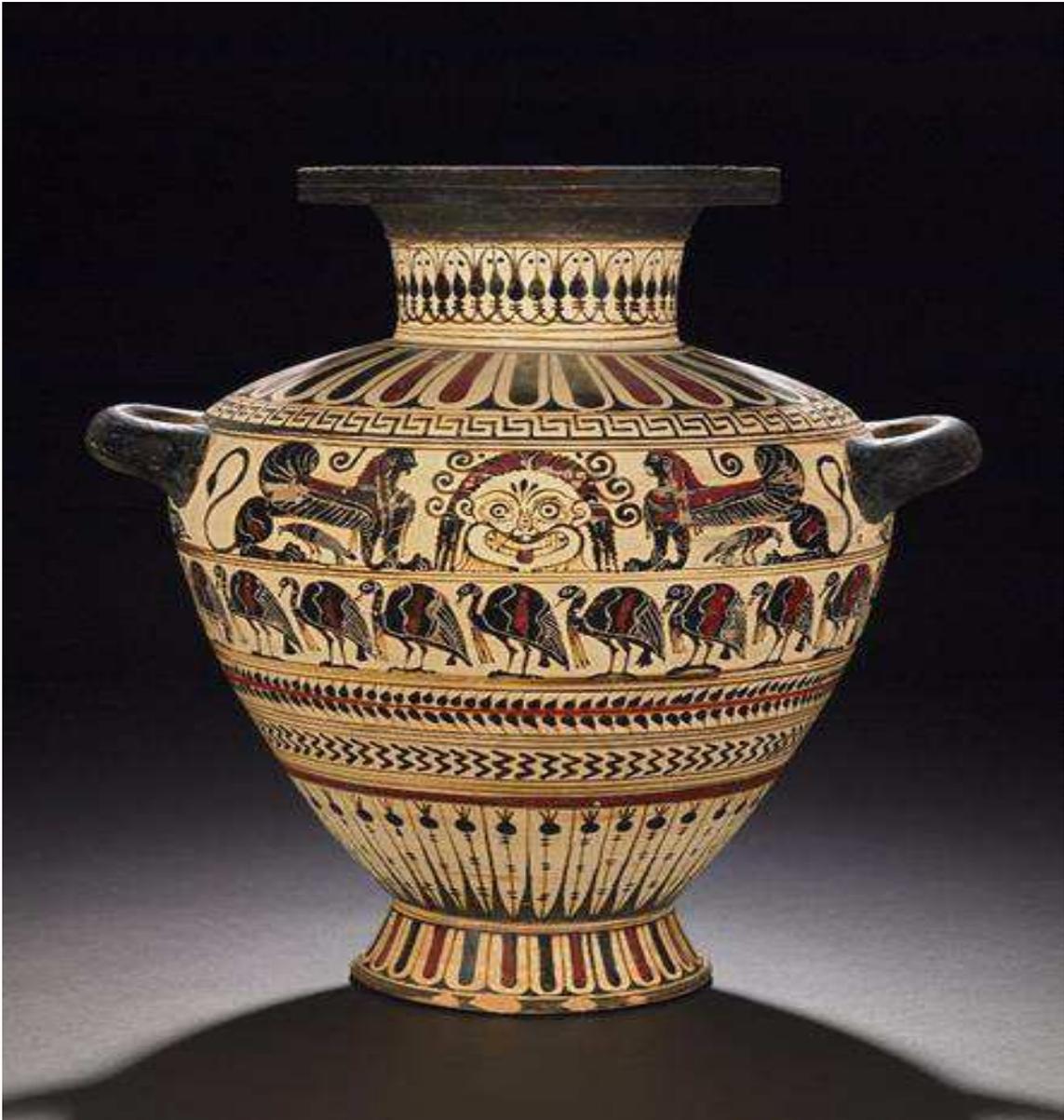
Vaso	Contexto	Adereços/Gestos/Olhares
<p>Personagens da Ilíada em arte antiga. Oxford University Press's Academic Insights for the Thinking World. Spartan black-figure Copo de vinho, c. 555 a.C. Disponível em: https://blog.oup.com/2013/11/characters-from-the-iliad-in-ancient-greek-art/</p>	<p>A cena retrata os irmãos de Helena atacando um javali.</p>	<p>Os irmãos de Helena atacando um javali Calydonian. O peixe abaixo da linha de chão indica um lago ou corrente. Os cavalos identificados na imagem, mostram que os caçadores pertenciam a elite de Esparta. Trazem consigo lanças, elementos bastante usados pelos espartanos nesse tipo de atividade.</p>

Segundo Xenofonte, ressalta alguns aspectos positivos na prática da caça para a sociedade, esta era tida como uma criação divina. Explica que a caça conduzia os homens à perfeição. Vários heróis haviam conseguido, por meio dela, alcançar fama entre todos os helenos e foram honrados pelos deuses ainda em vida. Ressalta que a caça além de tornar os homens mais virtuosos, servia também como um preparo para a guerra.

Assim sendo, todo aquele que trilha esse caminho encontra a saúde do corpo, aperfeiçoa a vista e a audição, retarda a velhice e, acima de tudo, educa-se para a defesa de sua pólis, tornando-se um bom soldado. (XENOFONTE, *L'Art de la chasse*, XII, p. 3)

A Figura 3 é uma *Ânfora* de figuras negras, geralmente usada para por água, divididas em duas cenas: a primeira cena traz a figura de uma górgona entre esfinges acima de uma linha de pássaros; a segunda cena mostra uma espécie de confronto entre um galo e um cisne.

Figura 3: Cena A



Gorgoneia, guindastes e esfinges. Ânfora de figuras negras – 540-530 a.C. – Museu Britânico, Londres, Inglaterra. Nº 1849, 0518, 14

Figura 3: Cena B

Um galo confrontando um Cisne. Ânfora de figuras negras – 540-530 a.C. – Museu Britânico, Londres, Inglaterra. Nº 1849, 0518, 14

Prancha Descritiva: Figura 3

Vaso	Contexto	Adereços/Gestos/Olhares
------	----------	-------------------------

<p>Ânfora do Pintor de Caça, com gorgoneia, guindastes e esfinges, cerca de 540/530 a.C. Londres: Museu Britânico. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?partid=1&assetid=15011001&objectid=399458</p>	<p>Cena A: A cena retrata Gorgoneia entre duas esfinges acima de uma linha de pássaros.</p> <p>Cena B: A cena retrata um galo confrontando um Cisne acima de uma linha de pássaros.</p>	<p>As esfinges retratadas no vaso, é classificado um ser híbrido oriental e aflora a ideia de alteridade, de contato com o Outro e com o diferente. A Górgona nos remete a passagem para o mundo do Hades. A figura do Galo aparece associado a Apolo, o deus sol. O galo possui um simbolismo muito positivo associado à virtude da coragem, ao bom augúrio. É o símbolo do Tempo, em algumas associações lhe é atribuído o papel de vigilante, e o início do caminho da Luz pelo fato de anunciar o nascer do dia e do Sol. Também é posto como o Renascer. A representação do cisne simboliza elegância, coragem e nobreza. O guindaste é considerado um pássaro de presságio.</p>
---	---	---

Pode-se afirmar que durante o período arcaico, os gregos foram bastante influenciados pelo estilo oriental, em especial, na produção dos vasos. Esse movimento “orientalizante” é reforçado principalmente pelos achados arqueológicos de oferendas nos santuários. Há uma dificuldade muito grande em identificar um objeto como oriental, ou apenas inspirado na técnica oriental. As representações de animais na cerâmica coríntia, por exemplo, era muito comum e ilustrava as disputas entre os grupos de aristocratas por meio das representações pictóricas nas cerâmicas produzidas pelas olarias do Istmo de Corinto.

Os artesãos gregos não assimilavam os esquemas pictóricos orientais da mesma forma que estes, eles usavam e liam de forma diferenciada os artefatos e imagens “orientalizantes”. Nos vasos de estilo protocoríntio, é possível perceber que os animais e “seres fabulosos” são os protagonistas na superfície cerâmica. No estilo coríntio de pintura, animais e seres fantásticos irão para as margens/limites do suporte cerâmico e em meados do VI século começam a escassear.

4. CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho é possível identificar a diversificação social, política e cultural existente na sociedade espartana. Uma das coisas mais importantes a serem observadas é de fato como essa *pólis* se representava frente a outras *póleis*, em especial em cenas de guerras retratadas nos vasos gregos, e a evolução das representações e modelos de vasos. Vale salientar mais uma vez que cada tipo de vaso era destinado a um tipo de ocasião, daí a importância de se estabelecer a análise dos signos de cada elemento ali representado.

Como uma *pólis* voltada à política da guerra, as representações imagéticas feitas pelos lacedemônios sobre eles mesmos, buscaram manter a postura que tinham mediante as demais *pólis*. A formação dos cidadãos enquanto defensores da *pólis* é bem observada pelos três filósofos citados que se debruçam sobre a sociedade espartana através de uma análise sobre sua organização social e educação. Chegando a um senso comum onde cada um deles, apesar de suas especificidades, consideram a educação, a qual os espartanos eram submetidos desde cedo, como principal responsável pela postura da *pólis* frente a outras, deixando claro o êxito que o sistema educacional tinha ao passar para os cidadãos os valores sociais e morais que eles deveriam adquirir.

Ressaltamos a grande importância do filósofo Xenofonte na tentativa da construção de uma construção imagética da *pólis* espartana em seu decurso. Percebe-se que “*A Constituição dos Lacedemônios*” foi claramente uma tentativa de elaborar essa representação tanto para si como para os outros ao redor.

Sobre a representação em vasos, a pintura de vaso lacônico é um estilo de pintura, produzido na Lacônia, região onde Esparta estava localizada, principalmente no século VI a.C. A cerâmica laconiana foi descoberta em quantidades consideráveis no século XIX, principalmente em túmulos etruscos. Inicialmente, foi falsamente interpretado como produto de Cirene, onde material similar foi encontrado. Graças às escavações britânicas realizadas desde 1906 no santuário de Ártemis em Esparta, a origem real foi mais tarde reconhecida.

Conrad Stibbe, depois de examinar um número significativo de vasos lacônios descobertos em Samos, publicou seus resultados em 1972 através do primeiro catálogo europeu sobre os vasos lacônios. Além disso, conseguiu distinguir cinco grandes pintores de vasos lacônios Boreades, Naukratis, Allard-Pierson, Typhon e Chimeira.

A argila dos vasos lacônios é laranja, bastante refinada e de alta qualidade. Os recipientes foram cobertos total ou parcialmente com um deslizamento branco amarelado. Os primeiros vasos de qualidade notável foram feitos em torno de 580 a.C., a forma principal da cerâmica laconiana é o *kylix*. A borda e a tigela foram inicialmente claramente distinguidas, mas, em meados do século VI a.C., a transição foi mais suave. As primeiras copas não tinham pé, depois, um pé de agachamento curto foi adicionado.

A cerâmica laconiana, em sua maioria, foi produzida por periecos, mesmo com o envolvimento de algumas famílias dos cidadãos espartanos com atividades artesanais de importância direta para a guerra. Outra teoria propõe que os oleiros fossem feitos por oleiros itinerantes da Grécia Oriental. Isto seria sugerido pela influência forte do grego oriental sobre as pinturas, especialmente aquelas feitas pelo pintor Boreades. A produção destinava-se ao mercado local e a alguma exportação.

Os copos foram feitos na maior parte para exportação, o tipo *lakaina* de vaso espartano principalmente na Lacônia. O trabalho de alguns dos pintores até agora não foi encontrado na região da Lacônia, indicando que algumas oficinas se concentraram inteiramente na exportação. Pode-se presumir que os produtores eram pintores de oleiro, ou seja, que ambos os estágios de produção eram realizados pelos mesmos indivíduos, pois certas características específicas nas formas de vaso só são encontradas em trabalhos atribuídos a um único pintor.

Os pintores fizeram bastante uso de cores adicionais como vermelho e branco, entretanto, com bastante cautela a fim de aumentar o efeito decorativo do vaso. Mais cedo do que outros estilos locais como o de Corinto, da Ática ou da Grécia Oriental, os vasos lacônios tiveram o seu interior decorado, em especial, os *copos*.

Os pintores lacônios, geralmente, retratavam nos vasos cenas da vida cotidiana, cenas de caça, cenas míticas com representação dos deuses e semideuses e motivos relacionados à guerra, cenas mitológicas eram bastantes comuns. A figura mítica mais retratada nos vasos lacônios era *Héracles*, geralmente representado em combate com animais ou monstros. Outras representações míticas se davam em torno de Aquiles, a caça ao javali Calydonian, o retorno de Hefáistos ao Monte Olimpo e Prometeu, entretanto, os deuses mais representados eram Zeus e Poseidon. Outra figura bastante comum representada nos vasos lacônios é a górgona.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ARISTÓFANES. **Lysistrata**. Trad. Ana Maria César Pompeu. São Paulo: HEDRA, 2010.

ARISTÓTELES. **Política**. Trad.: H. Rackham. London: William Heinemann Ltd., 1944.

HERÓDOTO. **História**. Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

_____. **Leis**. Trad.: R.G. Bury. Cambridge: Harvard University Press/ The Loeb Classical Library, 1968.

_____. **Protágoras**. Tradução, introdução e notas por Frédérique Ildefonse. Paris: GF - Flammarion, 1997.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto; tradução direta do grego de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1982.

XENOFONTE. **L'Art de la chasse**. Trad. E. Delebecque. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

_____. **A Constituição dos Lacedemônios**. Trans. Michael Lipka. Berlin; New York: de Gruyter, 2002.

_____. **Banquete; Apologia de Sócrates**. Trad.: Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

_____. **Anábases**. Trad.: Ramón Bach Pellicer. Madrid: Editorial Gredos, 2010.

DOCUMENTAÇÃO IMAGÉTICA

BÉRARD, Claude. **Iconographie, Iconologie, Iconologique**. In: Études de Lettres. Paris, p. 5-37, 1983.

_____. **A City of Images: Iconography and Society in Ancient Greece.** Princeton, 1989.

CALAME, Claude. **Le Récit en Grèce Ancienne: Enonciations et representations de Poètes.** Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.

_____. **L'Éros dans la Grèce antique.** Paris: Éd. Belin, 1996.

BRITISH, Museum. **Pottery: black-figured hydria (water-jar) with a gorgon's head between sphinxes above a line of birds – 540/530 BC.** London: British Museum. Museum Number: 1849,0518.14. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?partid=1&assetid=15011001&objectid=399458>. Acesso em: 10/05/2018.

KARDIANOU-MICHEL, Alexandra. **Laconian black-figure cup – 550/540 BC.** Department of Greek, Etruscan, and Roman Antiquities: Archaic Greek Art (7th-6th centuries BC). Musée du Louvre, Paris: France. E 669. Disponível em: <<http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/laconian-black-figure-cup>>. Acesso em: 10/05/2018.

Mapa referencial da Grécia Antiga – xCHEx. Disponível em: <<https://xcheffraffix.wordpress.com/2015/06/25/historia-da-arte-grecia-o-berco-e-o-aprimoramento-da-arte-mundial-03/>> Acesso em: 10/05/2018.

PIPILI, Maria. **Laconian Iconography in sixth century.** Oxford: University Press, 1987.

POWELL, BARRY B. **Spartan black-figure wine-cup – 555 BC.** In.: Oxford University Press's Academic Insights for the Thinking World. N° Fig.- 9.2. Disponível em: <<https://blog.oup.com/2013/11/characters-from-the-iliad-in-ancient-greek-art/>>. Acesso em: 10/05/2018.

STIBBE, Conrad M. **Lakonische Vasenmaler.** London and Amsterdam: New Holland Company, 1972.

ZANCANI-MONTUORO, P. **L'agguato a Troilo nella ceramica laconica.** In.: Bolletino D'Arte, 39, p. 290-299, 1954.

DICIONÁRIOS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOSSE, Claude. **Dicionário da Civilização Grega**. Trad: Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SCHMIDT, Joël. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Trad. João Domingos. Lisboa: Edições 70, 1985.

BIBLIOGRAFIA

ALDROVANDI, C. E. V. **Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo**. São Paulo: Labeca – MAE/USP, 2009.

ANDERSON, J. K. **Xenophon**. Bristol: Western Printing Services, 1974.

ARENILLA, L. et al. (Org.). **Dicionário de pedagogia**. Lisboa: Piaget, 2001.

ASSUMPCÃO, L. F. B. **O Discurso de Xenofonte e o Processo de Formação na Esparta Clássica**. Rio de Janeiro: Nearco. v. II, p. 125-146, 2013.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. In.: LEACH, Edmund (et al). *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BATISTA, A. A. G. **Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos**. In.: ABREU, M (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, p. 529-575, 1999.

BITTENCOURT, C. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In.: _____ (Org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, p. 69-90, 2002.

BOUDON, R. **Sens et raisons: théorie de l'argumentation et sciences humaines**. *Hermes*, n. 16, p. 29-43, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **As Tabellae Defixionum de Sagunto: as Práticas da Magia e as Interações Culturais na Península Ibérica (séculos I e II d.C.)**. Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel em História – UERJ. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.nea.uerj.br/publica/monografias/MonografiaCarlosEduardodaCostaCampos>>. Acesso em: 10/05/2018.

_____; CANDIDO, Maria Regina (et.al). **Novas Perspectivas sobre a Aplicação Metodológica na História Antiga**. In: BASTOS, J. B.; MENDES, N. M.; ROSA, C. B. da; TACLA, A. B. A Busca do Antigo. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

CANDIDO, Maria Regina. **Os Diferentes Olhares sobre o Corpo do Morto na Atenas Clássica**. In.: THEML, Neyde. et.al. Olhares do Corpo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARTLEDGE, Paul. **Hoplites and Heroes. Sparta's contribution to the technique of ancient warfare**. In.: Journal of Hellenic Studies, p. 11-27, 1981.

_____. **Spartan Reflections**. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 2001.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

CAWKWELL, George. **Introduction**. In.: XENOPHON. A History of my Times (Hellenica). Trad: Rex Warner. London: Penguin Books, 1979.

CHEVITARESE, André Leonardo. **Uma nova proposta de interpretação de um vaso ático de figuras negras do santuário de Hera**. In.: COSTA, Ricardo da e PEREIRA, Valter P. (Orgs.). História. Revista do Departamento de História da UFES 9. Vitória: Edit. UFES, p. 7-15, 2001.

CODEÇO, Vanessa F. de Sá. **Modelo de Cidadania e Modelo de Educação: a Paidéia idealizada pelos filósofos**. Rio de Janeiro: GAIA/LHIA, 2008.

COOK, John M. **Spartan History and Archaeology**. In.: *Classical Quarterly*, V. 12, n. 1, p. 156-158, 1962.

DAWKINS, Richard. **The Sanctuary of Artemis Orthia**. London: *Journal of Hellenic Studies*, Supplementary Paper, 1929.

FALCON, Francisco Calazans. **História e Representação**. In.: *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Vol.21, p.87-126, 2000.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. **O Mundo Antigo: economia e sociedade**. Rio São Paulo: Atual, 1982.

FINLEY, Moses. **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **O legado da Grécia Antiga. Uma nova avaliação**. Brasília: ED. UnB, 1998.

FONSECA, T. N. L. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FUNARI, P. P. A. **A renovação da História Antiga**. In.: KARNAL, L. (Org.). *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, p. 95-107, 2003.

GONÇALVES, A. T. M.; SILVA, G. V. da. **O ensino de História Antiga nos livros didáticos brasileiros: balanço e perspectivas**. In.: CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. *A Tradição Clássica e o Brasil/André Leonardo Chevitarese, Gabriele Cornelli, Maria Aparecida de Oliveira Silva*, – Brasília: Fortium, p. 21-34, 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **A Economia Antiga e a Arqueologia Rural**. *Clássica*. São Paulo, vol. 7/8, p. 271-283, 1994/5.

_____. **Uma morfologia da História: as formas da História Antiga**. *Politeia*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

HALL, Jonathan M. **Ethnic identity in Greek Antiquity**. Cambridge. Cambridge University Press, 1997.

_____. **Quem foram os gregos**. In.: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 213-225, 2001.

HODKINSON, Stephen. **Social Order and Conflict of Values in Classical Sparta**. In.: WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. **Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica**. In.: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho, p. 92-106, 2004.

HOURDAKIS, A. **Aristóteles e a Educação**. Tradução de Albertina Pereira Leite Piva. São Paulo: Loyola, 1998.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAGUARIBE, Helio. **Introdução**. In.: TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. Prefácio de Helio Jaguaribe; Trad. Do grego de Mário de Gama Kury. 4º Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: Ed UERJ, p. 17- 44., 2001.

_____. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Brasília: Sociedade e Estado, 2009.

KENNEL, Nigel M. **The Gymnasium of Virtue**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995.

LÉVY, Edmond. **Sparte – Histoire politique et sociale jusqu'à la conquête romaine**. France: Éditions du Seuil, 2003.

MAGALHÃES, M. S. **História e cidadania: por que ensinar história hoje?** In.: ABREU, M. e SOIHET, R. (Org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da palavra, p. 168-184, 2003.

MANACORDA, M. A. **História da educação. Da Antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Edição Pedagógica e Universitária, 1975.

MOURA, José F. de. **Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica**. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, 2000.

_____. **A Iconografia de Combate Espartana. A guerra nos vasos de figuras negras lacônios do século VI a.C.** In.: Phoênix / UFRJ. Laboratório de História Antiga Ano VIII – 2002. Rio de Janeiro: Mauad Editora, p. 210-229, 2002. ISSN: 1413-5787.

_____. **Algumas questões acerca das representações do banquete na iconografia espartana do século VI a.C.** *Clássica*, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, p. 63-77, 2002.

_____. **Vínculos entre divindade e poder secular nos vasos de figuras negras da Lacônia no século VI a.C.** In.: FIDORA, Alexander y PARDO PASTOR, Jordi (coord.). *Mirabilia* 02, p. 47-61, Dec. 2002. ISSN: 1676-5818.

_____. **Emergência e Colapso da produção de vasos lacônios figurados. Iconografia, comércio e política na Esparta do século VI a.C.** In.: Phoênix / UFRJ. Laboratório de História Antiga Ano IX – 2003. Rio de Janeiro: Mauad Editora, p. 158-195, 2003. ISSN: 1413-5787.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **La psychologie sociale.** Paris: PUF, 1984.

_____. **Sobre representações sociais.** (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

MUNAKATA, K. **Livro didático: produção e leituras.** In.: ABREU, M. (Org.). *Leitura, História e História da Leitura.* Campinas: Mercado de Letras, p. 557-594, 1999.

NADAI, Elza. **O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”.** In.: PINSKY, J. et al. *O Ensino de História e a criação do fato.* São Paulo: Contexto, p. 23-29, 2002.

OLIVA, Pavel. **Esparta y sus problemas Sociales.** Madrid: Akal Editor, 1983.

OLIVEIRA, M. **Representação social e simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira.** In.: *Revista de ciências humanas.* Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, p. 173-193, 1999.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 2a. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PAPPAS, Nickolas. **A República de Platão.** Tradução de Abílio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1996.

PESSANHA, José A. Motta. **Introdução.** In.: Sócrates. (Os Pensadores). Nova Cultural, 1987.

PILETTI, C. et al. **Filosofia e história da educação.** 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PINHEIRO, Ana Elias. **Tradução do Grego, Introdução e Notas.** In.: XENOFONTE. Banquete; Apologia de Sócrates. Trad.: Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

POMEROY, Sarah B. **Spartan Women.** Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. **Xenophon's Spartan Women.** In.: TUPLIN, Christopher. Xenophon and his World. Papers from a conference held in Liverpool in July 1999. *Historia Einzelschriften*, 172. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 201-214, 2004.

POWELL, Anton. **Athens and Sparta – Constructing Greek Political and Social History from 478 BC.** London: Routledge, 2001.

RAWSON, Elisabeth. **The Spartan Tradition in European Thought.** Oxford: Clarendon Press, 1991.

ROLLEY, Claude. **La sculpture grecque. La période classique.** Paris: Picard, 1999.

SCANLON, Thomas. **Eros and Greek Athletics.** New York: Oxford University Press, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação.** São Paulo: UNESP, 2005.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei. **A História Social e a Abordagem Culturalista da História.** In: I Encontro Nordestino de História Colonial, 2006, João Pessoa. I Encontro Nordestino de História Colonial - Programação e Caderno de Resumos. João Pessoa: PPGH-UFPB, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Cultura material e tradição literária nos livros didáticos: a criação do mito espartano.** In.: CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. A Tradição Clássica e o Brasil/André Leonardo Chevitarese, Gabriele Cornelli, Maria Aparecida de Oliveira Silva, – Brasília: Fortium, p. 91-99, 2008.

SILVA, Cleyton Tavares da Silveira. **Esparta como Vontade e como Representação: uma introdução à escrita de Xenofonte na construção da Lacedemônia.** In.: Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medieval – Volume 2/2, Agosto a Dezembro, p. 1-13, 2010. ISSN: 1983-2087

SILVA, Caio Alexandre D.; VIEIRA, Ana Livia B. **GUERRA E MITO: Héracles e a identidade guerreira em Esparta no século V a.C.** In.: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia

B.; COSTA, Alex Silva. VI Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão. Realização: outubro 2015. Universidade Estadual do Maranhão (Textos completos). São Luís: Editora UEMA, p. 105-110, 2017. ISBN: 978-85-8227-178-0

SPIVEY, Nigel. **Greek vases in Etruria**. In.: Rasmussen, Tom and Spivey, Nigel (eds). Looking at Greek Vases. Cambridge University Press, p. 131-150, 1997.

TÔRRES. Moisés Romanazzi. **Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.)**. In.: Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, N.1, 2001. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2226874>>. Acesso em: 08/05/2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VAL VALDIVIESO, M^a Isabel del; et all. **La historia de las mujeres: una revisión historiográfica**. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2004.

VESENTINI, C. A. **Escola e livro didático de História**. In.: SILVA, M. A. (Org.) Repensando a História. São Paulo: Marco Zero, p. 69-80, 1983.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. da C.; KHOURY, Y. M. A. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2003.

WHIBLEY, Leonard. **Greek Oligarchies – their character and organisation**. New York: Haskell House Publishers Ltd., 1971.

WHITBY, Michael. **Sparta**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.